



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**  
**MESTRADO**

**JOSEILTON JOSÉ DE ARAUJO SILVA**

**A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL COMO**  
**INSTRUMENTO DIDÁTICO-METODOLÓGICO NO ENSINO DE**  
**GEOGRAFIA**

**JOÃO PESOA – PB**

**2012**

**JOSEILTON JOSÉ DE ARAUJO SILVA**

**A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL COMO  
INSTRUMENTO DIDÁTICO-METODOLÓGICO NO ENSINO DE  
GEOGRAFIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB), para obtenção da titulação de mestrado em Geografia.

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA ADAILZA MARTINS DE ALBUQUERQUE**

**JOÃO PESOA – PB**

**2012**

S586u Silva, Joseilton José de Araujo.

A utilização da literatura de cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de geografia / Joseilton José de Araujo Silva.-- João Pessoa, 2012.

157f. : il.

Orientadora: Maria Adailza Martins de Albuquerque

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN

1. Ensino de Geografia – Literatura Popular. 2. Ensino de Geografia – Literatura de Cordel. 3. Metodologia de ensino. 4. Cordel – recurso didático pedagógico – ensino de geografia.

UFPB/BC

CDU: 37:91:82-91(043)

**“A Utilização da literatura de Cordel como Instrumento  
Didático-Metodológico no Ensino de Geografia”**

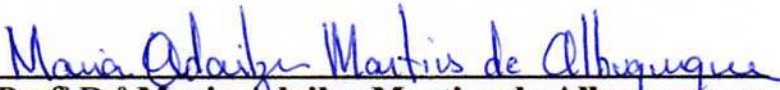
por

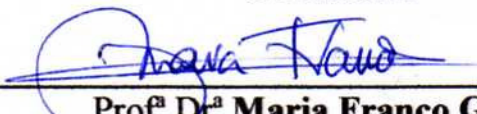
**Joseilton José de Araújo Silva**

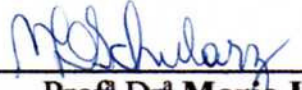
Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de  
Pós-Graduação em Geografia do CCEN-UFPB, como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente

Aprovada por:

  
Profª Drª **Maria Adailza Martins de Albuquerque**  
Orientadora

  
Profª Drª **Maria Franco Garcia**  
Examinadora interna

  
Profª Drª **Maria Luiza Schwarz**  
Examinadora externa

**Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Exatas e da Natureza  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Curso de Mestrado em Geografia**

Março/2012

A Deus, Pai e provedor das condições essenciais à vida.

A meu pai, Natalício José da Silva (*in memorian*), que mesmo sendo analfabeto nunca me deixou esquecer o valor do estudo e do conhecimento. A minha mãe, Amara Gercina de Araujo, pela dedicação, amor e confiança.

A minha esposa Maria das Dôres (Dôra), pela compreensão, amor e companheirismo. Às minhas filhas Iasmyn, Iêda e Iara, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência e nas necessidades. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um momento de grande relevância. Primeiro porque nos faz repensar os obstáculos superados, alegrias vividas e compartilhadas, e nos permite também evidenciar as pessoas que estiveram ao nosso lado, durante essa trajetória. Algumas contribuíram e passaram; outras contribuíram e permaneceram definitivamente.

Agradeço inicialmente aos colegas de turma, do Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGG – da Universidade Federal da Paraíba – UFPB – que contribuíram com sua amizade, companheirismo, tornando mais fácil a superação de dificuldades individuais e coletivas, em especial, aos colegas Pércles, Nicolly, Jean, Wellington, Henrique, Shauane e Dilson por terem trabalhado de forma mais direta comigo.

Agradecimento especial à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Adailza Martins de Albuquerque, a querida Dadá, pelas contribuições acadêmicas, amizade, confiança, seriedade e dedicação, que foram condições essenciais para a realização desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGG, pelas contribuições e ensinamentos compartilhados durante as aulas, e incentivo acadêmico que foram de fundamental importância. A todos, meus sinceros agradecimentos e reconhecimento.

À banca de qualificação, composta pelas Professoras Doutoras Maria Franco Garcia – examinadora interna – PPGG/UFPB – e Maria Luiza Schwarz - examinadora externa – UFCG/Cajazeiras, pelas importantes observações e valiosas sugestões que muito contribuíram para o amadurecimento teórico-metodológico que embasou a presente dissertação.

A senhora Maria Sônia do Nascimento, secretária do PPGG/UFPB, pela atenção e disponibilidade com que sempre atendeu às minhas solicitações.

Aos coordenadores do PPGG/UFPB, Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso e Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues, que com competência e seriedade, tão bem conduziram o referido Programa.

Ao senhor Luís Gonzaga de Lima (Gonzaga de Garanhuns), por ter sido participante ativo no processo de investigação sobre o cordel, objeto de estudo deste trabalho. Aos demais cordelistas, pelas suas valiosas contribuições como participantes e entrevistados.

Aos professores e colegas Flávio Bezerra de Oliveira, pelas revisões ortográficas, Edjane de Oliveira Silva Rodrigues, pela tradução do abstract, Joscivânia Rodrigues B. da Silva e Carlos Roberto Cruz Ubirajara, por estarem sempre presentes incentivando e apoiando nos momentos de dificuldade.

Aos que fazem a Escola Professora Elisa Coelho – Ensino Fundamental e Médio, Garanhuns-PE, pela disponibilidade em desenvolver o projeto piloto, na realização de palestras/oficina, para o estudo de campo desta pesquisa.

Agradeço em especial aos compadres Paulo e Lizandra, e aos meus afilhados Luís Filipe e João Artur, pela amizade, carinho e apoio.

Às amigas, Maria Madalena Almeida, Aurelânia Elias de Azevedo Vaz e Ecia Mônica Leite de Lima Freitas, sem vocês não teria conseguido.

Ao casal Givaldo e Dulce, que me acolheram em sua casa, tratando-me como membro de sua família, meus eternos agradecimentos e a certeza de uma amizade sincera.

Aos meus familiares e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, em especial, aos meus sobrinhos Diego e Milton, meus sinceros agradecimentos.

"Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção"...  
"O educador se eterniza em cada ser que educa".

" Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se cria, em que se fala, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida"

(Paulo Freire)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal, analisar as possibilidades da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia. O cordel objeto de estudo da presente pesquisa, apresenta-se como uma das mais ricas manifestações da cultura popular. Assim sendo, capaz de contextualizar as situações didáticas nas aulas de Geografia e disciplinas afins. Ao aproximar o conhecimento científico do conhecimento popular, o cordel faz uma ponte entre o saber acadêmico e o saber escolar. A Geografia apresenta-se para a escola, na atualidade como uma ciência dinâmica e, portanto, construída no espaço concebido e vivido. Partindo do pressuposto de que o poeta de cordel, aqui caracterizado como cordelista, expressa na sua produção características de um conhecimento construído nas experiências culturais e cotidianas, que nos revela as concepções da realidade sociocultural de um determinado lugar. A região Nordeste, foi delimitada como recorte espacial da presente pesquisa, à medida que buscamos identificar através de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa de campo, os conteúdos geográficos nestes contidos, que pudessem, efetivamente, caracterizar essa região nas aulas de Geografia. O caráter educacional e informacional contido nos cordéis pode vir a ser um recurso didático-metodológico capaz de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, na educação básica. Este, já vem tendo o seu valor reconhecido no ensino superior. Entretanto, com algumas exceções, na educação básica este ainda é pouco aproveitado. Para formular o percurso teórico-metodológico do trabalho que ora apresentamos, procuramos mostrar a relação entre cultura, saber popular e científico abordando perspectivas da Geografia Crítica e Cultural e provocando um diálogo entre as Geografias Acadêmica e Escolar. Buscando evidenciar as potencialidades do cordel, traçamos um panorama histórico e cultural do mesmo no Brasil e no Nordeste. Fazendo uma correlação entre o mesmo e a educação informal. Concluindo nosso processo de pesquisa, analisamos alguns cordéis, procurando identificar o caráter educacional e os conteúdos geográficos sobre o Nordeste nestes contidos. Esperamos que este trabalho possa, ajudar futuras pesquisas que tenham por objetivo ampliar o conhecimento sobre o cordel e sua aplicabilidade como instrumento didático-metodológico.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Ensino de Geografia. Metodologia de ensino. Cultura. Nordeste.

## ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the possibilities of using Cordel as methodological-didactic instrument in the teaching of Geography. This literature, study object of this research, is presented as one of the richest expressions of popular culture. So being to be able to contextualize the teaching situations in the lessons of Geography and related disciplines. By bringing scientific knowledge of popular knowledge, the Cordel makes a bridge between academic knowledge and school knowledge. Geography presents to school, today, as a dynamic science and, therefore, built in space designed and lived. Assuming that poet of Cordel, here characterized as cordelista, expressed in its production characteristics of a knowledge built on cultural experiences and everyday, which reveals the concepts of socio-cultural reality of particular place. The Northeast region, was defined as a spatial area of this research, as we seek to identify through a literature review and field research, the geographic content contained in these, they could effectively characterize this region in geography lessons. The character educational and informational contained in the cordeis can become a teaching resource and methodological able to facilitate the teaching-learning in basic education. This is already having its value recognized in higher education. However, with few exceptions, the basic education that is still largely untapped. To formulate the theoretical and methodological route of work that present, we try to show, the relationship between culture, popular and scientific knowledge, perspectives addressing the Critical and Cultural Geography and provoking a dialogue between the Academic and School Geographies. Seeking to highlight the potential of Cordel, we draw a historical and cultural panorama in Brazil and the Northeast of it. Making a correlation between it and informal education. Concluding our research process, we analyze some cordeis, trying to identify the character educational and the geographic contents about Northeast contained in these. We hope that this work can help future studies that aim to increase knowledge about the Cordel and its applicability as methodological-didactic instrument.

**Keywords:** Literature of Cordel. Teaching Geography. Teaching methodology. Culture. Northeast.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Capa do folheto "A didática do cordel" .....                                                                                                        | 46  |
| Figura 2 - Cordéis pendurados em barbantes.....                                                                                                                | 49  |
| Figura 3 - Páginas 6 e 7 do folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do<br>Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante.....                         | 67  |
| Figura 4 - Páginas 14 e 15 do folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do<br>Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante.....                       | 68  |
| Figura 5 - Páginas 22 e 23 do folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do<br>Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante.....                       | 68  |
| Figura 6 – Foto de palestra/oficina realizada pelo cordelista Gonzaga de Garanhuns,<br>realizada na Escola Professora Elisa Coelho em 11/08/2009.....          | 94  |
| Figura 7 - Capas dos folhetos “a didática do cordel”; “Quirino, o vaqueiro que não<br>mentia”, “Romance do pavão misterioso” e “A gramática em<br>cordel”..... | 104 |
| Figura 8 - Capa do livro do Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula.....                                                                                         | 104 |
| Figura 9 - Alunos do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente<br>(Caic) em Caruaru/PE produzindo cordéis.....                                     | 105 |
| Figura 10– Capa do folheto que contém os três cordéis vencedores do concurso.....                                                                              | 106 |
| Figura 11– Cordel vencedor do concurso. Título: “Quem pensa que o nordeste é só<br>pobreza nunca veio aqui nos visitar”.....                                   | 107 |
| Figura 12– Capa do cordel “Plantas da caatinga”.....                                                                                                           | 113 |
| Figura 13 - Capa do cordel "O sertão de alma lavada" .....                                                                                                     | 122 |
| Figura 14 - Capa do cordel "Paulo Freire" .....                                                                                                                | 127 |
| Figura 15 - Capa do cordel "Um Brasil nascido no Nordeste" .....                                                                                               | 131 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                      |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                    | 11  |
| <b>Capítulo 1. UM PERCURSO TEÓRICO–METODOLÓGICO</b>                                                  | 16  |
| 1.1 A inter-relação entre cultura, saberes popular e científico                                      | 16  |
| 1.1.1 Uma perspectiva crítica para a Geografia                                                       | 24  |
| 1.1.2 Uma perspectiva cultural para a Geografia                                                      | 28  |
| 1.1.3 A Geografia acadêmica e a Geografia escolar                                                    | 33  |
| 1.2 Um percurso metodológico para a pesquisa                                                         | 40  |
| 1.2.1 Pesquisa bibliográfica                                                                         | 42  |
| 1.2.2 Pesquisa de campo                                                                              | 42  |
| 1.2.3 Seleção dos cordéis e autores a serem analisados                                               | 45  |
| <b>Capítulo 2. PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL DO CORDEL NO BRASIL<br/>E NO NORDESTE</b>               | 46  |
| 2.1 Breve histórico da introdução do cordel no Brasil                                                | 46  |
| 2.2 O Nordeste como local de difusão e produção da Literatura de Cordel                              | 56  |
| 2.3 O cordel como veículo de comunicação popular                                                     | 63  |
| <b>Capítulo 3. O CORDEL E A EDUCAÇÃO INFORMAL</b>                                                    | 73  |
| 3.1 O cordel e seu papel sociocultural                                                               | 76  |
| 3.2 A relação do cordel com a geopoiesia                                                             | 78  |
| <b>Capítulo 4. O CORDEL NA SALA DE AULA</b>                                                          | 91  |
| 4.1 As potencialidades da utilização do cordel como instrumento didático nas aulas de<br>Geografia   | 96  |
| 4.2 Projetos educacionais que usam os cordéis em sala de aula: algumas experiências,<br>em andamento | 101 |
| 4.2.1 Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula                                                          | 101 |
| 4.2.2 Projeto O Maior Cordel do Mundo                                                                | 105 |
| 4.3 Os conteúdos e/ou conhecimentos geográficos sobre o Nordeste nos cordéis                         | 108 |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES</b>                                                                              | 135 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                   | 138 |
| <b>APÊNDICES</b>                                                                                     | 145 |

## INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura em que se cobra da escola que torne o processo de ensino–aprendizagem atraente, estimulante, participativo e, assim, mais democrático, tem sido grande o esforço dos sujeitos educacionais em transformarem a escola, adequando-a às necessidades expectativas da comunidade em que se encontra inserida. Para que esse processo de transformação/adequação que vem, efetivamente, sendo construído na escola seja consolidado, há um longo caminho a ser percorrido. No campo educacional, toda mudança se efetiva de forma lenta e contínua. Assim sendo, a socialização de experiências inovadoras, a motivação, a adoção de recursos didáticos estimulantes e criativos que envolvam os educandos na construção participativa de conhecimento são estratégias e desafios postos aos profissionais da educação.

De acordo com Pontuschka (2007), a grande questão atual para o ensino, em especial, de Geografia, é dar significados ou ressignificados a um conhecimento que o aluno ou o próprio professor já possuem. Segundo a autora, é essencial para aprendizagem significativa, interagir com os diversos saberes para produzir um novo saber.

A questão didático-metodológica apresenta-se revigorada no pensamento contemporâneo e, a partir de novas abordagens, revela uma preocupação fundamental no que tange ao papel da ciência e da metodologia na construção de novos conceitos e novos saberes que possam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. Dentre essas mudanças, destacamos o resgate e a valorização da cultura como fornecedora de novos caminhos conceituais capazes de mostrar a importância da busca de alternativas educacionais que propiciem aos educandos o desenvolvimento de uma percepção abrangente de sua realidade sociocultural e com isso, contribuir para a formação de cidadãos capazes de transformar a situação sociocultural, na qual se encontram inseridos.

A teoria das representações sociais tem sido utilizada para o estudo de muitas questões contemporâneas por diversos pesquisadores que compreendem que os pontos comuns entre elas são as influências recebidas dos conhecimentos tradicionais, étnicos, populares e científicos. Ou seja, elas são as visões de mundo e senso comum que diferentes indivíduos e grupos sociais carregam, de forma fragmentada e difusa. Portanto, conhecer as representações dos alunos sobre as questões relativas à concepção de mundo, poderá nos auxiliar a entender como eles estão captando, interpretando e agindo em sua realidade próxima, já que essas representações são fundamentais na formação de opiniões e no estabelecimento de atitudes

individuais e coletivas. No entanto, como essas são dinâmicas é importante identificá-las, para que sejam trabalhadas com os alunos nas relações escola-comunidade, permitindo assim, levantar questões que possibilitem realizar reflexões sobre nossa prática educativa, verificando a necessidade ou não de trabalhar na perspectiva de superação de visões distorcidas que esses educandos, eventualmente, possam ter, sem no entanto, esquecer que o ato de ensinar exige respeito aos saberes dos educandos (FREIRE, 1996).

Esses saberes – acumulados da vivência de diferentes experiências – não podem ser desconsiderados, uma vez que isso promoveria uma ruptura entre as relações vida e escola, aprendizado formal e informal (FREIRE, 1996). Isso não quer dizer que os educadores não devam compartilhar conhecimentos científicos, mas que precisam ter consciência de que o educando, embora ainda não tenha se apropriado dessa forma de conhecimento, é detentor de um saber que é fruto da cultura e da vida em sociedade, resultante das relações com pessoas que pensam, sentem e se comunicam. Sendo assim, não são indivíduos vazios e, portanto, não podem ser considerados depósitos de conteúdos (FREIRE, 2003).

O saber popular ou senso comum apresenta-se como uma forma de conhecimento prático. Embasado em ações do cotidiano. A estrutura sobre a qual se ergue o pensamento comum se caracteriza como estrutura informal, isto é, uma espécie de estrutura semi-lógica e flexível de caráter espontâneo, que surge de forma prática por parte dos indivíduos no uso dos atos de fala e ações sociais no cotidiano. Ou seja, é um conhecimento estruturado no pensamento em que as pessoas comuns procuram articular o conhecimento à sua vida sem pretensão de transcendência e sem a necessidade de padronização de regras e convenções.

Seria então um pensamento livre, fortemente influenciado pela tradição e costumes coletivos. Ou seja, deve ser analisado como uma forma de percepção social a partir do conteúdo que ele faz representar conforme as necessidades práticas. Dessa forma, o saber popular que gera o que a ciência passa a definir, como senso comum, é um produto do mundo moderno e se caracteriza pelo seu conteúdo de informalidade que produz um modelo de conhecimento simples e popular resultante da veiculação de informações elementares difundidas sob a forma de valores e costumes sociais da vida cotidiana contrapondo-se assim ao tipo de conhecimento dito científico.

Dentro desse contexto, se produziu no mundo moderno uma distinção entre a existência de um pensamento normatizado, resultante de um discurso científico e sistemático que conduz às explicações formais da e para a sociedade, e a existência de um conhecimento advindo de um modo de saber prático condutor de um conhecimento popular na sociedade.

Em face de uma realidade tão diversa e complexa, cabe à ciência compreender essa diversidade de saberes, opiniões e concepções, no sentido de poder integrar socialmente os seres humanos e propiciar a interação entre eles mesmos, levando em consideração sua multiplicidade de saberes, sobretudo, o da experiência: o saber popular.

Nesse contexto, no presente trabalho pretendemos investigar o conteúdo educativo contido na literatura de cordel sobre a região Nordeste. A ênfase da pesquisa está focada nos conteúdos geográficos sobre a região Nordeste contidos nos cordéis, que efetivamente possibilitem, através do saber popular, a abordagem escolar sobre esta região nas aulas de Geografia.

Nessa perspectiva, os conteúdos geográficos presentes nos cordéis serão o objeto de investigação, tendo o Nordeste do Brasil como tema a ser abordado e a escola como recorte espacial de análise, buscando, dessa forma, identificar as características sociais, econômicas e culturais do Nordeste evidenciadas no cordel, que possam servir como recurso didático na contextualização geográfica dessa região.

Pois, como afirma Araujo (2007, p. 17):

Ao ser articulado à educação, o cordel, por tratar de conteúdos culturais e de aprendizagem, pode enriquecer o ato educativo, nas situações de ensino-aprendizagem, ampliando a compreensão sociocultural nordestina, por parte do educando.

Consciente da existência de diversas pesquisas realizadas sobre o cordel como instrumento metodológico nas mais diversificadas áreas do conhecimento, em especial, nas Ciências Humanas e Sociais, a presente temática ainda apresenta-se pouco explorada no que concerne à utilização do mesmo nas aulas de Geografia.

Portanto, colocam-se as seguintes questões a serem investigadas nessa pesquisa: Que possibilidades a Literatura de Cordel apresenta para uso, como recurso didático, nas aulas de Geografia? Como o cordel pode transformar-se em um recurso didático-pedagógico para o ensino de Geografia, especificamente, quando o professor trabalha com conteúdos referentes à região Nordeste? As informações contidas nos cordéis podem ajudar educadores e educandos a contextualizar o conhecimento geográfico?

O trabalho que ora apresentamos e que se propõe a pesquisar e investigar as questões acima citadas encontra-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, traçamos um percurso teórico-metodológico em que procuramos evidenciar os objetivos e problema a ser analisado, para tanto, abordamos a inter-relação entre cultura, saber popular e científico, para subsidiar a análise desses conceitos promovendo uma discussão teórica com ênfase nos

debates evidenciados pela Geografia Crítica e pela Geografia Cultural, tendo em vista que foi a partir das teorias da primeira que surgiu o interesse de estudiosos, em especial, os geógrafos, em desenvolver os primeiros estudos específicos sobre a influência da cultura nos estudos geográficos. Consequentemente, o enfoque educacional da presente pesquisa, nos levará a promover uma discussão, buscando subsidiar uma aproximação da Geografia acadêmica com a Geografia escolar.

Complementando o capítulo, traçamos um percurso metodológico para a pesquisa, composta de uma primeira parte bibliográfica, em que trouxemos a luz uma discussão a partir de renomados autores e suas teorias sobre o tema abordado, complementada por uma pesquisa de campo, na qual desenvolvemos atividades, tais como: palestra e oficina realizada com alunos e professores da Escola professora Elisa Coelho – Ensino Fundamental e Médio, situada no município de Garanhuns-PE. Nessa contendo com a participação do cordelista Luiz Gonzaga de Lima (Gonzaga de Garanhuns), como palestrante. Outra atividade desenvolvida em campo foi a visita a museus, feiras e espaços destinados a produção e divulgação de cordéis, contando com a realização de entrevistas e coleta de depoimentos junto a cordelistas ou pessoas ligadas ao cordel. Como etapa final da pesquisa, realizamos a análise e seleção de cordéis que por seu teor regionalista, pudessem, efetivamente, conter conteúdos específicos do conhecimento geográfico, que pudessem ser utilizados em situações didáticas nas aulas de Geografia.

No segundo capítulo procuramos situar o objeto de estudo – o Cordel – traçando um panorama histórico e cultural do cordel no Brasil e no Nordeste, desde a sua introdução, passando pela difusão no Nordeste até sua função de veículo de comunicação popular. A partir deste ponto, passamos a destacar trechos selecionados de cordéis que pudessem contribuir para o entendimento da relação do cordel com o tema abordado.

No terceiro capítulo abordamos a relação existente entre o cordel e a educação informal, partindo da premissa de que o cordel é uma produção que emana do saber popular e que esse saber, na maioria das vezes, é transmitido de maneira informal, ou seja, fora da escola. Para tanto, destacamos o papel sociocultural do cordel e a sua relação com a geopoiesia, haja vista que, apesar de ser uma forma de literatura, o cordel utiliza-se da poesia como forma de expressão.

No quarto capítulo evidenciamos os resultados e discussões sobre a pesquisa. É neste capítulo que expomos as potencialidades do cordel como recurso didático para as aulas de Geografia, analisando projetos educacionais que utilizam o cordel como instrumento didático-metodológico e relatando as experiências em andamento. Concluindo, passamos a apresentar

os cordéis submetidos à análise com seus conteúdos geográficos em destaque e comentando como cada conteúdo poderia, efetivamente, contribuir para enriquecer as situações didáticas, no processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

Com base no estudo desenvolvido e nas conclusões obtidas traçamos nossas considerações a respeito do trabalho de pesquisa desenvolvido. Esperamos com este trabalho não esgotar a temática em questão, mas sim, que este possa efetivamente contribuir para outros trabalhos de pesquisa, que objetivem ampliar o leque de possibilidades quanto à utilização do cordel como instrumento didático-metodológico.

## **1. UM PERCURSO TEÓRICO–METODOLÓGICO**

### **1.1 A interrelação entre cultura, saberes popular e científico**

Entendemos que o conhecimento é produzido a partir de uma relação social, o saber popular, no âmbito das relações que se tecem entre os sujeitos sociais no cotidiano, pode contribuir para a construção de outros saberes, entre os quais, o científico. Por isso se constitui um conceito epistêmico central para discussão no campo etnometodológico, já que é uma ação relacionada ao indivíduo e ao coletivo.

Diante do cenário multifacetado que o mundo social apresenta, os sujeitos sociais são, em suas experiências comuns e cotidianas, primordiais para as análises que perpassam o campo da etnometodologia, que oferece os elementos necessários a compreensão de práticas culturais, de maneiras de fazer, de ações de todos os dias, de comportamentos, de modos de vida, enfim, de como os sujeitos sociais se organizam no contexto de suas atividades cotidianas. De acordo com Araújo (2007, p.55), “as complexidades de todas as atividades diárias se materializam no campo cultural, que ganham evidência na análise etnometodológica, cujos pressupostos visam auxiliar na compreensão do saber popular”

Esse saber, por sua vez, é construído no cotidiano, é operado de modo concreto, sem estar centrado nas exigências lógico-formais. A utilização expressa da linguagem e a forma de sua produção é que o diferenciam do saber-racional. Nele, são valorizadas as bases das concepções que fazem parte da vida social diária e das situações concretas dos sujeitos sociais, tanto individuais quanto coletivos. Pois, segundo Coulon “O projeto científico dessa corrente é analisar os métodos [...] que os indivíduos utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em sua vida cotidiana” (1995a, p. 15).

A etnometodologia é vista como um campo interdisciplinar que engloba conhecimento de outras áreas das Ciências Humanas e Sociais e cujo arcabouço teórico tem suas fontes na Sociologia, na História, na Geografia, na Antropologia, entre outras ciências. De acordo com Coulon (1995a), a etnometodologia não se constitui um método, mas um estudo dos métodos, dos quais os sujeitos lançam mão para dar sentido estruturado à realidade do seu cotidiano a partir de um conjunto de etnométodos. Ou seja, a etnometodologia é uma ciência da vida cotidiana e está pautada nas artes de fazer dos sujeitos sociais.

Independentemente do objetivo a que se propõe, o método é um instrumento organizado que procura atingir resultados estando diretamente ligado a teoria que o

fundamenta. Ou seja, é um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado. Conforme Lalande (1999, p.678) o método é “o caminho pelo qual se chegou a determinado resultado”. Entretanto, todo método contém alguns elementos que estão presentes, tais como: doutrina, ideologia, teoria, leis, conceitos e categorias. São esses elementos que dão uma característica comum e o diferencia dos demais.

Buscando caracterizar o método Bachelard (1983, p. 122) diz que “O método é verdadeiramente uma astúcia de aquisição, um estratagema novo, útil na fronteira do saber” em que o método científico é “aquele que procura o perigo (...) e a dúvida está na frente, e não atrás”, dessa maneira “não é o objeto que designa o rigor, mas o método”.

Portanto, o método é uma maneira de obter os resultados, ou seja, o pensamento do pesquisador, utilizando-se de uma teoria para fundamentar, citando, por exemplo, método dialético, sistêmico, fenomenológico, positivista, entre outros.

A forma como os sujeitos sociais compreendem o mundo social constitui um elemento balizador da etnometodologia. A interpretação do mundo e da vida e as histórias de vida dos sujeitos sociais ganham ressonância no campo etnometodológico, pois permite, enfim, chegar a um conhecimento do mundo social e do modo como esses sujeitos compreendem esse mundo.

Para os etnometodólogos, não existe diferença de natureza entre, de um lado, métodos empregados pelos membros de uma sociedade para se compreender e compreenderem o seu mundo social e, de outro lado, os métodos usados pelos sociólogos profissionais para chegarem a um conhecimento com pretensões científicas deste mesmo mundo. (COULON, 1995, p.87).

Concordando com esse autor, entendemos que no caso da produção cordelista, foi fundamental buscar um método de análise que captasse o modo de agir, pensar, fabricar sua vivência diária, seu saber-fazer expresso no dia-a-dia, pois esses são fatores essenciais para se compreender o sentido que o poeta de cordel faz do seu mundo e da vida.

Entendemos que o saber é uma construção dos sujeitos sociais, uma tentativa de o ser humano organizar suas experiências no mundo, por isso, depende do tempo, do lugar e da cultura onde é produzido. Essa compreensão nos levou a eleger o cordel como objeto de estudo e a etnometodologia, como aporte metodológico adequado para compreender o saber popular sobre o Nordeste contido nesse. Pois, quando da análise das realidades humanas dos nordestinos evidenciados nos cordéis, entendemos que os acontecimentos que se passam no cotidiano podem ser relevantes e servir de base interpretativa para a Geografia escolar. Ou seja, buscar identificar os conteúdos geográficos contidos nos cordéis, que caracterizam o

Nordeste e o nordestino, de forma a nos permitir fazer uma leitura geográfica, a partir de um viés educativo.

Em uma pesquisa de cunho etnometodológico é importante verificar as ações realizadas pelos sujeitos no cotidiano e a forma com que dão significado a essas ações. Desse modo, procuramos compreender como os sujeitos constroem sua subjetividade e intersubjetividade, a partir das experiências compartilhadas com o grupo social ao qual pertencem.

Na realidade, a diversidade cultural, a cognição humana, as percepções de mundo, a construção de conhecimento e dos fatores culturais que tiveram reflexos sobre a aprendizagem dos membros do grupo, são evidenciados no aporte da etnometodologia. De acordo com Certeau (1995, p. 18), “Somente é válida a teoria que articula uma prática, ou seja, a teoria que, por um lado, abre as práticas sobre o espaço de uma sociedade e que, por outro, organiza os procedimentos próprios de uma disciplina”.

Ensinar Geografia do Nordeste utilizando os conteúdos da literatura de cordel pode ser entendido e aplicado como uma forma crítica e ao mesmo tempo agradável, tentando descolar esses conhecimentos e/ou conteúdos geográficos contidos nos livros didáticos que pouco abordam os problemas enfrentados pelas populações nordestinas, tais como a seca, a pobreza, a questão da terra, as disparidades sociais etc. Tentando, dessa forma, preencher esta lacuna introduzindo, como recurso didático, a literatura de cordel enquanto registro da cultura, que trata dessas questões, já que os fatos históricos e geográficos precisam ser analisados, não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através da compreensão do povo nordestino e, das representações dadas pelos poetas de cordel que, através dos folhetos, mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles.

Esse rico material de estudo sociocultural pode ser significativo para se avaliar as versões que circulam em diferentes meios sociais, permitindo que se resgate uma série de atitudes críticas entre os chamados setores populares. Entretanto, é preciso ter cautela em relação a uma concepção que dota a cultura popular de sinais absolutamente positivos e contestadores, frente à cultura dominante, em relação à qual haveria total autonomia, pois nem sempre os cordelistas desenvolvem seu trabalho isentos de subordinação das chamadas classes dominantes. Ao contrário, muitas vezes esses trabalham sob a encomenda direta daqueles que queriam que sua mensagem atingisse as camadas populares, público alvo dessa literatura à época. Nesse sentido, estudar a partir da produção da cultura popular é estar aberto a todas as possibilidades, desvencilhar-se dos conceitos e preconceitos, privilegiar códigos e

significados simbólicos partilhados entre sujeitos sociais de um mesmo espaço geográfico e de um mesmo tempo histórico.

A partir da metodologia contemplada, é importante apontar que o estudo dos cordéis como objeto de utilização didático-metodológico nas aulas de Geografia, faz-se necessário, também, apontar os recortes teórico-metodológicos que fazem parte deste estudo, a saber: Geografia Crítica, Geografia Cultural, bem como a relação ora divergente; ora convergente, entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar.

Nesse sentido, para compreender como o cordel se situa no âmbito da cultura nordestina e como é ressignificado enquanto arte, enquanto prática cultural e social, percebendo neste sentido a sua dimensão educativa, especialmente, porque compreendemos que ele compõem direta ou indiretamente o imaginário do nordestino, como se pode verificar na citação a seguir:

O Nordeste do Brasil é considerado um local privilegiado em se tratando de narradores: cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, são todos considerados grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, constituindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho (GUILLEN, 1999, p. 148).

Diante de tal afirmação, outros questionamentos se evidenciam: de que maneira o cordel se constituiu como tal? Como passou a compor o cotidiano de nordestinos?

O cordel, objeto de estudo da presente pesquisa, era, inicialmente, impresso em papel pardo, medindo cerca de 12 X 18cm, com 8, 16 ou 32 páginas, contendo ilustrações em xilogravuras condizentes com o conteúdo. Tais folhetos serviam de suporte material para a chamada Literatura Popular em Verso, como era conhecida em terras brasileiras, quando de sua chegada, trazida pelo colonizador europeu. E hoje encontrada no Nordeste Brasileiro, conhecida como Literatura de Cordel<sup>1</sup>. Este tipo de literatura ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico, o geográfico e, especialmente o histórico. É o poeta de cordel que, desde o início do século, percorria o nordeste de feira em feira, de mercado em mercado, vendendo seus folhetos. É preciso, também, considerar o perfil social do autor de folhetos, que revela, quase sempre, um homem de pouca instrução, mas com grande talento para contar histórias, dirigidas, em princípio, à comunidade da qual ele se origina.

---

<sup>1</sup> Segundo Curran este termo passa a ser utilizado pelo folclorista Theo Brandão, na década de 1960. (1998, p. 24). De acordo com Márcia Abreu: “A expressão ‘literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, era empregado popularmente. Na mesma época, influenciados pelo contato com os críticos, os poetas populares começam a utilizar tal denominação”. (1999, pp. 17-18).

A sua identidade se confunde com a do grupo, ressalvada sua condição de portador de uma herança cultural e literária, cujas raízes se perdem no tempo e na memória coletiva. A relação com a realidade, pilar de sua produção poética resulta, sem dúvida, das condições de vida quase sempre inóspitas e sem acesso às fontes seguras de transmissão sistemática do conhecimento acessível apenas aos cidadãos das classes mais favorecidas. (SANTOS, 1987, p. 17).

Com base no autor supracitado e em nossa linha de argumento, ressaltamos que o saber popular não é descontextualizado, mas se renova e, a cada dia, é reinventado, por não existir nesse tipo de saber uma exigência por métodos e sistemas imbuídos de uma racionalidade típica do universo acadêmico e também, em muitos casos, do universo escolar. Os sujeitos sociais interpretam o mundo, discorrem sobre o que percebem, sem, necessariamente, seguir um conjunto de regras para constituí-lo.

O cordel, resultante do saber popular, encontra nesse tipo de conhecimento sua matriz existencial, histórica e educativa, porque foi a partir desse saber que foi criado.

Assim sendo, o cordel devido a seu caráter informativo, à medida que contem no seu bojo importantes registros históricos quando, aliado ao livro didático e outros recursos didáticos, pode tornar-se uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, conforme Brennand:

A forma como o indivíduo capta e interpreta a realidade vai determinar sua relação com o mundo objetivo e sua pluralidade de significações. É na cultura que ele vai encontrar os primeiros elementos para construção de discernimentos, ou seja, a consciência de sua temporalidade e de sua historicidade. (2003, p. 80)

Assim, os povos, desde tempos imemoráveis, criam suas fábulas, suas narrativas, contam sua história, seja oralmente, seja de modo escrito ou, ainda, através de outras formas de imagens. Desse modo, o cordel, cuja característica principal é o registro da temporalidade e historicidade presentes em sua narrativa, pode conter representações simbólicas das relações cotidianamente estabelecidas pelos indivíduos. Entendemos o cordel como uma forma de expressão de seu tempo e lugar, por isto mesmo, aí se encontra presente a vida cotidiana dos sujeitos sociais, ou seja, se encontra a forma das pessoas pensarem, rememorarem e sentirem.

Ao procurarmos entender o caráter educacional do cordel e sua relação com a escola, procuramos resgatar a identidade dos indivíduos envolvidos na construção dos saberes, quer popular, quer científico. São modos de atribuir sentidos às práticas sociais, apresentando uma determinada leitura de mundo e, ainda, entendendo a forma como os sujeitos se posicionam frente às múltiplas situações vividas no cotidiano. Portanto, nos temas abordados e no modo de criação dos cordéis, está presente uma concepção de mundo própria. Os cordelistas

atribuem sentidos às suas experiências passadas e presentes, assim, concebem o cotidiano como um pequeno fragmento do todo, mas repleto de sutilezas possíveis de representar todo um universo.

Dessa forma, essa concepção de mundo contida nos cordéis pode ser entendida como sendo um registro das relações sociais desenvolvidas por um determinado grupo social. Esse registro revela aos pesquisadores as bases culturais sobre as quais determinada sociedade se desenvolveu.

De acordo com Mitchell:

A cultura, por outro lado ainda, se é considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, este conjunto, entretanto, é entendido como sendo parte do cotidiano e cunhado no seio das relações sociais de uma sociedade de classes. Esta redefinição de cultura coloca-a como dotada de um sentido político, no qual a noção Gramsciana de hegemonia cultural e as expressões política-cultural e produção cultural estão associadas. (apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 13)

Os mesmos autores supracitados nos trazem ainda a perspectiva colocada por Carl Sauer, advertindo que esse considera que a Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se envolvem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. Para Sauer (apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2003), uma área cultural é constituída por formas interdependentes e são diferentes do ponto de vista funcional de outras. A cultura é, pois, uma relação social, ou seja, o que forma o contexto cultural são as ações, as experiências, os acontecimentos, as formas comportamentais e a construção de uma identidade dos seres humanos, tanto nos aspecto individual quanto no coletivo.

Já para Kelly, “a arte e a vida confundem-se [...] arte é a manifestação humana”, acrescenta que é “consequência da intuição, da inspiração, ou do instinto, por solicitação do meio, ou a serviço da comunicação, incluindo nesta os processos educativos” e assegura que “arte não se deve considerar como um adorno humano, porém como condição de vida e da sociedade.” (1973, p. 47)

Assim, o conhecimento do mundo implica também o acesso às suas múltiplas linguagens e, nos sistemas simbólicos que elaboramos sobre ele, isso contribui para imprimir significados às nossas experiências diárias.

O ser humano como nos coloca Freire (1996), é um ser de relações, uma vez que é criador de significados, portanto, é um ser cultural, social e histórico. Por isso, é nas relações que estabelecemos através da cultura e da educação que a vida ganha sentido e, no ambiente escolar, elas podem se ampliar.

Ao se discutir sobre cultura procura-se, em geral, relacioná-la a um modo de pensar, de viver e às práticas realizadas por diferentes sujeitos numa determinada sociedade, além disso, de acordo com Pesavento a cultura pode ser definida como:

[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2003, p. 15).

Pensar no significado e sentido da cultura é pensar também sobre a relação dela com os homens. Eles produzem a cultura e compartilham coletivamente esta construção, buscando através deste compartilhar criar e fortalecer laços de sociabilidade. Brandão, analisando a relação entre o homem e a cultura, afirma que:

O homem - sujeito que produz a cultura – define-se mais por significá-la como um ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor do seu trabalho e do mundo que transforma, do que por simplesmente fazê-la de modo material. Antes de ser machado o objeto é seu símbolo, logo, a relação simbólica entre ele e o homem, entre o homem e seus símbolos. É isto o que torna o homem um “ser histórico”, um ser que não está na história, mas que a constrói como produto de um trabalho e dos significados que atribui ao fazê-lo: ao mundo, à sua ação e a si mesmo, visto no espelho de sua prática (BRANDÃO, 2002, p. 39).

Na perspectiva freireana, a cultura é vista como primordial para o entendimento da própria educação. Logo, ambos os conceitos estão intrinsecamente relacionados. Paulo Freire define cultura “como todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, do seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens” (FREIRE, 1982, p. 45).

A identidade é uma construção social que se forma a partir do ambiente, das práticas e ações que se revelam no cotidiano. O modo como cada sujeito social vive no mundo, sua forma de pensar e participar do contexto histórico onde está inserido, a maneira como a estética do mundo é vista pelo seu olhar, permitindo-lhe “introspectar” compreender e interpretar a realidade social a que pertence tudo isso, consiste em aspectos importantes que potencializam a identidade (HALL, 2004).

Concordamos com o autor supracitado quando afirma que:

As identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades são sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (1995, p.108)

Para Hall (2004), na construção da identidade quer seja coletiva, quer seja individual, tem, necessariamente, que se levar em consideração fatores essenciais nessa construção, tais como: os biológicos, os históricos, os relacionais e os do meio, além das relações de poder e de dominação. Assim, na formação da identidade, interferem tanto elementos subjetivos quanto objetivos. Com esse caráter essencialmente plural, a identidade cultural é, na verdade, uma miscigenação de gênero, raça, etnia, classe e aquelas relacionadas às práticas culturais.

Trata-se, então, de crônica popular porque expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as raízes do Nordeste na linguagem do povo. É história popular porque relata os eventos que fizeram a história a partir de uma perspectiva popular. Seus poetas são do povo e o representam nos seus versos. Nesse sentido, o cordel pode ser considerado o documento popular mais completo do Nordeste brasileiro (CURRAN, 1998, p. 19-20).

Portanto, esse “jeito nordestino” de ser, presente nos cordéis, nos dá indícios de aspectos culturais, econômicos e sociais, que são únicos dessa região e importantes instrumentos detonadores de conteúdos geográficos, a serem explorados nas situações didáticas que possam, efetivamente, contextualizar os educandos com sua realidade vivida e apreendida no cotidiano.

Ao discutirmos sobre o tema Nordeste, como recorte temático deste trabalho, faz-se necessário também, abordarmos o povo nordestino e sua cultura. Entretanto, isso não se pode fazer de maneira isolada, pois vivemos em um mundo de múltiplas identidades e culturas, por isso, necessitamos estabelecer o diálogo com base na interculturalidade, que torna consistente essa nossa maneira de pensar o mundo, as culturas e, sobretudo, a educação.

O cordel transcende as características locais e até mesmo regionais, aborda leituras sobre diferentes culturas e povos. Participando, assim, do processo de comunicação entre culturas, povos e acontecimentos das sociedades em nível global. Dessa forma, ao produzir seus folhetos, o cordelista parte de abordagens de questões ligadas tanto ao microsocial quanto ao macrossocial, entretanto, é no campo micro que este embasa sua análise, haja vista que, busca conhecer como os sujeitos sociais constroem suas próprias normas de vida nas múltiplas atividades cotidianas que exercem.

Sendo a cultura, uma relação social, é no seu contexto que as ações, as experiências, os acontecimentos, as formas comportamentais e a construção da identidade dos seres humanos estão circunscritos. A educação formal, que usualmente, encontra-se estruturada em um processo fragmentado do conhecimento, necessita, urgentemente, reinventar novos caminhos de educar. Para isso, faz-se necessário mudar posturas, tanto nos aspectos organizacionais quanto funcionais, trilhando novos caminhos a serem percorridos, com ênfase

na construção de um processo educacional pautado em uma concepção de ensino-aprendizagem que priorize o aprendizado de um conhecimento multidisciplinar, e não compartimentado, em que educandos e educadores se preocupem em criar, no cotidiano das escolas, possibilidades de compreender e interpretar o mundo no qual se encontram inseridos.

Assim, a interculturalidade é um processo que tem articulação com as diversidades e diferenças. Ela sustenta que sujeitos sociais diferenciados e grupos sociais diferentes devem e podem dialogar e interagir entre si, estabelecendo, assim, uma aliança entre saberes e seres.

Assim, o cordel torna-se um recurso didático-educativo e intercultural à medida que educa e estabelece diálogos com diferentes culturas. Para um melhor entendimento sobre a relação escola e cultura, faremos uma abordagem sobre as Geografias Crítica e Cultural, por serem estas, correntes de pensamentos que fundamentam em grande parte a abordagem dos conteúdos acadêmicos e escolares na atualidade e, por isto, discorreremos sobre elas para posteriormente fundamentar as análises finais sobre o uso do cordel como um recurso didático, que é o foco principal deste trabalho.

### **1.1.1 Uma perspectiva crítica para a Geografia**

A Geografia Crítica, corrente geográfica que teve sua origem na década de 1970, nos Estados Unidos, inicialmente denominada Geografia Radical, teve forte influência sobre alguns intelectuais franceses e, posteriormente, estendendo-se à Espanha, Itália, Alemanha, Suíça e chegou finalmente à América Latina, em especial ao México e ao Brasil.

Manifestando-se, inicialmente, nas atitudes defendidas pelos geógrafos que objetivavam combater e desmistificar a Geografia de caráter aparentemente imparcial e oculto da Geografia Clássica moderna e os seus respectivos apoios aos interesses político-ideológico, difundidos pelas classes dominantes e conseqüentemente, da reprodução das injustiças estruturais.

A difusão principal desse pensamento foi impulsionada por Yves Lacoste, em sua obra publicada em 1976, *A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, tornando-se, assim, uma espécie de livro-manifesto. Na obra o autor faz severas críticas à velha Geografia, afirmando que ela sempre existiu a serviço da dominação e do poder.

Na sua obra clássica, Yves Lacoste afirma que a Geografia subdividiu-se em: “Geografia dos Estados Maiores”, que consistia na intensa utilização pelos estrategistas

militares e para o controle de planejamento do Estado por meio das classes dominantes e na garantia de benefícios às grandes corporações transnacionais e/ou grupos econômicos financeiros. E a “Geografia dos Professores”, que seria difundida e estudada tendo por base um discurso abstrato, fragmentado, de difícil compreensão, por ser, excessivamente descritivo e cansativo, portanto descontextualizado.

Pautada no materialismo histórico e na dialética, a Geografia Crítica procurou romper, de um lado, com a Geografia Tradicional e, de outro, com a Geografia Teorético-quantitativa. Essa nova tendência dos estudos geográficos entendeu que as injustiças e as desigualdades sociais e espaciais são estigmas das sociedades capitalistas. Por isso, entende-se que tal corrente de pensamento tenha se desenvolvido no seio de países capitalistas, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra.

Essa Geografia propôs um novo modelo de análise espacial rigorosamente científico e ao mesmo tempo revolucionário. Desse modo, tentou integrar os processos sociais e os espaciais no estudo da realidade e se interessou principalmente pela análise dos modos de produção e das formas socioeconômicas, que são resultantes do modo de produção capitalista. Vale enfatizar que o modo de produção se tornou um conceito importante nessa corrente de pensamento.

A geografia contribuiria, para a compreensão das condições materiais da existência social e, portanto, da constituição de um modo de produção, levando em consideração a divisão territorial do trabalho. Finalmente, o reconhecimento da função ideológica e estratégica inerente ao saber geográfico criaria uma nova prática social e epistemológica (GOMES, 2007, p.296).

Pode-se dizer que os pressupostos basilares dessa transformação do saber e do conhecimento geográfico fundamentam-se na criticidade. Como afirma VESENTINI (2004, p.223).

Criticidade entendida como uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omitia as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E engajamento visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais. A produção geográfica até os anos 70, afirma-se – embora admitindo exceções: Réclus, Kropotkin e outros –, sempre tivera uma pretensão à neutralidade e costumava deixar de lado os problemas sociais (e até mesmo os ambientais, na medida em que, em grande parte, eles são sociais), alegando que “não eram geográficos”.

Entendemos que essas transformações têm como alicerce o questionamento do papel assumido até então pela Geografia Clássica e pela Geografia Moderna: o de esclarecer e

legitimar as ideologias preponderantes. A partir desses pressupostos surgem correntes críticas mais comprometidas com mudanças e propostas de transformações sociais, que passam a alvitrar uma Geografia mais atuante, ou seja, que pudesse oferecer instrumentos para a percepção e interferência nas mais diversas realidades sociais.

É evidente que essa nova forma de ser e agir da Geografia não surge por acaso, a mesma encontra um terreno fértil para o seu florescimento num contexto bastante singular de revisão de novas concepções de ideias e valores, iniciadas na segunda metade da década de 1960, com as manifestações estudantis na França (maio de 1968), a luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos, as contestações contra a Guerra do Vietnã, a difusão do movimento feminista e do movimento *hippie*, do ecologismo, a lutas pela democracia na América Latina, entre outros.

Portanto:

Desde o seu nascedouro, a Geografia crítica encetou um diálogo com a Teoria crítica (isto é, com os pensadores da Escola de Frankfurt), com o anarquismo (Réclus, Kropotkin), com Michel Foucault, com Marx e os marxismos (em particular os não dogmáticos, tal como Gramsci, que foi um dos raros marxistas a valorizar a questão territorial), com os pós-modernistas e várias outras escolas de pensamento inovadoras. (VESENTINI, 2004, p.223).

Essa nova forma de pensar e fazer Geografia representou uma maior facilidade de aproximação com os movimentos sociais, passando assim a lutar conjuntamente em prol de uma sociedade mais justa e igualitária no acesso à moradia, à terra, à educação e à distribuição de renda.

De acordo com Andrade (2006, p.196-197):

A geografia crítica ou radical não apresenta uniformidade de pensamento, não forma propriamente uma escola. Costuma-se catalogar neste grupo geógrafos que se conscientizaram da existência de problemas muito graves na sociedade em que vivem e compreenderam que toda a geografia, tanto a tradicional como a quantitativa e a da percepção, embora se apregoando de neutras, tem um sério compromisso com o **status quo**, com a sociedade de classe. A neutralidade científica apregoada é uma forma de esconder os compromissos políticos e sociais. Os radicais compreenderam também que as poucas críticas feitas pelos geógrafos destas escolas às injustiças com que convivem são feitas visando à correção de detalhes de problemas complementares, sem ir ao cerne dos mesmos problemas. Daí se clamarem radicais, isto é, de tornarem uma atitude que, ao analisar as injustiças sociais e os bloqueios a um bloqueio social, vão às raízes, às causas verdadeiras destes problemas e de críticos por assumirem os seus compromissos ideológicos sem procurarem esconder-se sob falsa neutralidade.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Sobre o assunto é interessante consultar RACINE, Jean Bernard. Discurso geográfico y discurso ideológico; perspectivas epistemológicas. **Geocrítica**, Barcelona, nº 7, 1977; e PEET, Richard. O desenvolvimento da

Essa concepção geográfica defende, assim, uma postura de contestação e crítica em relação à organização e produção do espaço geográfico, em especial, as contradições sociais, ou seja, as condições de vida de uma parcela da população que não era percebida na maneira geral em que eram realizadas, anteriormente as análises geográficas, tais como: a pobreza, o subdesenvolvimento, a subnutrição, entre outras.

Esse novo paradigma geográfico baseia seus estudos nas relações sociedade/natureza, centrando suas análises na natureza produzida pelo homem, propondo, assim, um engajamento político-ideológico, que tem na leitura e na compreensão transformadora do espaço geográfico a contribuição da Geografia, enquanto ciência, para a superação das desigualdades sociais e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais justa.

Dessa forma, a Geografia Crítica “tem a tendência de considerar o comportamento social como resultado de um conjunto de elementos, alguns gerais e determinantes, outros particulares e contingentes” (GOMES, 1996, p.275). Através da criticidade, o conceito de espaço social na Geografia Crítica ganha importância, pois traduz a ideia das contradições.

[...] a dinâmica social inscrita em um espaço que é, ao mesmo tempo, reprodutor de desigualdades e a condição de sua superação, o reflexo de uma ordem e um dos meios possíveis para transformar esta mesma ordem; enfim, o espaço faz parte da dinâmica social que o funda (GOMES, 1996, p.297)

Assim, compreender as nossas marcas impressas no ambiente e nossas interações com os espaços transformados e naturais supõem a possibilidade de reorientar os caminhos trilhados rumo ao desenvolvimento entre sujeito, espaço e lugar sem distinção entre o físico e o humano. A essa Geografia, enquanto responsável pelo estudo da dinâmica da terra em seu conjunto, das interações dialéticas e das manifestações fenomenais, reside à capacidade de estabelecer a relação lógica entre o todo e suas partes, entre o pensamento e o mundo, a sociedade e a natureza.

Segundo Bray (1999, p.11) “No historicismo o elemento básico na produção científica, literária ou artística é que as criações humanas, nos mais diferentes planos são expressões de uma visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas sim fatos sociais”.

Na realidade, o espaço organizado pelo homem desempenha um papel na sociedade, condicionando-a, compartilhando do complexo processo de existência e reprodução social.

Nesse conjunto de ideias, a vida social é interpretada conforme a dinâmica das lutas de classes, e prevê a transformação das sociedades de acordo com as leis do desenvolvimento de seu sistema produtivo, ou seja, a sociedade é eminentemente, a expressão de seu modo de ocupação do espaço.

### 1.1.2 Uma perspectiva cultural para a Geografia

A Geografia estuda a relação  
Entre os meios, social e natural  
Estuda também o homem e sua evolução  
No meio urbano e rural  
E o registro histórico de uma população  
É esse o objetivo da geografia cultural

A Geografia Cultural  
Que no Brasil se desenvolveu  
Estuda as manifestações culturais  
Que o povo não esqueceu  
Resgatando a identidade do homem  
Com a terra onde nasceu

Os estudos sobre a cultura  
Hoje são fundamentais  
Na investigação das multiplicidades  
Dos fenômenos sociais  
Ampliando os debates  
Das Ciências Sociais.  
(Grifo nosso)  
(Joseilton J. de A. Silva. 2011)

A Geografia Cultural entendida como uma das subdivisões da Geografia Humana vem despertando cada vez mais o interesse da comunidade acadêmica. Essa virada cultural, que se desenvolveu nas ciências humanas, levantou nas últimas décadas, questões nos mais diversos sub campos da Geografia. Esses novos campos de discussão que inclui a Geografia Econômica, Política, Urbana, entre outras, desenvolvida a partir dos anos de 1980 e 1990, foram benéficos para a Geografia cultural que, segundo Seemann:

A geografia cultural, que atualmente está vendo a “germinação” e o desenvolvimento de uma literatura teórica e empírica de tal maneira que em alguns departamentos de geografia (pelo menos nos países anglo-saxônicos) pode ser dito que a maioria dos geógrafos humanos está “fazendo” geografia cultural, embora eles se chamem de geógrafos urbanos, geógrafos históricos ou geógrafos da população. (2003, p. 261).

O campo de pesquisa da Geografia Cultural cobre inúmeras questões, tais como os objetos do cotidiano, representações artísticas, significados das paisagens e a construção das identidades baseadas na vivência do espaço e dos lugares. Ainda, segundo Seemann:

Os geógrafos culturais estudam música, gênero, identidades, shopping centers, atrações turísticas, literatura, consumismo, raça, etnicidade, espetáculos e festas, representações, restaurantes e parques temáticos, passeatas e movimentos sociais, natureza e qualquer coisa supostamente pós-moderna, pós-estruturalista, pós-colonial ou pós-política. (2003, p. 261).

Os estudos sobre cultura são fundamentais na investigação da multiplicidade de fenômenos sociais. No âmbito do debate nas ciências humanas e sociais, a cultura tornou-se importante categoria de análise para entender as mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas. Os discursos em torno dessa questão são polifônicos: são construídos a partir de uma multiplicidade de vozes, uma vez que as formas como os seres humanos constroem seus olhares sobre o mundo, se materializam através de suas produções culturais. Por isso, a cultura na vida dos seres humanos é fundamental para a compreensão do seu estar e viver no mundo e da leitura que fazem dele.

O contexto sócio histórico, que marcou a transição entre o final do século XX e o início do XXI, é realçado pela ausência de diálogo entre os sujeitos sociais e entre culturas. Daí a importância de se discutir sobre cultura e sua relação com o social e o meio educacional.

Essa educação que se propõe como libertadora e formadora de cidadãos crítico-reflexivos deve, necessariamente adotar uma concepção de aprendizagem em que o saber institucionalizado ou formal tem que estar articulado com a cultura ou o saber popular que o educando traz da sua vivência cotidiana para a escola. O conceito de cultura aqui abordado define-se como sendo toda a produção humana fundamental para a educação, porque a partir dela o ser humano toma conhecimento de si e do mundo, transforma-se e se liberta. (FREIRE, 1999).

Sendo a cultura uma produção humana, é também uma relação social pela qual o ser humano compartilha um conjunto muito amplo de significados e a partir deles procura explicar o mundo. Freire explicita que: “o mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada” (FREIRE, 1996, p. 62).

Neste sentido, segundo Freire para se entender a educação tem-se que compreender a cultura com a qual ela está relacionada, uma vez que a cultura enquanto experiência humana envolve várias esferas da sociedade e produz sobre a educação significados e transformação,

imprimindo-lhe um sentido novo ou no mínimo, atribuindo-lhe um novo significado. Ao abordar a concepção de cultura, Brandão referenda o pensamento de Freire, pois o autor afirma que:

A cultura, na sua pluralidade, é uma criação social do ser humano. Do saber humano, do fazer humano, do criar humano. É um processo e, ao mesmo tempo, uma infinidade de produtos do seu trabalho. Tanto do trabalho realizado pelo homem em suas relações com a natureza [...] quanto do trabalho que se volta sobre si mesmo, ao criar os mundos sociais em que vive o sujeito. (BRANDÃO, 2001, p. 14-15)

Desse modo, Freire discute educação procurando colocá-la como integrante do universo social da cultura, evidenciando que ela está relacionada à vivência, experiência e formas de concepção de mundo dos sujeitos sociais. A educação e a cultura se constituem nos componentes balizadores do pensamento freireano, sendo elementos chaves para entender as exigências de uma sociedade que requer mudança.

Assim, Freire, ao entender a cultura enquanto uma criação humana, que permite um processo de criação e recriação, ampliando seu leque de conhecimento e capacidade intelectual, chama atenção para o fato de que a educação é participante da cultura. Se a cultura transforma a educação, esta também transforma e emancipa, possibilitando a construção de uma consciência crítica e a existência eminência de sujeitos conscientes e participativos.

Entretanto, a aproximação entre o estudo geográfico e o cultural não ocorreu de forma unificada, bem como as concepções de cultura diferem, e muito, de lugar para lugar e de geógrafo para geógrafo. Portanto entender as possibilidades de uso que a cultura tem no processo de ensino-aprendizagem proposto na concepção educacional freireana, hoje tão discutida, pode ser considerada como contemporânea ou até mesmo em desenvolvimento, visto que se traçarmos um breve histórico do surgimento da Geografia Cultural, tornar-se-á evidente o quanto durou para que esta se afirmasse como um ramo da Geografia, especialmente na educação básica.

O surgimento da Geografia Cultural, apesar de estar considerado satisfatoriamente consolidado no campo das humanidades, a sua afirmação apresenta uma configuração própria e peculiar em diferentes países (inclusive no Brasil), pois, segundo Mitchell (2000a, p.42):

A geografia cultural norte-americana encontrou as suas raízes na reação ao determinismo ambiental e ao relativismo cultural dos acadêmicos alemães no final do século XIX. A geografia cultural britânica, por sua vez, inicia-se com as “guerras culturais” em virtude da dissolução do Império Britânico após a Segunda Guerra Mundial e a cristalização dos “estudos culturais” sob a influência de Raymond Williams e Stuart Hall.

A Geografia Cultural, na discussão aqui abordada, se apresenta como uma concepção que nos possibilitará entender as diversas mudanças que estão ocorrendo no mundo, particularmente, no Nordeste brasileiro. Nesta perspectiva pensar sobre cultura é, portanto, pensar no ser humano e no seu papel como ser produtor de cultura, de seu espaço, de seu mundo e de si mesmo. Assim sendo, no caso do Brasil, as influências externas, principalmente, da França, da Alemanha, e dos Estados Unidos, ocorrem desde a década de 1990, (re)moldando a Geografia Cultural, levando-se em consideração que, de acordo com Corrêa (1997, p.298-299), “A geografia cultural não têm se constituído em área de interesse dos geógrafos brasileiros. Poucos são os estudos que, efetivamente, podem ser caracterizados como focalizados fundamentalmente em um aspecto da cultura em sua dimensão espacial”.

Em outras palavras, para o termo cultura existe uma variação de abordagens, em que muitos teóricos lhe atribuem múltiplas dimensões. Outros preferem reafirmar que tal termo permanece, ainda, como uma palavra de controversa significação, devido às complexas abordagens que, para ela, são elaboradas, cobrindo um número diferenciado de pontos de vista. Entretanto, ao pensar sobre o conceito de cultura, devemos ter em consideração o contexto histórico no qual o termo foi fundamentado, pois sofre variações em diferentes períodos históricos. Assim, a produção cultural, reside na seiva da sabedoria humana, porque o saber humano é externalizado através da cultura, quer materializado num artefato cultural ou em expressões artísticas.

Dessa forma, na sua introdução para seus “estudos culturais”, Nelson, Treichler e Grossberg (1998, p.14) afirmam que:

Cultura é entendida tanto como uma forma de vida – compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massas, e assim por diante.

Já Corrêa (1995, p.6-7) afirma que:

A grande diversidade cultural manifestada em diferentes espaços e tempos, permitem uma leitura dinâmica de experiências vividas individualmente ou coletivamente, em quanto práticas dominantes: práticas alternativas de grupos ou indivíduos não-dominantes e práticas de minorias excluídas aos olhos dos grupos dominantes, mas com importante valor simbólico e de significados.

Ressaltamos ainda que a relação entre a cultura e o passado deve ser enfocada, pois um conceito está intimamente ligado ao outro. Ou seja, não são sinônimos; mas sim complementares, pois segundo Hobsbawm (1998, p.22):

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.

A cultura é um processo cumulativo. O homem recebe conhecimentos e experiências acumulados ao longo das gerações que o antecederam e, se estas informações forem adequadas e criativamente manipuladas, permitirão inovações e invenções. Assim, estas não são o resultado da ação isolada de um indivíduo, mas o esforço de toda uma comunidade. Culturas são padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas ao seu modo de vida (tecnologias, modo de organização econômica, padrões de agrupamento social, organização política, crenças, práticas religiosas, entre outras).

A luta pela sobrevivência, a busca por comida, agasalho e energia foi e ainda é uma constante em todas as culturas do mundo, este tópico pode induzir a uma ideia de egoísmo enquanto marca da natureza do humano. Uma construção natural e cultural dos grupos humanos enquanto competidores. Mas, em contrapartida, existe uma prática muito comum em todas as culturas que é, no momento da fartura, a festa, a diversão, sempre regada com muita comida, bebida e alegria solidária. Este não é um comportamento apenas dos momentos de abundância, mas também das fases de dificuldade dos grupos ou indivíduos. Estes agem de forma altruísta, solidária e/ou benevolente.

Esses diversos argumentos dão uma tônica forte ao debate sobre a construção cultural do indivíduo, que a Geografia Cultural poderá resgatar para seu universo de reflexão, pois pensar o espaço a partir da ideia de indivíduo e de cultura é uma preocupação que deve ser remetida para a Geografia enquanto uma Ciência Social, e seu caráter educacional.

### 1.1.3 A Geografia acadêmica e a Geografia escolar

O conhecimento geográfico  
E a sua produção  
Na academia e na escola  
Está em reformulação  
Se procura promover  
Uma reaproximação

A aproximação de saberes  
E o modo de ação  
Coloca o trabalho acadêmico  
Em uma sobreposição  
Frente ao trabalho da escola  
No processo de construção

A Geografia acadêmica  
Precisa se aproximar  
No desenvolvimento da pesquisa  
Da Geografia Escolar  
Pois esses dois conhecimentos  
Não podemos dissociar  
(Joseilton J. de A. Silva. 2011)

Vivenciamos na atualidade um período de aprofundamento das transformações educacionais. E nesse contexto, o ensino de Geografia também passa por redefinições. Essas são, inicialmente, fomentadas pela sociedade, principalmente em decorrência do processo de globalização, responsável pelo avanço da terceira revolução industrial, como também pela gritante necessidade de reformulação do sistema escolar atual que, pouco ou quase nada, contribui para a formação de cidadãos atuantes e conscientes de seu papel na sociedade.

Segundo Bittencourt (2004, p.18):

É preciso considerar que a atividade profissional de todo professor possui uma natureza pedagógica, isto é, vincula-se a objetivos educativos de formação humana e a processos metodológicos e organizacionais de transmissão e apropriação de saberes e modo de ação. O trabalho docente está impregnado de intencionalidade, pois visa à formação humana por meio de conteúdos e habilidades, de pensamento e ação, o que implica em escolhas, valores, compromissos éticos. Isso significa introduzir objetivos de natureza conceitual, procedimental e valorativa, em relação aos conteúdos da matéria que ensina; transformar o saber científico ou tecnológico em conteúdos formativos; selecionar e organizar conteúdos de acordo com critérios lógicos e psicológicos, em função das características dos alunos e das finalidades do ensino; utilizar métodos e procedimentos de ensino específicos, inserindo-os em uma estrutura organizacional em que participe de decisões coletivas.

A autora levanta um questionamento que é fundamental, na atual discussão entre acadêmicos e docentes da escola básica. Assim, é urgente dar continuidade à tentativa de estabelecer um diálogo profícuo com os profissionais de ensino. Pois os mesmos, acreditando na autonomia das disciplinas escolares, afirmam que não se pode negar a necessidade de aprofundar estudos acerca das especificidades de cada disciplina. Afinal, para que esse estudo e/ou aprofundamento ocorra, não é, necessariamente preciso que haja uma ruptura entre o que é acadêmico e o que é escolar, no conhecimento geográfico.

Ao diferenciar o conhecimento acadêmico do conhecimento escolar, Bittencourt distancia-se de Chevallard (2005), no sentido da diferenciação entre saber sábio e saber ensinado. Sobre essa diferenciação a autora afirma que, por exemplo, ao se utilizar um documento este tem para o acadêmico uma função, o mesmo documento em uma situação de ensino tem outra. Entretanto, tanto a academia quanto a escola desenvolvem importantes formas de conhecimento, uma produz conhecimento acadêmico; enquanto a outra produz conhecimento geográfico escolar.

Dessa forma, ao afirmar que o conhecimento acadêmico não é o mesmo que o conhecimento escolar a autora se posiciona contrária à concepção de transposição didática de Chevallard (2005), segundo a qual o saber escolar seria uma simplificação do saber acadêmico e que a escola, dessa forma, serviria apenas como divulgadora de um conhecimento produzido na academia.

André Chervel (1990), um dos maiores críticos da transposição didática, afirmou que o estudo de gênese, objetivo e funcionamento das disciplinas nega essa concepção, evidenciando, ao contrário do que coloca Chevallard (2005), atribuindo um caráter criativo ao sistema escolar, formando não somente os indivíduos, mas também, uma cultura escolar. O autor considera que o ensino escolar sob o ponto de vista do senso comum, traria para a sala de aula a ciência produzida e comprovada em outras instâncias. Ou seja, ao contrário do que afirma Chevallard (2005), para quem o conhecimento é inserido na escola por meio de agentes externos, que trazem os saberes construídos na esfera acadêmica.

Todavia, muitas críticas foram direcionadas a este posicionamento, tendo como base, especialmente, a hierarquização dos saberes acadêmico e escolar. Dessa forma, entendemos ser coerente para a Geografia uma aproximação entre o conhecimento produzido na academia com o conhecimento desenvolvido na escola.

O ensino de geografia na escola exige clareza nos seus pressupostos, atenção à ciência, aos saberes oriundos do cotidiano, ao conteúdo e à sua dimensão pedagógica contribuindo, assim na construção de uma identidade da educação geográfica.

A introdução do materialismo histórico e da dialética como pilares teórico-metodológico, advindos de um profundo e intenso movimento de renovação da Geografia brasileiros anos de 1980 e 1990 nos faz repensar várias vertentes que até então eram mantidas à margem das discussões em torno da Geografia escolar.

Assim, ao chegarmos ao século XXI novas vertentes passam a fundar as discussões agora pautadas em abordagens de cunho fenomenológico, hermenêutico, existencialista, e aqui destacamos a perspectiva da Geografia Cultural, cujo tema específico abordamos no item anterior.

Todavia, essa diversidade de abordagens presentes hoje na ciência geográfica, ainda se expressa timidamente na escola. Portanto, uma reflexão profunda sobre Geografia escolar não pode se distanciar das discussões teórico-metodológico da Geografia acadêmica e vice-versa.

Aprofundamos nossas leituras sobre a Geografia enquanto ciência e disciplina escolar para buscar algumas explicações sobre a relação desenvolvida por ambas. Constatamos que muitos autores indicavam e destacavam a década de 1930, como sendo um marco para a Geografia no Brasil, em especial no que diz respeito à disciplina de Geografia, visto que, apesar desta estar presente nos currículos escolares brasileiros desde o século XIX, ganha destaque e importância no referido período.

É a partir da década de 1930, período que se caracteriza por profundas transformações políticas, sociais e econômicas, evidentes na divulgação do discurso nacionalista patriótico amplamente utilizado pelo governo Getúlio Vargas que as Ciências Humanas, em especial a Geografia trabalhada na escola básica, foram vistas como veículo de divulgação ideológica e, assim sendo, a Geografia se apresentava com importância que até então não tinha no Brasil, em especial, como disciplina escolar.

Num primeiro momento, procuramos entender a discussão do que vem a ser disciplina escolar; entendendo qual a função que uma determinada disciplina desempenha dentro da escola, acreditando ser este o caminho para entender melhor o papel desempenhado pela disciplina Geografia na história da sociedade brasileira. Ao analisarmos a história da disciplina escolar Geografia, percebemos como os saberes da sociedade foram se transformando em saberes escolares, em resposta a que necessidades de classes ou frações de classes a que cada momento revela sobre a sociedade.

Sendo assim, partimos do princípio de que nenhuma disciplina é estática, isto é, todas possuem uma história oriunda de uma relação direta de uma determinada sociedade em determinado momento histórico. Além disso, defendemos que as transformações que ocorrem no interior das disciplinas nem sempre são motivadas por fatores de ordem interna, ou seja,

aquelas relacionadas com as mudanças de concepções advindas das transformações teórico metodológicas da ciência de referência. Entender o processo histórico de constituição da disciplina, levando em conta as forças e interesses sociais em jogo durante seu percurso histórico, é essencial para a compreensão dos seus conteúdos e práticas.

Isso não significa que a produção científica ou acadêmica não tenha atuação nas transformações que ocorrem nas disciplinas acadêmicas, mas sim que ela é somente um dos agentes que compõem tais mudanças. Reiterando, as disciplinas escolares possuem uma dinâmica própria, fruto das dinâmicas que ocorrem no sistema educacional. Claro que este último não está isolado do restante da sociedade, pelo contrário a escola faz parte da sociedade e seus conflitos correspondem aos anseios sociais. Nesse sentido, os conteúdos escolares sofrem pressões de seus vários agentes e é dever do pesquisador descobrir as finalidades das disciplinas e conteúdos escolares a partir de suas aplicabilidades no cotidiano escolar.

Aprofundando a discussão, buscamos entender o que a palavra disciplina nos impõe. Chervel (1990), quando discute o sentido do próprio termo disciplina, explica que: “no seu uso escolar, o termo ‘disciplina’ e a expressão ‘disciplina escolar’ não designam, até o fim do século XIX, mais do que a vigilância dos estabelecimentos, a repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isto”. (CHERVEL, 1990, p. 179).

O referido autor ainda afirma que, a partir do século XIX, em especial na segunda metade, manifestou-se uma larga corrente do pensamento pedagógico, expressando uma renovação das finalidades do ensino secundário e primário, enfatizando uma nova concepção à palavra, ligada ao verbo disciplinar que aparece como sinônimo de ginástica intelectual; “[...] de agora em diante desejava-se disciplinar a intelectualidade das crianças, isto constitui o objeto de uma ciência especial que se chama pedagogia”. (CHERVEL, 1990, p. 181).

Entretanto, após a Primeira Guerra Mundial esta conotação foi perdida. Apesar disto, a palavra ainda é empregada no sentido em que ela mesma traz no seu bojo, isto é, como Chervel coloca, “uma disciplina é igualmente para nós, em qualquer campo que se encontra, um modo de disciplinar os espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”. (1990, p. 183).

Com relação aos conteúdos a serem desenvolvidos dentro da disciplina, aborda também uma imposição à escola feita pela sociedade na qual está inserida. Desempenha assim, uma disciplina, o papel de veículo transmissor e propagador de ideias e ideologias que vigoram em determinado contexto refletindo, também, a definição da própria palavra

disciplina. Portanto, pra entender a função das disciplinas escolares, entre elas e em especial, a Geografia, é necessário analisar o momento histórico, social e político do contexto e qual o papel da escola neste.

Embora reconheçamos o esforço por parte de inúmeros professores de Geografia em todo o país, que vêm na maioria das vezes, esforçando-se contra tudo e contra todos para produzir uma Geografia escolar inovadora e criativa isto não é uma regra em todas as escolas. Tendo em vista essa realidade é que frequentemente o ensino de Geografia é questionado pelos mais diversos setores da sociedade: autoridades; educadores; pais de alunos; os próprios alunos; entre outros. Ênfase seja dada ao fato de que esse tipo de saber produzido pela Geografia escolar tradicional não tem utilidade imediata, não traz em si uma preocupação com a construção de uma cidadania e também não dá conta dos desafios impostos pelo mundo em sua atual conjuntura.

Retomando a questão de que o estudo das disciplinas escolares deve ser feito a partir da escola Chervel (1990) crítica os estudos sobre as disciplinas escolares que estudam a constituição das matérias escolares como o fruto da vulgarização e transmissão dos saberes das ciências de referência. O autor faz uma crítica à concepção de Yves Chevallard que pensa a transposição didática como norteadora dos saberes escolares. Segundo Chervel (1990):

Longe de ligar a história da escola ou do sistema escolar às categorias externas, ela se dedica a encontrar na própria escola o princípio de uma investigação e de uma descrição histórica específica, (p. 184).

Sobre o item em questão podemos enfatizar o trabalho de Goodson (1990) que mostra a forma como a disciplina acadêmica foi orientada na sua constituição pela disciplina escolar, este autor inclusive estuda o caso da Geografia na Inglaterra para comprovar a sua posição. O autor afirma ainda que as disciplinas escolares não foram influenciadas nas suas transformações pela produção científica ou acadêmica, mas sim que elas fazem parte de um conjunto de agentes que compõe tais mudanças. Dessa forma, as disciplinas escolares têm dinâmicas próprias, resultantes das dinâmicas ocorridas no sistema educacional. E como se sabe o sistema educacional não está isolado do restante da sociedade. Pelo contrário, a escola faz parte da sociedade e seus conflitos correspondem aos anseios sociais.

Pode-se entender, assim, que a Geografia escolar dá as bases para a institucionalização do conhecimento geográfico, conforme esse conhecimento vai ganhando um caráter científico esse acaba se separando do conhecimento escolar e criando a disciplina acadêmica. Dessa forma, na relação conhecimento escolar e científico, tem-se, uma inversão de papéis, é a

escola que dá as bases para a constituição da disciplina acadêmica que, sentindo-se dona de um saber geográfico “legítimo” tenta impor este saber ao conhecimento escolar.

Cabe lembrar que tal imposição não chega à escola de forma plena e direta, tem-se aí um conflito envolvendo diversos agentes que estão interessados com o conhecimento escolar. A academia é somente um desses agentes e muitas vezes ela não possui tanta preponderância na formulação dos conhecimentos escolares. Pode-se entender então esta é uma relação de conflito.

Além da constituição das disciplinas escolares, temos também a constituição de seus conteúdos e finalidades. Pois, se os conflitos da sociedade interferem na constituição das disciplinas e do currículo escolar, podemos questionar quais são os interesses que estão por trás desta constituição.

Pois segundo Chervel:

Os grandes objetivos da sociedade, que podem ser, segundo as épocas, a restauração da antiga ordem a formação deliberada de uma classe média pelo ensino secundário, o desenvolvimento do espírito patriótico, etc.; não deixam de determinar os conteúdos do ensino tanto quanto as grandes orientações estruturais. (CHERVEL 1990, p.187).

Tais orientações estruturais, as quais o autor se refere, nos remete ao campo macroestrutural da organização do sistema educacional, pois é no campo macro que encontram-se camuflados os interesses da classe dominante sobre os saberes a serem contidos nos currículos e, conseqüentemente, ensinados nas escolas.

Para Forquin os estudos sobre o currículo e a constituição dos saberes escolares devem ser perpassados pela análise histórica tendo como principais agentes professores e alunos, mas não desconsidera os modos de programação didática que transformam “saberes do erudito” em saberes escolares, ou seja, saberes comunicáveis aos alunos. O autor resume dizendo que:

O próprio de uma reflexão sociológica ou histórica sobre os saberes escolares é o de contribuir para dissolver esta percepção natural das coisas, o mostrar como os conteúdos e os modos de programação didática dos saberes escolares se inscrevem, de um lado, na configuração de um campo escolar caracterizado pela existência de imperativos funcionais específicos (conflitos de interesses corporativos, disputas de fronteiras entre as disciplinas, lutas pela conquista da autonomia ou da hegemonia no que concerne ao controle do currículo), de outro lado na configuração de um campo social caracterizado pela coexistência de grupos sociais com interesses divergentes e com postulações ideológicas e culturais heterogêneas, para os quais a escolarização constitui um triunfo social, político e simbólico. (FORQUIN, 1992, p.43-44)

Diante de tal realidade, parece evidente que entre os educadores comprometidos com o ensino de Geografia ainda não existe concordância de ideias e opiniões referentes ao papel, aos objetivos, aos conteúdos e as estratégias que melhor se ajuste ao ensino dessa disciplina. Porém, é inegável que tentativas de renovação vêm sendo amplamente discutidas e testadas há algum tempo, o que nos permite afirmar que novos caminhos estão sendo trilhados, o que é extremamente positivo e, ao mesmo tempo, traz para Geografia escolar brasileira uma infindável gama de riqueza e complexidade.

A abordagem social que a Geografia escolar vem destacando como prática pedagógica tem permeado o ideário educacional como alternativa de fazer com que discussões mais abrangentes, entre elas, discussões sobre saber acadêmico e saber escolar, possam estar inseridos no discurso presente em sala de aula. É um princípio teórico que tem como objetivo transpor as barreiras da educação tradicional, convencional, que busca ensinar sobre a realidade, visto que sua premissa é identificar a realidade social.

O processo didático-pedagógico da Geografia escolar, neste início de século, suscita reflexões quanto ao tratamento com as questões espaciais, destacamos aqui os fatos e os acontecimentos locais, regionais, nacionais e/ou globais, bem como, a política escolar baseada na pedagogia da mudança/transformação dos hábitos e atitudes dos alunos para a produção do exercício da cidadania. Nesse sentido, o (re)pensar a dimensão técnica, política e ética do processo de ensino-aprendizagem na Geografia escolar e suas repercussões na sociedade constitui um caminho para refletir de forma clara e profunda o que o ensino da Geografia vem fornecendo para a formação de sujeitos que reconheçam a dimensão social de sua participação na construção do espaço.

Falar da questão didático-pedagógica da Geografia escolar nos remete a uma reflexão em torno das sérias críticas por qual passa seu ensino, como, aliás, acontece com o ensino em geral. Deve-se a isto à tradicional postura da Geografia e do professor, que considera como importante, no processo educativo: os dados, as informações, o elenco de curiosidades, os conhecimentos gerais, as localizações, enfim, o conteúdo acessório, como lembra-nos Brabant (1989, p.18-19):

Discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, na sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descreverem lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança no sentido de uma despolitização total.

Esse escopo, herança do século XIX, interfere no caráter propedêutico de uma Geografia voltada para a cidadania, pois não consegue formar e manter conceitos geográficos

válidos cientificamente e relevantes socialmente, existindo um predomínio forte de um ensino alinhado com apenas uma orientação paradigmática da Geografia.

Mesmo após o Movimento de Renovação denominado “Geografia Crítica”, na década de 1970 e 1980, nota-se que pouco foi modificado no tratamento didático-pedagógico da Geografia na sala de aula, o qual poderia contribuir para que os sujeitos envolvidos se reconhecessem como sujeitos do mundo em que vivem, indivíduos sociais, capazes de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço e que conseguissem ter os mecanismos e os instrumentos para tanto.

Ainda segundo Chervel (1990) as mudanças nos conteúdos escolares obedecem às mudanças das grandes finalidades da sociedade, assim, mudanças na população escolar, leis ou grandes mudanças no cenário social podem apresentar momentos de rupturas dos conteúdos escolares.

De acordo com Albuquerque (2008, p. s/n):

Partindo dessas constatações entendemos que as permanências e mudanças nas metodologias adotadas para o ensino de Geografia devem ser analisadas no bojo do desenvolvimento da história dessa disciplina escolar. E mais precisamente elas devem ser analisadas a partir da relação entre as propostas teóricas implantadas ou não e as práticas efetivas de sala de aula.

A propósito, a dimensão social de construção do conhecimento geográfico, tem uma literatura bastante difundida no meio científico, não apenas pelos “geógrafos acadêmicos”, mas também por pensadores de outras áreas, contudo apesar de haver um movimento de renovação teórico metodológico por parte de alguns educadores, que nos remete a uma condição de avanço qualitativo no ensino de geografia, a situação de atraso ainda persiste no cotidiano da escola.

## **1.2 Um percurso metodológico para a pesquisa**

Entendemos o método como sendo um instrumento organizado que procura atingir resultados estando diretamente ligado à teoria que o fundamenta. Ou seja, é entendido como um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado. Conforme Lalande (1999, p.678) o método é “o caminho pelo qual se chegou a determinado resultado”.

Buscando caracterizar o método Bachelard (1983, p.122) diz que: “O método é verdadeiramente uma astúcia de aquisição. Um estratagema novo, útil na fronteira do saber.”

Portanto, o método é uma maneira de obter os resultados, ou seja, o pensamento do pesquisador, utilizando-se de uma teoria que o fundamente. Por outro lado, a metodologia caracteriza-se pelos procedimentos utilizados pelo pesquisador, materiais e métodos em uma determinada investigação, sendo as etapas a seguir em um determinado processo. Segundo Lalande (1999, p.680) “é a subdivisão da lógica, que tem por um objeto o estudo *a posteriori* dos métodos”. Esse esboço da estrutura metodológica, objetiva ajudar o leitor a entender alguns passos da metodologia e de sua constituição. Porém, essa estrutura metodológica não se limita a um esquema, sendo apenas uma referência para a montagem e execução desta pesquisa.

Nesta perspectiva neste trabalho a metodológica foi construída na tentativa de mostrar o cordel em sua dimensão educativa, procurando superar somente uma visão poética dos cordéis, por acreditarmos que, para além de perceber o folheto como um objeto estético, artefato cultural que configura e delinea o Nordeste em rimas e versos, os cordéis são educativos, e o seu conteúdo é importante na aprendizagem escolar.

A utilização do método etnográfico num enfoque etnometodológico (COULON, 1995a), deu-nos suporte para entender como, em sua operação cotidiana, o poeta cordelista entende e faz cultura, retrata e relata fatos e aspectos relevantes do seu universo, em especial o Nordeste, e como podemos compreendê-lo a partir de seu trabalho.

Para trabalhar com um objetivo de estudo dotado de características peculiares como o cordel, que no seu percurso histórico, sofreu importantes influências e transformações, é preciso ter um método que contemple a diversidade de lugares e assuntos. Segundo Bray (1999, p.4) “para obter o conhecimento mais verdadeiro das questões, o que deve estar presente é a análise da conjuntura, a importância do momento social, político, cultural e histórico em que o autor vive e escreve sua obra”. Com base nesses pressupostos e naqueles discutidos no item 1.1 é que descreveremos os passos por nós seguidos para o desenvolvimento deste trabalho.

As fontes utilizadas nessa pesquisa foram os folhetos de cordel, além de entrevistas com cordelistas, alunos e professores da educação básica, visitas a museus e sítios da internet, nos quais tivemos acesso à vasta documentação sobre o cordel. Outra ação que se revelou importante na investigação foi à análise e observação de projetos em andamento, que utilizam o cordel como instrumento didático-metodológico na educação básica.

O eixo investigativo concentrou-se na pesquisa bibliográfica acerca de estudo de renomados autores que trabalham com as temáticas: cultura, educação, aprendizagem, que forneceram o aporte teórico e o nosso objeto de estudo é o cordel. Para isso o corpus

escolhido como fonte documental de análise e amostra foi composto de 50 cordéis, alguns deles de cordelistas entrevistados; outros de autores não contatados, mas de expressiva relevância no universo cordelista. Haja vista que, a seleção destes cordéis teve como critério o fato deles tratarem de temáticas relativas ao Nordeste brasileiro.

Apresentaremos a seguir o delineamento da estrutura metodológica que organizamos para este trabalho, detalhando os recursos metodológicos utilizados para a pesquisa.

### **1.2.1 Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica que realizamos para o desenvolvimento deste trabalho foi essencial para subsidiar as discussões sobre a temática da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico nas aulas de Geografia.

O primeiro momento dessa parte da pesquisa constituiu na busca e seleção das fontes bibliográficas que deram sustentabilidade teórica ao estudo. Nesse percurso inicial, fizemos o levantamento a fim de conhecer melhor a bibliografia acerca do assunto, tendo em vista o quadro teórico-metodológico privilegiado. Além dos autores do referencial teórico utilizado, dialogamos com outros, cuja contribuição nos possibilitou o entendimento das reflexões realizadas.

As discussões aqui desenvolvidas contribuíram para o entendimento de conceitos e teorias acerca da Geografia Crítica e da Geografia Cultural, considerados, aqui, como essenciais para a compreensão do caráter educacional do cordel. Tornou-se, assim, evidente a necessidade de discutirmos os avanços e retrocessos da relação entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar.

Além da bibliografia consultada para embasar o referencial teórico, utilizamos, também, várias fontes documentais, tais como: entrevistas e depoimentos de cordelistas, bem como vários cordéis, disponíveis tanto na forma impressa quanto disponíveis *online*, conforme apresentaremos a seguir.

### **1.2.2 Pesquisa de campo**

Feito o itinerário em busca das fontes bibliográficas, procedemos com a análise e seleção dos cordéis que seriam utilizados na pesquisa, utilizando como critério para essa seleção, aqueles que continham conteúdos geográficos na sua produção textual que poderiam,

efetivamente, subsidiar a contextualização do Nordeste nas aulas de Geografia. Outra atividade relevante e de grande contribuição foi à visita a redutos de resistência do cordel no Nordeste; dentre eles destacamos: O laboratório de Estudos Linguísticos e Literários – LAEL – da Universidade Federal de Campina Grande; a Biblioteca Municipal de Olinda/PE; a Casa da Cultura João Condé, na cidade de Caruaru/PE; o Museu do Homem do Nordeste, em Recife/ PE; onde foram vistos nos acervos destas instituições cerca de 3000 títulos de Cordel, além de periódicos especializados no assunto, obras literárias, dissertações e teses.

Completando a pesquisa de campo, realizamos uma oficina e palestra com cordelista na Escola Estadual Professora Elisa Coelho, situada na Rua Manoel Ouro Preto, nº 14, São José, Garanhuns/PE. Coordenadas pelo pesquisador e realizadas com alunos e professores da unidade escolar, onde o cordel foi o instrumento didático utilizado no processo de ensino aprendizagem.

A atividade consistiu-se na realização de uma palestra para alunos e professores, de turmas de 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental, tendo como palestrante o cordelista Sr. Luiz Gonzaga (Gonzaga de Garanhuns). Neste momento aplicamos um questionário aos alunos, sendo 30 (trinta) da 6ª série e 20 (vinte) da 7ª série (apêndices A e B), e 10 (dez) professores das referidas turmas, antes e após a palestra (apêndices C e D), bem como foi realizada uma entrevista com o cordelista (apêndice E). Como resultados preliminares pudemos constatar que a interdisciplinaridade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso com as relações interpessoais no âmbito da escola quanto à abordagem de questões socioculturais. Portanto, entendemos que, para estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que a escola trate de questões que interferem diretamente na vida dos alunos e com as quais se veem confrontados no seu dia-a-dia.

O Cordel contribui para a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos deveres e direitos dos cidadãos, de respeito à bem comum e à ordem democrática. Por natureza, é interdisciplinar; une música com a poesia, integra a praticidade das artes visuais e pode ser aplicada de forma satisfatória com os temas transversais. No entanto, é preciso que se faça um bom planejamento para aproveitar o que se tem de melhor dessa linguagem rica e expressiva.

Nesta oportunidade, ao ser utilizado como ferramenta pedagógica, o cordel estimulou a compreensão espacial do aluno, ensina-o a ter perspicácia na maneira de perceber as coisas, de ser um captador de detalhes e de se transformar num verdadeiro pesquisador e leitor de paisagens. Desenvolvendo as inteligências sonoras e escrita o aluno foi capaz de transformar

textos em paródias; identificar tópicos geográficos em músicas; caracterizar e interpretar fenômenos naturais e sociais através do cordel.

Este quadro de aluno pode ser caracterizado da seguinte forma: eram 50 (cinquenta) alunos participantes da palestra/oficina, 32 (trinta e dois) são do sexo feminino e 18 (dezoito) do sexo masculino; com idades entre 12 (doze) e 14 (quatorze) anos; do total 40% residem na zona rural. O quadro de docentes era formado por 10 (dez) professores, desse total, 4 (quatro) eram habilitados em Geografia e os demais em História, Biologia e Língua Portuguesa.

Na análise da coleta de dados 68% dos alunos que responderam ao questionário afirmaram não conhecer a literatura de cordel. Portanto, este índice revela que a maioria dos alunos não teve a oportunidade de explorar e valorizar este elemento da cultura popular nordestina. Isto nos surpreendeu, tendo em vista que defendemos, inclusive teoricamente, que o cordel faz parte do cotidiano dos nordestinos, como havíamos enfatizado em nosso texto inicialmente.

Dentre os alunos que relataram conhecimento prévio a respeito do cordel, percebemos que se tratava, em sua grande maioria, daqueles que residiam na zona rural, indicando assim que a preservação do hábito da leitura do cordel é mais forte no meio rural, o que caracteriza a preservação de valores culturais que não são comuns aos jovens residentes na área urbana. O que demonstra para nós enquanto pesquisador que a realidade entre o meio rural e urbano deve ser considerado quando das nossas aulas de Geografia.

No entanto, durante e após a apresentação do cordelista e da realização da oficina, comprovamos através das respostas obtidas formal (resposta dos questionários aplicados) e informalmente (depoimentos), que a maioria desses alunos demonstrou grande interesse para com o cordel, pela forma descontraída, contextualizada e motivadora com que o mesmo aborda diversificados temas e/ou conteúdos. Quanto à oficina, os alunos tiveram a oportunidade de expressar o prazer com a construção do saber, desenvolvendo habilidades e competências, tanto no ler quanto no fazer do cordel.

Quanto aos professores, apenas 30% afirmaram ter utilizado o cordel como recurso metodológico. No entanto, estas respostas foram obtidas principalmente dos professores de Língua Portuguesa, enquanto que a maioria dos professores de outras áreas, inclusive os de Geografia, revelaram que nunca haviam utilizado o cordel em sua prática pedagógica. Alguns revelaram que já conheciam algumas experiências exitosas com o uso do cordel como instrumento didático-metodológico, mas mesmo assim, continuaram sem utilizá-lo. Durante e após a apresentação do cordelista e realização da oficina os professores se envolveram de forma positiva, coordenando e participando ativamente das atividades.

### **1.2.3 Seleção dos cordéis e autores a serem analisados**

Os títulos pré-selecionados inicialmente foram submetidos a uma análise mais rigorosa em que o critério determinante para a utilização foi de que o conteúdo pudesse, efetivamente, contribuir para o desenvolvimento de conteúdos geográficos referentes ao Nordeste brasileiro em sala de aula da educação básica. Pois o recorte destes foi utilizado como alternativas didáticas, capazes de subsidiar a contextualização do Nordeste nas aulas de Geografia. Dentre os trabalhos utilizados estão folhetos de Patativa do Assaré, Gustavo Dourado, Ariovaldo Viana, Leandro de Barros, Gonzaga de Garanhuns, Manoel Monteiro, entre outros.

O Nordeste seja referente ao sertão ou ao litoral, os aspectos sociais, econômicos e culturais que caracterizam espaços distintos de um mesmo recorte regional, que mostram diferentes modos de viver e de ver o mundo, de se fazer nordestino, suas especificidades e dinâmicas de vida e práticas culturais, foram características elencadas, com o objetivo de, através da utilização do cordel, educadores e educandos, pudessem, efetivamente, suprir a carência de material didático, para melhor compreender, entender, e analisar o Nordeste brasileiro.

Os cordéis analisados, no seu todo ou em partes (estrofe(s)), constam no item 4.3 deste trabalho de pesquisa, bem como na lista de cordéis consultados.

## 2. PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL DO CORDEL NO BRASIL E NO NORDESTE

### 2.1 Breve histórico da introdução do cordel no Brasil

A didática do cordel

#### O que é cordel

É uma literatura  
Cujos temas hoje são  
Aproveitados na música  
Cinema e televisão  
O seu valor literário  
É de grande expansão

Vai da literatura real  
Até as lendas e mitos  
E com essa acepção  
Escritores eruditos  
Com essa literatura  
Enriquecem seus escritos

O cordel no mundo inteiro  
Está chamando atenção  
Em teses de doutorado  
E de pós-graduação  
É, nos Estados Unidos,  
Na Rússia, França e Japão.

Do humilde chão da feira  
E do simplório barbante  
O cordel evoluiu  
Segue rota triunfante  
Estudar esse fenômeno  
É um caso interessante

#### De onde veio o cordel

Não se sabe exatamente  
O cordel de onde veio  
Alguns afirmam que os mouros  
Lhe serviram de correio  
Até a Península Ibérica  
E de lá pra o nosso meio

Pois lá na Península Ibérica  
Cordão se chama cordel  
Onde eram penduradas  
As folhinhas de papel  
Nascendo daí o nome  
Dessa cultura fiel

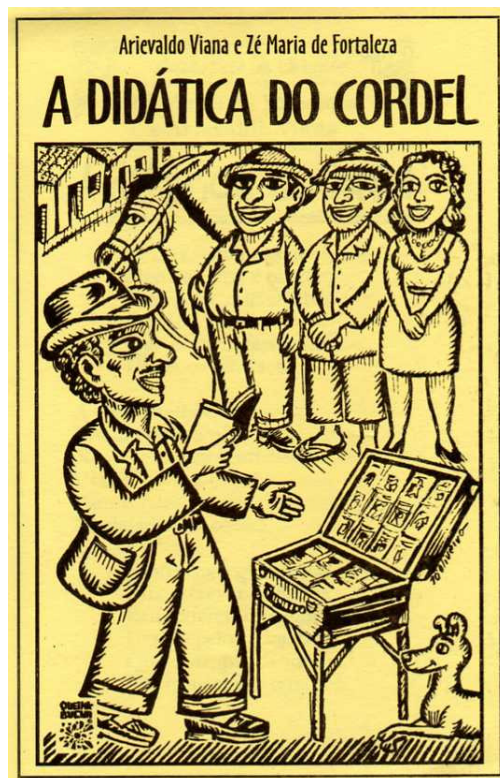


Figura 16– Capa do folheto "A didática do cordel"

### Como chegou ao Brasil

O cordel viajou sempre  
Nessa macha cultural  
Conduzindo a influência  
Da cultura oriental  
Embora o seu nome seja  
De origem provençal

Menestréis da Idade Média  
Narravam grandes contendas  
Batalhas de Carlos Magno  
E traços de velhas lendas  
Trazidas lá das Arábias  
Em originais parlendas

O cordel sempre cresceu  
Numa dimensão tamanha  
Espalhou-se pela França  
Em Portugal e Espanha  
A existência dos fatos  
Lhe servindo de campanha

A viagem que Américo  
Vespúcio, fez ao Brasil  
Foi cantada em cordel  
Trazendo alegrias mil  
Narrando todos os fatos  
Sem faltar vírgula nem til

E o novo continente  
Com essa celebração  
Ganhou o nome de América  
Pela designação  
Que vem do nome de Américo  
Eis aí a relação.<sup>3</sup>

O cordel brasileiro, além da influência de uma diversidade de elementos africanos e indígenas, apresenta parentesco com os *pliegos sueltos* na Espanha; com o corrido dos países americanos de língua espanhola (México, Nicarágua, Venezuela, Colômbia, Chile e

---

<sup>3</sup>O folheto “A didática do cordel”, de autoria dos poetas Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, publicado em março de 2006, tornou-se, devido a seu conteúdo, um dos principais cordéis analisados na pesquisa. Entretanto o referido folheto não fará parte do tópico 4.3 “Análise dos conteúdos e/ou conhecimentos geográficos sobre o Nordeste contido nos cordéis”, por tratar-se de um texto dividido em temáticas, portanto, será utilizado em partes, adequando-as aos tópicos do texto. Aqui foram utilizadas as estrofes de 4 a 7, com o tema “O que é cordel”, as estrofes 8 e 9, com o tema “De onde veio o cordel”, e as estrofes de 10 a 14, com o tema “Como chegou ao Brasil”, que compõem o folheto: A didática do cordel, p. 2 - 4.

Argentina): como as folhas volantes de Portugal e com os *Cheapbooks*, da *bibliothèque bleue*<sup>4</sup>.

Todas essas variações de uma mesma tradição literária, também, conhecida na Idade Média com o nome de *literatura de cegos*<sup>5</sup> traz no seu bojo as práticas sociais que, ao longo dos anos, vêm sendo sobrepostas em camadas sedimentadas e ao mesmo tempo ressignificadas, configurando o sentido da vida humana.

A tradição da literatura oral, popular é muito antiga e permanece até nossos dias, mesmo com o surgimento da tradição literária culta. Embora ainda pouco divulgada e conhecida pelo nome de literatura de cordel, é uma forma de comunicação utilizada em várias partes do mundo, que surgiu na Europa com a imprensa e a partir de então se difundiu.

Um dos traços mais pertinentes desse gênero é o fato de ser um tipo de poesia narrativa e de caráter popular, já que os cordelistas contam, através dos versos, as histórias com grande riquezas de detalhes. Foi por volta dos séculos XI e XII, na Idade Média, que esse gênero de literatura popular se propagou pela Europa. O crescimento desse tipo de literatura, transmitida preferencialmente de forma oral, ocorreu com o surgimento das várias línguas nacionais, utilizadas pelo povo, em objeção a língua das elites e da Igreja, o latim.

O desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram a invenção das máquinas impressoras, conhecidas como tipografia, por volta do século XIV, ajudaram a propagar esse tipo de literatura a um público maior de leitores. Na Espanha, as folhinhas de Cordelimpresas chamavam-se *pliegosuelta*; na Inglaterra, *chapbook*, na França, literatura de *colportagee*, em Portugal esses livretos ganharam várias denominações, como: folhetos, folhetos volantes, literatura de cegos e por fim, cordel, porque as folhas eram penduradas ou dobradas em barbantes para atrair a clientela, segundo Cascudo (Apud DIÉGUES JÚNIOR, 1977, p. III).

---

<sup>4</sup>C.f. CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990. O autor informa que a *bibliothèquebleue* foi uma fórmula editorial inventada no século XVII, pelos editores de Troyes. Consistia na impressão de grande quantidade de livros de capa azul (não só), vendidos a preços baixos por vendedores ambulantes.

<sup>5</sup>A literatura de cegos, assim conhecida durante a Idade Média, os cegos pedintes para ajudar a vida, declamavam longos poemas em locais públicos.



Figura 17 – cordéis pendurados em barbantes, exemplo de como é tradicionalmente exposto e comercializado.

No Brasil os primeiros folhetos de cordel foram trazidos pelos colonizadores portugueses, em suas bagagens, bem no início da nossa colonização. Chegando ao Brasil trazido tanto pelos lavradores - com a gente do povo, como também por pessoas cultas que vieram se aventurar nas novas terras, sendo também, apreciadores desse gênero literário. Esta tradição do romanceiro do povo, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel; “os folhetos” caíram na graça das pessoas que não tinham acesso às grandes obras literárias da época.

É certo que a literatura de cordel brasileira tem suas raízes assentadas na colonização portuguesa, entretanto, estudos realizados por Cascudo (1968), entre outros, possibilitam afirmar que, além de traços das baladas orais ibéricas, dos livretos portugueses, que traziam contos folclóricos, astrologia, ensinamentos religiosos, romances e variados assuntos, percebe-se a presença da literatura europeia da Idade Média produzida pelos cantadores que viajavam de feudo em feudo, cantando suas poesias. Nesse sentido, concordamos com Márcia Abreu (1999, p.17-23) quando enfatiza que essa “fórmula editorial não é uma criação portuguesa, pois se encontram publicações similares em quase todos os países europeus”.

Desse modo, Peloso (1996, p.78), ao caracterizar o texto de cordel e também o poeta afirmava que:

Herdeiro e depositário do fluxo legítimíssimo da tradição como memória convertida em descoberta, representa um ponto de chegada de materiais erráticos que têm atravessado como meteoritos o firmamento de sistemas culturais inclusive muito distantes, para depois serem reutilizados por uma vontade artística em que a coletividade se realiza com gostos e fórmulas próprias.

A reapropriação e reconstrução da narrativa de cordel durante seu percurso histórico, em especial no continente americano, baseiam-se nos romances velhos ou baladas tradicionais, nos contos e crônicas vindos de um fluxo ininterrupto, originário de várias

regiões do velho mundo. Pizarro (1994, p.31-32) afirma que “os cordéis seguem sempre como recriação na qual se apresentam as permanências e ressignificações, efetivamente, assentadas nas histórias-matrizes. Todavia, não são sempre as mesmas histórias nem inteiramente outras”.

Neste sentido Benjamin (1994, p.223) chama a atenção para o fato de que “o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. Assim entendendo serem os pequenos nada vividos no cotidiano e, também, os grandes acontecimentos que, juntando fragmento por fragmento, compõem o quadro ampliado do universo das práticas e representações de uma sociedade, e por isso mesmo, todos devem ser considerados pela história. Entretanto, é o modo como o pesquisador percebe esses acontecimentos e transformações que pode se tornar relevantes ou não para o contexto sociocultural da sociedade.

A poesia popular prescinde, e muito, o surgimento da escola. Os artistas populares já versejavam animando os saraus da alta nobreza na Grécia antiga e no Império Romano. No Brasil, esse gênero poético foi introduzido pelos colonizadores portugueses no início do século XVIII, porém, foram os brasileiros que o herdaram e o transformaram em linguagem popular tal qual a conhecemos hoje; aqui surgiram novas modalidades, regras, técnicas e estilos. Por volta de 1860/1870 surgiram os primeiros poetas repentistas e declamadores no interior do Nordeste, mais precisamente no sertão paraibano, em cidades como Teixeira, Pombal e Mãe D’água. Da poesia matriz lusitana pouco restou, pois, uma vez adaptada e aprimorada, tornou-se genuinamente brasileira.

Em seu *Vaqueiros e Cantadores*, Câmara Cascudo (1968) apresenta um resumo biográfico de poetas da literatura de cordel que possibilita confirmar a ideia do século XIX como sendo o grande marco no surgimento da poesia de cordel nordestina, com a conformação que chegou até os dias atuais. Segundo informa Cascudo (1968, p.254-273) “vários são os poetas de destaque que merecem nesta época e muitos são aqueles nascidos no Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco. Estados do Nordeste onde se aglutinam as atividades relacionadas à literatura de cordel”.

Para Slater (1984, p.12-14) “existem importantes indícios históricos que mostram o “Grupo do Teixeira” ou Escola do Teixeira<sup>6</sup>, no interior do estado da Paraíba, como sendo a

---

<sup>6</sup>Cf. SLATER op cit, p.12-14.Segundo essa autora se pode atribuir à Escola de Teixeira – escola não no sentido formal, mas significando grupo – a conformação da literatura de cordel desenvolvida no Nordeste, e que é seguida até os dias atuais pelos cordelistas brasileiros. Os folhetos portugueses eram escritos sob a forma de

Primeira grande escola de cantadores do Nordeste.” É esta escola responsável pela produção e divulgação sistemática da literatura de cordel na região, inclusive, a ela é atribuída a implantação do uso das sextilhas setissilábicas e do martelo agalopado, como características marcantes da composição dessa literatura no Brasil. A autora acredita ser o Grupo de Teixeira responsável por firmar a forma canônica para a cantoria de viola, desafios, repentes ou improvisos que chegaram até os dias atuais.

Em busca de demonstrar a ligação dos folhetos com as formas de cantorias desenvolvidas pelo Grupo do Teixeira, Slater (1984, p.12) afirma que:

A sextilha é o padrão predominante na métrica do cordel brasileiro. Os livretos portugueses, que eram escritos em versos, de preferência à prosa, inevitavelmente empregavam a quadra, mas o folheto nordestino abstém-se desta forma. Não só a sextilha como todos os padrões de métrica encontrados no folheto, também, ocorrem na poesia improvisada. A existência de décimas e martelos impressos, assim como ABCs sem que cada estrofe começa o mesmo estribilho de uma ou duas linhas, sugere vínculos diretos entre o folheto e essa forma de poesia oral oriunda do grupo do Teixeira. O mesmo ocorre com a existência de diversas pelejas literárias dentro do cordel, assim como o emprego esporádico de fórmulas inicialmente associadas ao cantador.

No Nordeste brasileiro o cordel passou a ser um veículo de comunicação, a partir do qual a sociedade colonial podia universalizar a sátira, a crítica, o romance e até o cançãoeiro popular, ou seja, os fatos históricos que marcaram a formação sociocultural do nordestino, foram aí retratados, as relações sociais, esse processo se estende até os dias atuais. Portanto, o mesmo foi e é capaz de ressignificar e configurar o sentido da vida humana.

Depois da chegada desses livretos ao nosso país, três séculos depois, surgiram, no Nordeste os primeiros folhetos de autoria brasileira, se propagando por essa região, como afirma Melo (1982, p.12):

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios, econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, nas manifestações da memória popular.

---

prosa, ou versados em quadras. O Grupo do Teixeira foi responsável pela criação e adoção das sextilhas de sete sílabas e do martelo nas cantorias. O início do uso de sextilhas é atribuído ao cantador Silvino Pirauá de Lima. Esta forma de composição poética é, no presente, a mais usada tanto nas cantorias de viola quanto nos folhetos escritos. Especialmente a sextilha, fórmula da poesia da cantoria de repente, originada do Teixeira passa a ser incorporada ao folheto. Outra adoção de elementos dessa poesia realizada pelos folhetos foi a escrita sob a forma de pelejas.

De acordo com os pressupostos de Melo, o cordel desempenhou várias funções no Nordeste brasileiro tais como: veículo de informação para o homem do campo, para fins educativos, políticos e sanitários, em campanhas de vacinação contra várias doenças, veículo de campanhas político-partidárias. Funções equivalentes a outras atividades artesanais como estratégia de sobrevivência entre poetas populares, pequenos proprietários de tipografias.

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando estes livrinhos de feira através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegava gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente esta alta missão social (MELO, 1982, p.20).

Como foi mostrado, o cordel sofreu várias transformações de Portugal para o Brasil, pois aqui não houve a produção de cordéis escritos em prosa como em Portugal, toda nossa produção se deu exclusivamente em versos que carregam como características próprias uma das variantes linguísticas do Brasil, que se presentifica no discurso do homem camponês.

De acordo com Fraisse:

Através do jogo desta organização, o nosso horizonte temporal consegue desenvolver-se muito além das dimensões da nossa própria vida. Tratamos os acontecimentos que a história do nosso grupo social nos fornece tal como tínhamos tratado a nossa própria história. Ambas se confundem: a história da nossa infância e a das nossas primeiras recordações, mas também a das recordações dos nossos pais, e é a partir de umas e outras que se desenvolve esta parte das nossas perspectivas temporais.(apud LE GOFF,2003, p.210)

O nordestino consciente de sua história construída na vivência, encontrou, na sua experiência e no seu espaço vivido, condições e subsídios suficientemente fortes para dar o suporte necessário às mudanças que, efetivamente, promoveu na literatura de cordel, tal qual foi aqui introduzida, tornando-a assim, eminentemente nordestina, em suas características e formas de produção e apresentação.

O ponto de partida da poesia popular nordestina, impressa, inicia-se com o paraibano Leandro Gomes de Barros o mais famoso poeta popular. Isto porque, segundo Luyten (1992, p.53-54) “não há dúvida de que, até hoje, nenhum outro poeta da literatura de cordel conseguiu igualar-se quer em qualidade de versos quer em penetração popular”.

A partir de 1890 a literatura de cordel se propagou pelo Nordeste, na forma de folheto. Depois de 1910, outros nomes de autores surgiram: Antonio Guedes, João Martins de Athayde, Antonio da Cruz, José Adão Filho, Laurindo Gomes Maciel, Manoel Caboclo e

Silva e Antonio Gonçalves da Silva, entre outros. Enfatizando aqui um dos mais renomados poetas da Literatura de Cordelística Nordestina, Antonio Gonçalves da Silva, mais conhecido por Patativa do Assaré que destacou-se por cantar em seus versos a vida dura do sertanejo, a diferença de classes e também as coisas de sua terra: as festas, os costumes e a natureza, como podemos observar neste trecho de sua obra:

Sou um cabloco rocêro,  
Sem letra e sem estruturação,  
O meu verso tem o chêro  
Da poêra do sertão;  
Vivo esta solidade  
Bem distante da cidade  
Onde a ciência gunverna.  
Tudo meu é natura,  
Não sou capaz de gosta  
Da poesia moderna. (SILVA, 2007.PATATIVA DO ASSARÉ).

Com o desenvolvimento do país o cordel foi mudando, ao longo dos anos sofreu alterações. Historicamente, as temáticas apresentadas nas poesias de cordéis, eram extremamente diversificadas, romances tradicionalistas, até assuntos históricos brasileiros, relacionados à religião, ao misticismo, à vida do campo, desastres, crimes, acontecimentos da atualidade mundial. É assim que Luyten (1992, p.62) caracteriza essa poesia:

Essa poesia, a literatura de cordel, ao longo dos anos sofreu uma mudança, não na sua estrutura, mas sim na essência. Antigamente, ela era portadora de anseios de paz, de tradição e veículo único de lazer e informação. Hoje, ela é portadora, de outras coisas, de reivindicações de cunho social e político.

Ainda segundo Luyten essas mudanças sofridas pela literatura de cordel, não querem dizer, necessariamente, que foram ocasionadas por pura e simples rejeição à literatura original trazida pelos portugueses, nem tão pouco por serem consideradas representações do passado. Pois de acordo com Hobsbawm (1998, p.29): “O problema de se rejeitar sistematicamente o passado apenas surge quando a inovação é identificada tanto como inevitável quanto como socialmente desejável: quando representa “progresso”, e nesse ponto há muita necessidade de pesquisas”.

Então, apesar de consideráveis mudanças, as instituições responsáveis pela formação do leitor parecem não ter dado conta de diminuir os desencontros que se evidenciam no relacionamento poesia e escola. Faz, portanto, necessárias reivindicações no sentido de levar em consideração a integração leitor-texto, pois, para que essa interação ocorra é impreterível

que os elementos constitutivos específicos do poema estejam enraizados no contexto cultural e social do leitor, por isso a inclusão desse gênero discursivo, o cordel, ser aqui destacado como indispensável ao currículo escolar.

De acordo com Le Goff (2003, p.283):

Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores em face do desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem. O estudo das idades míticas constitui uma abordagem peculiar, mas privilegiada, das concepções do tempo, da história e das sociedades ideais.

Uma vez que os textos contidos nos cordéis são a concretização dos discursos que acontecem nas mais variadas situações, e estão impregnados de visão de mundo proporcionada pela cultura e resultam, necessariamente, das escolhas e combinações feitas no complexo universo que é a língua, eles precisam estar onde o leitor está. Isto porque, esses textos orais ou escritos, mostram de forma concreta o universo de seu autor: o que pensa, como pensa, e como expressa esse pensamento. Na verdade, muito mais, expressa a vivência deste em toda a sua plenitude.

Sabe-se que a colonização portuguesa iniciou-se no Nordeste, assim, em princípio, foi nesta parte do território brasileiro onde a tradição do fazer e cantar cordel se desenvolveu, numa outra realidade, onde os modelos se transfiguram e, segundo Peloso (1996, p. 49), “assumem um significado e uma função novos: mitos e figuras (...) tornam-se metáforas de outros itinerários em que, entre paródias e travestimentos, abaixamentos e profanações, exprime-se a ânsia e o trabalho de criação de toda uma época”.

No Nordeste do Brasil, além da criatividade do poeta cordelista, o hábito de ouvir e contar histórias contribuiu para engendrar a recriação em versos das baladas tradicionais, das fábulas, dos contos de ensinamentos vindos da Europa e que aqui adquiriram características próprias. Como Cascudo (1968, p.22) bem observou, “floresceram, noutra indumentária, as tradições seculares”.

As várias tradições orais trazidas pelos portugueses foram se mesclando de modo a permitir ao poeta cordelista brasileiro, uma criação literária muito peculiar. Contribuiu, ainda, para a formação desta literatura a prática da leitura em grupo dos romances vindos, em geral, de Portugal. Essa prática de leitura dos romances se dava de modo coletivo, através da leitura

em voz alta; das narrativas orais; dos versos assobiados ou cantarolados durante a labuta diária empreendida pelos trabalhadores.

Deste modo, ao longo dos anos, foram sendo desenvolvidas características de um cordel, no Nordeste, onde se expressa o gosto, os sentimentos, o modo de pensar e o modo de viver do povo nordestino. Como ser de relações, o ser humano vive em contexto que lhe permite modificar e construir seu espaço e a si próprio. Nesse processo a cultura exerce um papel fundamental, pois, de acordo com Certeau (1995, p.11), “toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoal, um intercâmbio instaurado em um grupo social”.

Portanto, é no cotidiano que se fundem as relações sociais entre os grupos e se estabelecem os laços de sociabilidades, os confrontos/conflitos. No cotidiano, as experiências individuais são somadas, e as coletivas, multiplicadas, sendo o espaço de organização das operações que visam articular modos de vida, maneiras de fazer dos sujeitos sociais, lugar de produção e de interação social.

O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho e nós mesma, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 1995, p.31).

Desse modo, Certeau acredita que é no cotidiano, em suas práticas diárias, que os valores dos sujeitos sociais, coletivos ou individuais, emergem. Nessa ótica, a cultura consiste na realização do ato pelo qual cada um marca sua participação no seio da sociedade de que faz parte. A cultura é singular de um meio e se inventa no cotidiano através das artes de fazer e das táticas de resistência criadas pelos sujeitos sociais.

Como em um poema PATATIVA DO ASSARÉ (2001, p.18), retrata:

eu nasci ouvindo os cantos  
das aves de minha terra  
vendo os belos encantos  
que a mata bonita encerra  
foi ali que fui crescendo  
fui vendo e fui aprendendo  
no livro da natureza  
onde deus é mais visível  
o coração é mais sensível  
e a vida tem mais pureza.

Por todo o Brasil surgiram, segundo Cascudo (1968), por volta do século XIX, novos talentos que construíram critérios para os versos com métrica, rima e estrofes bem definidos e consagrados nos estilados das sextilhas e martelos. Nos mais de cento e dez anos de poesia no Nordeste esta arte enfrentou ascensão e declínios; um dos momentos de auge da literatura de cordel foi entre 1960 e 1990, quando ocorreram os grandes festivais de repentistas e declamadores nas principais cidades nordestinas a exemplo de Campina Grande, Recife e Fortaleza. Nacionalmente os artistas se destacaram na capital paulista e carioca com apresentações nos espaços frequentados por migrantes nordestinos trabalhadores destes grandes centros. Leandro Gomes de Barros, José Camelo, Abraão Batista, Patativa do Assaré, João Martins de Ataíde, entre tantos outros, foram os propulsores da massificação da literatura de cordel, escrevendo e publicando, em épocas diferentes, mais de dois mil títulos. Hoje há no Nordeste um acervo histórico de folhetos, espalhados em museus, bancas e livrarias, o que nos leva a pensar uma alternativa para seu uso no sistema educacional. Tal é a importância da poesia para a educação que nos relatos de muitos poetas renomados, esses dizem já terem praticado a literatura de cordel muito antes de frequentarem a sala de aula.

A poesia popular, embora predominasse no universo familiar e em grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes, etc.), também era utilizada como fonte de informação para as classes sociais mais abastadas que tinha nos cordéis um meio de atualização sobre os acontecimentos recentes, com destaque a relação urbano-rural. Dessa forma ultrapassando fronteiras, ocupou espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país.

## **2.2 O Nordeste como local de difusão e produção da literatura de cordel**

O Nordeste, enquanto recorte regional, não será discutido nesse trabalho como categoria, visto que existem vários trabalhos e discussões sobre a construção do conceito de Nordeste em diferentes contextos históricos já estabelecidos nos campos das Ciências Humanas e Sociais.

Ainda no período Colonial a Literatura de Cordel adentrou ao Brasil a partir de Salvador, na Bahia, ganhou o Sertão do Nordeste, com as entradas e bandeiras, movimento conduzido pelos colonizadores em busca do ouro, índios para escravizá-los e de aberturas de novas frentes geográficas desbravadoras, com a criação de gado. O Rio São Francisco teve um papel fundamental para a expansão dessa literatura, pois ligou Minas e Bahia a Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Ligou o interior do Brasil ao oceano, o nosso mar imenso de

Camões, Amado e Pessoa. Depois o Cordel conquistou os centros urbanos, a partir de Recife(PE) e João Pessoa(PB), e desenvolveu-se em importantes centros como Campina Grande(PB), Caruaru(PE), Juazeiro do Norte(CE), Petrolina(PE) e Juazeiro da Bahia(BA), por serem, estas localidades, importantes centros irradiadores de mercadorias e ideias, pois eram centros que exerciam influência econômica e social sobre grandes áreas rurais e faziam a ligação entre o interior e o litoral, ponto de partida e chegada de informações sobre o mundo.

Assim, na região Nordeste, os poetas brasileiros criaram como personagens dos seus cordéis: heróis cangaceiros, homens fortes e valentes, vaqueiros capazes de derrubar o boi pelo rabo e tantos outros temas, indo desde a fantasia até a narrativa de críticas socioculturais embasadas na realidade vivida no cotidiano. Já no século XX o quadro social apresentado e seus atores passaram a ter influência de acidentes naturais, jornal, rádio e TV. Em terras nordestinas a literatura de cordel foi pincelada em tons de aventuras, fortunas imensuráveis, heróis corajosos, damas encantadoras e grandes amores. Entretanto, sem abandonar o viés da sátira, do gracejo, e da comédia, típicos dessa literatura.

É através desse imaginário, fator de grande importância para a construção do saber histórico, que o homem atribui significados à sua vida individual e social, pois a rede simbólica aí expressa apresenta possibilidades infinitas para o fazer social e também permite a constante ressignificação das experiências individuais.

Em sua produção teórica Freire retratou muito bem o Nordeste, sua cultura, sua gente e a carência de seu povo. Deu vozes à educação e à cultura brasileira, despertando nos estudiosos um olhar diferente sobre o Nordeste:

Pensando minha Terra, não posso ficar alheio a esses pensares. Eles não só expressam situações concretas que os condicionam, mas também reorientam nossas ações sobre a realidade. [...] Enquanto educador progressista não posso reduzir minha prática docente ao ensino de puras técnicas ou conteúdos, deixando intocado o exercício da compreensão crítica da realidade. Falando de “fome”, não posso me contentar em defini-la como “urgência de alimentos; grande apetite; falta do necessário; míngua ou escassez dos viveres” (FREIRE, 1982, p.30-31).

Antes de ser reconhecido como região que é fruto de mistura de povos que deixaram seus traços e marcas em sua gente, desde o modo de viver e de produzir cultura até a forma de sobreviver às adversidades regionais, o Nordeste, no discurso de sua historicidade, tem sido visto por outras regiões através das lentes da fome, da pobreza e da miséria, o que tem sido a marca de sua visibilidade e, conseqüentemente, de seu povo.

Muitos foram os estereótipos criados para essa região. Foram formadas e divulgadas ideias homogeneizantes e homogeneizadoras, sobretudo pelas elites, muitas dessas com o intuito de negar a diversidade étnico-cultural que essa região apresenta ou para se beneficiar das condições impostas pelo clima e pelas condições sócias da sua população, especialmente a mais carente e explorada por esta elite.

Com o passar do tempo e o progresso urbano que, embora lentamente, atingiu o Nordeste brasileiro, muitos costumes antigos desapareceram, entretanto, a literatura de cordel resistente, permanecendo viva até hoje, mesmo concorrendo com variados tipos de mídia, tais como: a rádio, o cinema e a televisão, para o entretenimento do povo nas praças, ruas, feiras, mercados ou em qualquer lugar em que haja um repentista. Porém, é cada vez mais evidente, que o interesse pelos cordéis antigos vem diminuindo em comparação com os novos cordéis que abordam, principalmente, temas relacionados à atualidade e, mais denunciando ou zombando do que inventando acontecimentos do novo Brasil e suas circunstâncias.

Embora se possa dizer que cultura de qualquer civilização do passado ou do futuro é também esta busca de autenticidade, a reconstituição dos modos pelos quais ela é buscada e das vicissitudes em que incorremos em buscá-la é indispensável para compreender nossa criatividade cultural... (VANNUCCHI, 2006, p.15).

É muito rica e diversificada a produção cultural de um povo. No entanto, talvez o nosso maior problema seja a não valorização daquilo que temos. É mais propício aceitar o que a mídia propõe do que explorar o que está em nosso dia-a-dia. A literatura de cordel é exatamente isso – cultura popular.

Esse meio de comunicar-se de maneira espontânea e lúdica despertaram em pesquisadores, professores, voluntários e outros interessados, a ideia de se estudar a importância dessa literatura em salas de aulas, partindo de um contexto educacional na perspectiva de tê-lo como método incentivador da leitura, da escrita e da produção de textos e na identificação de conhecimentos geográficos, no que diz respeito ao amplo conteúdo das culturas populares e às muitas e criativas possibilidades de trabalhar o cordel como forma de divertir, informar, seduzir e despertar os envolvidos para as situações que os rodeiam.

O cordel contribui para a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos deveres e direitos dos cidadãos, de respeito à bem comum e à ordem democrática. Por natureza, é interdisciplinar; une música com a poesia, integra a praticidade das artes visuais e pode ser aplicada de forma satisfatória com os temas transversais. No entanto, é preciso que se faça um bom planejamento para aproveitar o que se tem de melhor dessa linguagem rica e expressiva.

Esse gênero literário permanece até hoje bastante difundido no Nordeste, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí, entre outros. Os poemas, geralmente vendidos pelos próprios autores, ainda narram fatos do cotidiano local, como acontecimentos políticos, festas, desastres, disputas, milagres, enchentes e secas. Já foi chamado de “o jornal do sertanejo”, num tempo em que o rádio era coisa de rico, televisão não existia e jornal só circulava nas grandes cidades.

Feitos para serem recitados, os cordéis são muitas vezes cantados ao público, em toadas lentas e penosas, com acompanhamento de violas ou pandeiros, para atrair o público e estimular a venda.

Dando continuidade a este texto apresentaremos uma série de versos de autores que foram responsáveis pela difusão do cordel a partir do Nordeste, mostrando a importância desses poetas.

Pai e mãe é muito bom,  
Barriga cheia é melhor;  
A moléstia é muito ruim,  
A morte é muito pior,  
O poder de Deus é grande  
Porém o mato é maior.<sup>7</sup>

Um dos poetas mais famosos da história do cordel, senão o mais famoso, também considerado um dos precursores, foi o paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918), que criou centenas de folhetos e foi o primeiro a inovar na forma e a se preocupar com a correção do texto. Foi também quem primeiro investiu em tecnologia, trazendo da Europa o que havia de mais moderno em equipamentos gráficos. Publicou centenas de folhetos. “Não foi o príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro”, disse Carlos Drummond de Andrade em crônica publicada no *Jornal do Brasil* em 9 de setembro de 1976.

Poeta como Leandro  
Inda o Brasil não criou  
Por ser um dos escritores  
Que mais livros registro  
Canções não se sabem quantas  
Foram seiscentas e tantas  
As obras que publicou.<sup>8</sup>

Houve outros grandes poetas que viveram essa fase áurea do cordel, como João Martins de Atayde (autor da septilha acima), José Camelo de Melo, Zé Bernardo, João

<sup>7</sup>Sextilha de Leandro Gomes de Barros, do cordel *Vida e testamento de canção de fogo*.

<sup>8</sup>Septilha, também de sete sílabas, de autoria do poeta João Martins de Atayde.

Melquíades, Zé Pacheco, Expedito Sebastião da Silva, Rodolfo Coelho Cavalcante, Firmino Teixeira do Amaral e Manoel Camilo, entre outros. Das gerações seguintes merecem destaque Patativa do Assaré (1909-2002), Manoel Monteiro, Gonçalo Ferreira da Silva, (atual presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ABLC), Antônio Francisco e Geraldo Gonçalves de Alencar. Da geração ainda mais recente temos os cearenses Arievaldo Viana, Zé Maria e Rouxinol do Rinaré, os baianos Marco Haurélio e Dalmo Sérgio, o piauiense Pedro Costa, os pernambucanos Marcelo Soares, Cícero Pedro de Assis, Luciano Dionísio e Jénerson Alves, e muitos outros.

Dando continuidade a essa difusão do cordel nos dias atuais a Associação dos Cordelistas do Crato-CE faz um excelente trabalho de divulgação e valorização do cordel tradicional, assim como a Associação Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC. Em muitas cidades do Nordeste é comum os poetas se reunirem para falar de cordel, declamar, “trocar figurinhas”. Temos também Editoras especializadas nesse gênero. É o caso da Luzeiro, em São Paulo; Queima Bucha, no Rio grande do Norte; Coqueiro, em Recife; e Tupynanquim, em Fortaleza, cujo proprietário é o também poeta Klévisson Viana.

No meu país poucos vêem  
O valor da poesia,  
Da cultura popular...  
E até a ecologia  
Não é reverenciada,  
E é menos apreciada  
Do que a pornografia.<sup>9</sup>

Dessa forma, foi o cordel que melhor caracterizou o Nordeste. Os folhetos e seus autores deram visibilidade à essa região, foram as palavras construídas nos romances ou em poemas que materializaram a região, evidenciando sentimentos, significados e sensibilidades que notabilizaram esse espaço de produção social e histórica chamado Nordeste. Assim, o cenário e os personagens retratados nos folhetos publicados sobre a região chama atenção para o modo de vida, os costumes e em especial, os valores, como bem demonstra a septilha acima citada.

Percebe-se que foi com a intenção de dar cor e vida à cultura nordestina, através do enaltecimento de sua importância no quadro geral do panorama brasileiro que os cordelistas buscaram, através de suas práticas, divulgar o modo de ser nordestino. Dentre estes, destacamos àqueles citados por Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza no cordel:

---

<sup>9</sup>Mais uma septilha, agora do cordel O PROBLEMA SOMOS NÓS, de Moreira de Acopiara.

A didática do cordel (Arievardo Viana e Zé Maria de Fortaleza)

**Cordelistas famosos:**

O Nordeste brasileiro  
Recebeu a tradição  
Dos trovadores ibéricos  
E deu-lhe nova feição  
Diversas modalidades  
Nasceram em pleno sertão

Leandro Gomes de Barros  
Foi o grande pioneiro  
Na publicação de versos  
Por esse Brasil inteiro...  
Nasceu lá na Paraíba  
Este vate brasileiro

Usando o canto guerreiro  
Da Gesta Medieval  
Antigas lendas Ibéricas  
Contos de fada afinal  
Foi Leandro que moldou  
Essa arte magistral

Deu ao folheto afinal  
Um formato brasileiro  
Revendo o “Ciclo do Gado”  
Criou o “Boi Mandingueiro”  
Falou de Antônio Silvino  
Um famoso cangaceiro

De títulos quase um milheiro  
Nosso Leandro escreveu  
Sustentou mulher e filhos  
Com a arte que Deus lhe deu  
Propagou pelo Nordeste  
Somente disso viveu

Nos primórdios so cordel  
Fins do século dezenove  
Surgiram muitos poetas  
E pra que ninguém reprove  
Irei citar alguns deles  
Tirando a prova dos nove

Francisco Chagas Batista  
Foi um poeta afamado  
Vivia na Paraíba,  
Na capital do Estado,  
Onde o cordel floresceu  
E foi muito propagado

Em Patos, na Paraíba  
Com Silvino Parauá,

Melchíades, na Borborema,  
 Zé Vicente no Pará,  
 Luiz da Costa Pinheiro  
 Publicou no Ceará.

Criando histórias rimadas,  
 Puxando pela cachola  
 Leandro Gomes de Barros  
 Foi um mestre, fez escola,  
 Nenhum poeta até hoje  
 Passou da sua bitola.

Quando Leandro morreu  
 O cordel continuou  
 João Martins de Athayde  
 Muito tempo publicou  
 Obras de vários poetas  
 E assim o consolidou.

Quando Athayde casou  
 Constituiu um herdeiro,  
 José Bernardo da Silva  
 Poeta de Juazeiro,  
 Que abasteceu de folhetos  
 O nosso país inteiro.

Muitos poetas surgiram  
 E ficaram na história  
 Deixando o nome gravado  
 Nesse panteão de glória,  
 Irei citar mais alguns  
 Puxando pela memória.

José Camelo de Melo  
 Foi um poeta afamado,  
 José Pacheco da Rocha  
 Um trovador inspirado  
 Como José Costa Leite,  
 Que ainda vive em Condado

Vivendo em Campina Grande  
 Temos Manoel Monteiro,  
 Temos Gonçalo Ferreira  
 Lá no Rio de Janeiro  
 Juntamente com Azulão  
 Outro vate verdadeiro.

Joaquim Barbosa de Sena  
 Em Fortaleza vivia,  
 Foi apóstolo dedicado  
 Do Reino da Poesia  
 E Rodolfo Coelho foi  
 O Trovador da Bahia

João José no Recife

Tornou-se um grande editor,  
 Manoel Camilo dos Santos  
 Outro nome de valor  
 De centenas de poemas  
 Esse bardo foi autor.<sup>10</sup>

Nessa parte do cordel, os autores demonstram que apesar de ter no Nordeste brasileiro seu local de difusão e propagação, o cordel ganhou o país, sendo levado por vários poetas para outras regiões. Motivo este, pelo qual o mesmo resistiu aos avanços tecnológicos e utilizando-se destes para aumentar seu poder de divulgação.

O cordel está presente, constantemente, na Internet. Além de centenas de cordelistas que divulgam os seus trabalhos na mídia virtual, temos também a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com sede no Rio de Janeiro e formada por um seleto quadro de acadêmicos de alta qualidade. O cordel subsiste, sobrevive, apesar das idiossincrasias, intempéries, dificuldades e antropofagias da indústria cultural midiática, globalizante e da invasão cultural norte-americana.

São imprescindíveis a divulgação na mídia e na web, distribuição eficiente, abertura de espaços e fóruns de discussão e de publicação de textos de cordel, de autores tradicionais e contemporâneos, para dinamização do movimento da Poesia Popular Universal. A Internet é um espaço primordial e dinamizador da literatura popular.

### **2.3 O cordel como veículo de comunicação popular**

A comunicabilidade dos folhetos se reflete em sua aceitabilidade por parte do público leitor-ouvinte dos poemas. Considerado como o Jornal do Nordeste, principalmente, quando não havia ainda rádio ou televisão, o cordel durante muito tempo foi considerado como a crônica das classes populares, estabelecendo nexos entre a realidade dos acontecimentos e o público ávido por informações. O folheto de cordel era um veículo de informação e divertimento. As ocorrências marcantes da comunidade circunvizinha, geralmente os cordelistas as registravam em forma de história em verso. Foi, portanto o cordel um veículo de comunicação importante. “Mesmo os cordéis que narravam histórias misteriosas e fantásticas, não baseadas em fatos reais” (XAVIER, 2002, p. 21). Alguns autores, como

---

<sup>10</sup>O folheto “A didática do cordel”, de autoria dos poetas Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, publicado em março de 2006, aqui foram utilizadas as estrofes de 28 a 43, que compõem o folheto: a didática do cordel, p. 8 – 12.

Curran, acreditam que entre os principais componentes que definem o cordel, está o fato de ele ser uma crônica, em rima e verso, da sociedade brasileira, de um modo geral, e nordestina em particular. Para este autor:

O cordel como crônica poética e história popular, é a narração em verso do “poeta do povo”, no seu meio, o “jornal do povo”. Trata-se de crônica popular que expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as raízes do Nordeste na linguagem do povo. É história popular porque relata os eventos que fizeram a história a partir de uma perspectiva popular. Seus poetas são do povo e o representam nos seus versos. (CURRAN, 1998, p.20).

Desse modo, os cordéis constituem-se num produto social no qual o poeta popular capta e interpreta elementos de seu texto, baseando-se na realidade na qual está inserido, extraíndo informações contidas em livros, jornais, rádio ou televisão. No cordel, é feita uma interpretação da realidade histórico-social diferente do texto escrito tradicionalmente, em que o uso da rima e do verso oferece uma tonalidade diferente. “O poeta popular faz uso destes recursos, rima e verso, com uma linguagem própria e adequada para falar do que percebe e do que sente.” (GALVÃO, 2001, p.80).

García Canclini entendia que um mesmo produto poderia ser lido de várias formas diferentes, de acordo com a formação socioeconômica e histórica do consumidor (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 142). Assim o cordel foi tomando formas diferentes indo do oral ao escrito como forma de atingir o maior número possível de público, e, conseqüentemente, consumidores. Variando os temas abordados, o cordel passou de produto destinado a um público pouco letrado que tinha acesso às informações contidas no folheto por meio da leitura e/ou declamação feita por uma pessoa letrada em forma de leitura coletiva, ou seja, um público restrito; a adentrar a várias camadas da sociedade, revelando, assim, seu caráter informativo.

A didática do cordel (Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza)

### **A influência da imprensa**

A cultura do cordel  
Vivenciou o processo  
De folheto manuscrito  
Que passou a ser impresso  
O advento na imprensa  
Acelerou seu progresso

Os primeiros cordéis foram  
Escritos em pergaminho  
Passou do couro ao papel  
Foi seguindo seu caminho  
Hoje a escrita moderna

Lhe aceita com todo alinho

Do lápis para a caneta  
Chegando aos computadores  
Antes foi só preto e branco  
Agora temos em cores  
Multiplicando o sucesso  
E ampliando valores

Capa com xilogravura  
Não é exclusiva, não,  
Fotos de cartão postal  
Desenho ou ilustração,  
Até cartaz de cinema  
Faz parte da tradição

Hoje o cordel já dispõe  
Dessa tecnologia  
Equipamento moderno  
No passado não havia  
E sem a sua existência  
Como é que alguém usaria?

Se o cordel está vivendo  
A era da informática  
Tem que usar o modernismo  
Dentro da sua temática  
Para não contrariar  
Os conceitos da didática

E alguém que discordar  
Do que estamos dizendo  
Que volte pra o pergaminho  
Como quem bota um remendo  
Num tecido de cetim  
Sem ver o que ta fazendo  
Deixando o ponto de vista  
Da nossa observação  
Vamos falar sobre os versos  
A título de informação  
Enfocando alguns conceitos  
Sobre a versificação

O cordel sempre viveu  
Obedecendo uma trilha  
Já foi demonstrado em quadra  
Na décima, na septilha  
Porém hoje o seu estilo  
Mais comum é a sextilha<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>O folheto “A didática do cordel”, de autoria dos poetas Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, publicado em março de 2006, aqui foram utilizadas as estrofes de 15 a 23, que compõem o folheto: a didática do cordel, p. 5 - 7.

A intenção clara dos autores é demonstrar que o cordel evoluiu se adequando as mudanças advindas do progresso. Entretanto, manteve sua essência quanto ao fazer e a forma de expressão do poeta. Portanto, sofreu o processo de hibridização, assimilando e adequando-se às novas formas de comunicação, em especial o advento da imprensa e da mídia.

Antes do advento da cultura de massa, havia diversas configurações culturais – a popular, em contraposição à erudita; a nacional, que entretecia a identidade de uma população; a cultura no sentido geral, definida como um conglomerado histórico de valores estéticos e morais; e outras tantas culturas que produziam diversificadas identidades populares.

Essa significação social se dá na medida em que os fatos são registrados e transmitidos para o homem do povo, demonstrando o quanto a literatura de cordel é importante e persistente, porque, como meio de comunicação, ela é o seu jornal, é o seu rádio, é a sua televisão, ou seja, funciona como um instrumento que interliga homem com os acontecimentos do mundo.

De acordo com Morin, a cultura de massas segue as normas capitalistas e é destinada a um “aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade”. Morin consolida os produtos massivos como cultura, criticando os intelectuais por julgarem a existência somente da cultura culta, que ele diz ser guiada pela estética, qualidade, criação, espiritualidade e elegância e produzida pelos intelectuais (MORIN, 1977, p. 17).

Outra importante característica definidora do cordel como veículo de cultura de massa é, sua forma de apresentação. A leitura coletiva era um meio de proporcionar aos analfabetos e semi-analfabetos a chance de apreciar a literatura de cordel, sendo assim, as pessoas alfabetizadas liam os cordéis para um grupo de pessoas, aumentando assim o interesse pelos temas abordados no cordel. A feitura dos folhetos se dá em papel dobrado, para um melhor aproveitamento e, conseqüentemente economia de papel, pois o cordel como já citado anteriormente, a priori, se destinava à população não letrada. O que justifica a importância das gravuras e figuras que ajudam o entendimento do enredo. Assim sendo, tanto os títulos, quanto os desenhos eram feitos para chamar a atenção e ajudar na compreensão da poesia, tendo em vista que, em geral, o público apreciador do cordel, especialmente no Nordeste, era semi-analfabeto. Isto justifica a presença de títulos geralmente longos, bastante chamativos e,

também, o destaque dado aos desenhos, muitos deles feitos de acordo com a técnica de xilogravura<sup>12</sup>.

“A contradição invenção-padronização é a contradição da cultura de massa. É seu mecanismo de adaptação ao público e de adaptação do público a ela” (MORIN, 1977, p. 28).

Atualmente é mais comum a ilustração somente nas capas, entretanto, alguns cordéis mais antigos traziam ilustrações em cada uma de suas folhas, com gravuras que ressaltavam a temática narrada nos mesmos.

Como exemplo desses folhetos que continham gravuras nas páginas internas, contextualizando as estrofes com a figura, destacou o folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante. Originalmente SM indicação de local e data de publicação. Reeditado pela Editora Luzeiro Ltda. São Paulo 2008.

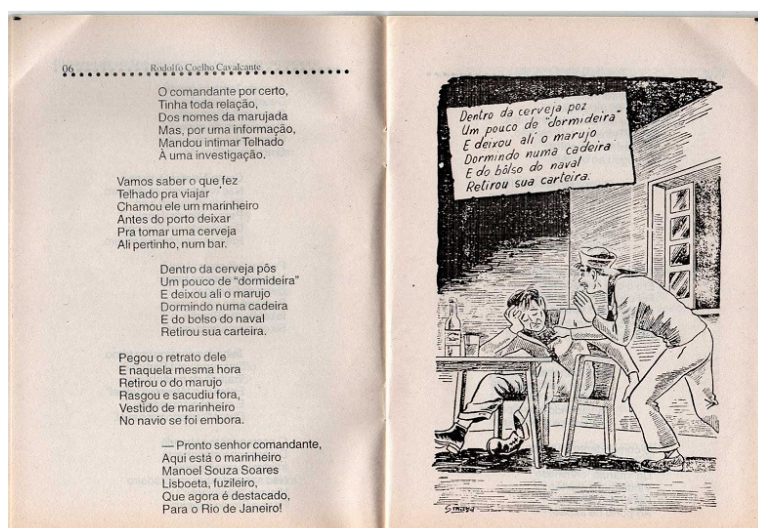


Figura 18 – páginas 6 e 7 do folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante. Reeditado pela Editora Luzeiro Ltda. São Paulo 2008.

<sup>12</sup> A Matriz desse tipo de gravura é feita em madeira, com os desenhos em alto relevo em que se deixa em destaque as partes que se pretende que apareçam no papel. Após passar tinta na matriz, carimba-se no papel e com uma prensa (simples que pode ser até uma colher ou outro objeto para pressionar a matriz no papel) obtém-se a gravura. Nem sempre o desenho na capa do folheto está ligado à história narrada. Os editores de Troyes já usavam xilogravura em seus livretos. A xilogravura apresenta-se como parte importante dos folhetos. Muitos compradores levam a história pelo desenho da capa e pelo título. Atualmente os xilogravuristas brasileiros mais conhecidos e respeitados são J. Borges e o pernambucano Samico.

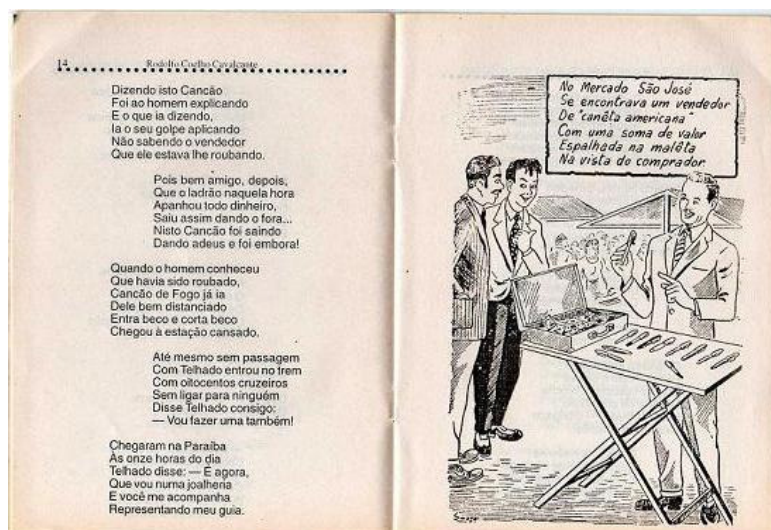


Figura 19 – páginas 14 e 15 do folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante. Reeditado pela Editora Luzeiro Ltda. São Paulo 2008.

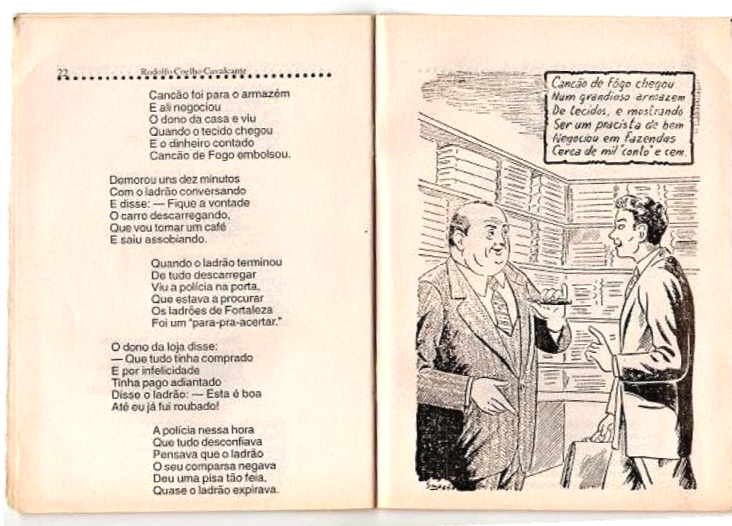


Figura 20 – páginas 22 e 23 do folheto “O Encontro de Cancão de Fogo com José do Telhado” de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante. Reeditado pela Editora Luzeiro Ltda. São Paulo 2008.

Entendemos que, para o cordelista, o conjunto de elementos impressos na capa facilita o entendimento do enredo para aqueles que não sabem ler e compram os cordéis a partir daquilo que vêem e ouvem nas barracas das feiras e outros estabelecimentos onde se comercializa os livretos. Desse modo, o aspecto visual funciona como propagador das vendas, da memorização e do entendimento do poema. Além do conteúdo visual, o cordel apresenta uma peculiaridade que o aproxima das massas, que é a forma de narrativa da literatura. Segundo Ribamar Lopes (1982, p.15) “O cordel é uma expressão da região, do seu povo, com uma linguagem própria e sabedoria popular e secular”. E como nos mostra Orígenes Lessa (1973, p.01-13), o grande segredo dessa literatura “talvez seja – e deve ser – a sua participação no mundo ao qual se dirige [...]. É a voz do povo em linguagem do povo”.

Assim, trata-se de algo de muito sério para toda uma camada da população, que encontra expressa a interpretação e defesa dos interesses da sociedade. Entretanto há alguns cordelistas que defendem exatamente o contrário, não tendo qualquer tipo de abordagem social, demonstrando que o cordel também pode estar a serviço da classe dominante, a partir do momento que passa a ser instrumento de alienação encomendado por alguém com o intuito de enganar e difundir ideias contrárias ao interesse da maioria da população. Tais observações encontram ressonância em Benjamin (1989, p.104), quando este afirma que: “a receptividade de uma obra literária se torna menos favorável é porque tal obra, só, excepcionalmente, mantém contato com a experiência do leitor”.

Diante das reflexões acima e com base nas narrativas presentes na literatura de cordel analisada, durante a pesquisa, percebe-se que a grande receptividade apresentada por essa expressão artística está diretamente relacionada com a sua interação com a experiência vivida pelo poeta e seu público. Ou seja, por falar diretamente ao seu público, sobre seus anseios, temores e esperanças. É comum os autores criarem seus versos improvisadamente diante de um acontecimento histórico, homenagear uma pessoa ou até mesmo criticá-la de acordo com o momento histórico em destaque.

No Nordeste, em especial nos estados de Pernambuco, Paraíba e Ceará, a literatura de cordel além de outros baseia-se em fábulas e histórias maravilhosas, chamadas “de trancoso”, também é comumente utilizada como ferramenta de comunicação e transmissão de conhecimento entre as comunidades. Na cultura popular é comum, embora menos frequente, geralmente, em dia de feira se esperar o repentista – aquele que faz verso de improviso ao som da viola - ou o vendedor de folhetos para contar as novidades e acontecimentos. Esse conhecimento era passado oralmente em versos, aguçando a curiosidade do público que após a apresentação comprava os folhetos diretamente do autor ou em bancas especializadas. Ou seja, esses encontros aconteciam em mercados, em feiras livres, geralmente em cidades interioranas ou na periferia das grandes metrópoles. Hoje, tanto se compra cordéis nesses espaços ligados à feira, especialmente nas pequenas cidades, quanto nas grandes livrarias de todo o país, bem como se encontra disponíveis na Internet.

Essa capacidade de propagação, de divulgação, de persuasão e de encantamento própria ao cordel, tem feito dessa literatura um importante modo de disseminar ideias, sentimentos, reflexões, críticas, saberes, experiências vividas. Essa narrativa consegue atingir a população pouco letrada, especialmente na região Nordeste até os dias atuais. Partimos do pressuposto de que esta vasta capacidade de expressão de sentimentos e de comunicação de ideias, presentes na poesia de cordel, é proveniente da utilização de uma linguagem oral

simples, enredo direto, além da criação de imagens onde estão presentes cenários, personagens, acontecimentos sociais, ou seja, utiliza-se a temática, os personagens, o cenário histórico-cultural do cotidiano de seus produtores e, consequentemente, leitores.

É importante ressaltar, também, que o modo como as narrativas são compostas, a linguagem, a rima e a métrica, conferem uma riqueza expressiva à literatura de cordel e a impregna de um forte processo mnemônico. É um tipo de poesia feita para o povo decorar. Desse modo, essa narrativa se presta às cantilenas, às cantorias acompanhadas pela viola, à declamação e/ou a leitura em voz alta. Segundo Cascudo (1978) é esse caráter mnemônico que torna a narrativa de cordel de fácil retenção na memória, e é, o que vai, de certa forma, chamar a atenção do público, quase sempre semi-analfabeto que constituía boa parte da população rural do Nordeste.

Assim sendo, a Literatura de Cordel pode fornecer ao professor de Geografia um universo de informações de acesso fácil e linguagem popular proveniente de histórias que foram sendo criadas e transmitidas de geração em geração, num processo de circularidade da cultura, em que muitas permaneceram e outras se perdem.

Atualmente, pode-se afirmar que cordel pode ser considerado uma poesia narrativa, impressa e popular conforme estudos apresentados por Abreu (1999). Trata-se de uma poesia que só se manifesta através da escrita. Até porque sua característica mais própria e popular está na forma de expor – de onde vem o próprio nome – folhetos pendurados em cordéis. Atividades variantes baseadas em rimas feitas de improviso se assemelham aos poemas de cordel, porém já ganham outra conotação, como por exemplo, a embolada.

Para uma poesia ser considerada literatura de cordel, as características fundamentais são simplicidade, através do uso de termos compreensíveis, sem necessariamente compor um texto forçado; relato, considerando que a poesia deve conter uma história; e rima, dentro daqueles estilos tradicionais (rimar em estrofes de sete versos).

Os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da publicação da Literatura de Cordel no país muitos autores de folhetos eram também cantadores, que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão. Com a criação de imprensas particulares em casas e barracas de poetas, mudou o sistema de divulgação. O autor do folheto podia ficar no mesmo lugar a maior parte do tempo, porque suas obras eram vendidas por folheteiros ou revendedores empregados por ela. (CASCUDO, 1939, p.16)

Segundo Luís Câmara Cascudo, no seu livro “Vaqueiros e Cantadores”, conforme citação acima, o poeta popular ou cordelista é representante do povo, o repórter dos

acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil. Não há limites na escolha dos temas para a criação de um folheto, podendo-se narrar fatos do cotidiano, no ilusionário, das crenças populares; ou contextualizar o presente fazendo a correlação com fatos históricos do passado. Entretanto, essa contextualização feita a partir do cordel, nos revela o choque cultural que esse veículo de comunicação sofreu, sob influência das relações de poder e saber. A adaptação desencadeou a justaposição conflitiva de conquistadores e conquistados, cujas diferenciações culturais irão desembocar tanto em ajustes ou negociações quanto na sujeição do outro. É nesse contexto de tensões que Néstor García Canclini identifica o fenômeno da “heterogeneidade multitemporal” (1995, p.72). Considerado um pioneiro em estudos sobre o hibridismo das culturas latino-americanas. Há décadas Canclini vem desenvolvendo pesquisas voltadas para a compreensão da cultura. Dentro dessa perspectiva, são alvo de sua atenção as lógicas das culturas populares, a recepção e o consumo de bens simbólicos e a hibridação cultural gerados pela heterogeneidade multitemporal, bem como por impactos da globalização.

Canclini (1995), desse modo, propõe instigantes reflexões em torno do eixo tradição/modernidade/pós-modernidade, em que ressalta como aspecto preponderante, a falta de uma política cultural moderna. Para o pesquisador, o processo de hibridação cultural decorre da inexistência de uma política reguladora ancorada nos princípios da modernidade e se caracteriza como o processo sócio-cultural em que estruturas ou práticas, que existiam em formas separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Esse hibridismo, desencadeador de combinatórias e sínteses imprevistas, marcou o século XX nas mais diferentes áreas, possibilitando desdobramentos, produtividade e poder criativo distintos das mesclas interculturais já existentes.

Ao propor um debate sobre as teorias da modernidade e da pós-modernidade, Canclini se ocupa tanto dos usos populares quanto do culto, tanto dos meios massivos de comunicação quanto dos processos de recepção e apropriação dos bens simbólicos. O entrelaçamento desses elementos veio a engendrar o que ele designou como “culturas híbridas”. Para abordá-las, Néstor García Canclini (1997), defende a necessidade da adoção de um enfoque que também poderia ser chamado de híbrido, pois resulta da combinação da antropologia com a sociologia, da arte com os estudos das comunicações. Um dos seus principais objetos de pesquisa são as contradições da cultura, ou seja, aquelas que presidem a realização do projeto emancipador, expansivo, renovador e democratizador da produção cultural de um povo, cujos territórios são, hoje, um produto da sedimentação das tradições culturais e lingüísticas de grupos autóctones, bem como da sua justaposição e entrecruzamento com as tradições dos

setores políticos, educacionais e religiosos. Apesar das tentativas da elite de conferir à sua cultura um perfil moderno, restringindo a difusão da cultura indígena e colonial entre os setores populares, a mestiçagem interclassista decorrente desse inter-relacionamento teria, segundo Canclini, gerado formações híbridas em todos os estratos sociais latino-americanos (1995, p.70-1).

Esse convívio intercultural, agenciador do confronto entre temporalidades distintas, justificaria, em grande medida, a ambigüidade do processo de modernização da América Latina. Canclini identifica, nos países latino-americanos, o entrecruzamento de diferentes tempos históricos que coexistem num mesmo presente de forma desarticulada, fenômeno que designou como “heterogeneidade multitemporal” (1995, p.72). Como já se assinalou, a inexistência de projetos nacionais de integração cultural foi, em grande parte, responsável pela perda de referenciais tradicionais e pelo afloramento de processos de estranhamento, em vista, sobretudo, do convívio entre sociedades díspares, que, embora ocupando espaços comuns, não chegaram a se integrar.

Canclini (1995, p.90), saliente que “operar com a modernidade exige antes a distinção entre a “modernidade”, enquanto etapa histórica, e a “modernização”, enquanto processo social que interfere na construção da modernidade dos modernismos”, ou seja, dos projetos culturais que se relacionam com diversos momentos do capitalismo.

### 3. O CORDEL E A EDUCAÇÃO INFORMAL

Para fins educativos não formais, a literatura de cordel presta um grande serviço, pois informa a população que não tem acesso a informações sobre vários assuntos, sejam eles de calamidades ou situações emergenciais, orientando campanhas de serviços públicos e ou privados. Como vimos anteriormente, os meios pelo quais a literatura de cordel chega ao seu leitor, são os jornais, o rádio, a TV e o mais comum deles os vendedores ambulantes, às feiras do interior e mercados. Além de resgatar a cultura de um povo, a literatura de cordel diz respeito e pode auxiliar a alfabetização, pois chega a uma população carente de livros e de leitura. Desse modo, uma de suas funções sociais, ou seja, a possibilidade de leitura para os recém-alfabetizados vem sendo questionada em universidade, no país e no exterior.

Soares evidencia um desses desafios, a formação de leitores após a alfabetização de pessoas que não tem o hábito da leitura, evidenciando a necessidade de desenvolvimento da prática da leitura.

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competências para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais da escrita (SOARES, 2004, p.45).

Neste sentido compreendemos que o cordel pode trazer grandes contribuições, pois já é, para uma parte da população analfabeta ou semianalfabeta, uma tradição de leitura, de reunião para a leitura, de encontro com um texto escrito. Desse modo, o cordel, como produção do popular pode abrir espaço para a Educação Popular formal, mas também exerce um papel importante na educação não-formal. Desse modo o próprio poeta popular pode ser visto como um educador não formal, já que difunde suas ideias e possibilita, especialmente a um grupo marginalizado da população, algumas práticas de leituras e indiretamente de acesso a informação. Esta possibilidade pode se desenvolver a partir de um pressuposto freireano, segundo o qual

[...] a educação ou ação cultural para a libertação; em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciência “intencionada” ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente (FREIRE, 1984, p.99).

Assim, na troca entre o leitor e o poeta popular pode haver trocas, já que o poeta elabora o seu trabalho a partir de relações sociais, muitas vezes comuns a seus leitores e, aprendizagem se dá também em interação e troca entre leitor/ouvinte da feira, dos grupos de leitura de cordel, ou em outras situações, o que pode caracterizar um processo de educação não formal. Assim, tanto os educandos quanto os educadores transferem conhecimento e consequentemente compartilham o aprendizado do seu cotidiano para a transversalidade da educação.

Mesmo nas civilizações tidas como culturalmente avançadas, a vida cotidiana sempre exigiu muito mais do que o conhecimento dos saberes apresentados formalmente nas disciplinas escolares. Há muito mais a aprender e desde muito cedo: a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar, cantar e dançar – sobreviver, enfim. E, para tanto, sempre existiu, também desde muito cedo, uma educação informal, a escola da vida. Esta forma de educar prescinde as civilizações mais remotas, com milhares de anos de existência e nos dias atuais, esta educação tem sido pouco discutida, tendo em vista uma desvalorização dessa forma de conhecimento.

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos e em muitas situações também não há intenção. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência. Essas formas de educação informal ocorrem em espaços não específicos, em centros culturais, nos quintais das casas, em situações de trabalho, ao ar livre, em praças, feiras, estações de metrô, em terminais de ônibus, ou ainda, em jardins botânicos, zoológicos, museus de arte ou de ciências e onde mais as pessoas possam partilhar saber e arte.

De acordo como cordelista Manoel Monteiro:

Existe a educação formal, que é feita nas escolas e a educação informal que pode ser feita em qualquer lugar. Eu tenho a mania de ler folhetos no ônibus, na sala de espera de algum gabinete ou consultório e até mesmo no banheiro. Quando o assunto é interessante, o leitor vai até o fim e retém alguma informação proveitosa. Quando é desenhado ou mal rimado, a gente não vai além da segunda página. Falo isso como leitor e não como autor de cordel. Outra questão que precisa ser observada é que, até 1970, o público da Literatura de Cordel estava nas fazendas, nos engenhos e nas feiras das pequenas e médias cidades. Depois da década de 70 surgiu um interesse muito grande de acadêmicos, turistas, pesquisadores, estudiosos e o que se viu foi um período de grande decadência, porque alguns poetas queriam escrever para agradar esse novo público, deixando de lado seus leitores tradicionais. Nessa retomada do cordel, feita a partir do final da década de 90, tem surgido muitos poetas preocupados em escrever para o povo, sem deixar de lado esse novo público formado por universitários e estudiosos. É possível manter o equilíbrio das coisas – unir o tradicional e o moderno, o

popular e o erudito – sem descaracterizar o cordel em sua essência.  
(Coderlista Manoel Monteiro – entrevista, dezembro de 2010)

Entendemos, pois, a partir do que enfoca o poeta que o sentido dessa educação está em permitir que cada sujeito social, com sua identidade e diversidade cultural, possa ter acesso ao cordel e que o destino do cordel possa ser retomado, ou seja, que ele volte a falar a um público que foi abandonado à medida que o cordel se tornou algo de interesse de intelectuais, mas que não deixe de contemplar também essa nova parcela de leitores que arregimentou ao longo dos últimos anos.

Os leitores de cordel tradicionalmente eram, em sua maioria, pessoas residentes em pequenas cidades do interior nordestino, que vivenciavam a linguagem de cordel, principalmente nos folhetos mais antigos, pois estes traziam temáticas concernentes a sua realidade e aos problemas do homem do campo. Entretanto, isto não é mais a realidade, hoje o cordel chega a uma parcela de população já letrada e pode cumprir outras funções sociais neste processo de educação não formal.

Essa educação pode também contribuir com a construção de saber popular, presente nos conhecimentos pré-existentes nos educandos, fruto da educação informal adquirida, por meio da prática de ler e ouvir a narrativa do cotidiano expressa através do cordel. Sendo assim, o poeta educa, informa, comunica e eleva através do cordel, a força e o potencial da cultura popular nordestina, e assim ele dá consistência ao seu trabalho, por meio de ações educativas. Como nos coloca o poeta Manuel Monteiro:

Prestando, só por prazer,  
Um serviço educativo  
Acompanhando a história  
Como testemunho vivo  
Numa atalaia constante,  
Vigilante combativo.  
(MONTEIRO, 2003, p. 15).

O cordel para as camadas populares funciona não apenas como entretenimento, ele contribuiu para a educação de gerações à medida que apresenta possibilidades educativas. A educação informal, sempre pode e deve ser incrementada, pois toda nova estrutura mental seja lá quando, onde e como for adquirida, sempre contribui para o enriquecimento da nossa capacidade cognitiva. E esse enriquecimento poderá favorecer a aprendizagem de conceitos em situações de educação formal.

### 3.1 O cordel e seu papel sociocultural

A literatura de cordel encontrou no Nordeste um ambiente ideal por dois motivos: primeiro as condições étnicas, a longa convivência mantida entre o português, o escravo africano e os índios propiciaram uma troca de influência; segundo, o próprio ambiente social também fornecia condições propícias para o surgimento dessa forma de comunicação literária. Ou seja, grande parte desses grupos sociais trazia em sua cultura uma tradição da oralidade, o que possibilita a difusão de versos recitados. Desse modo, a expansão da poesia popular se dava por cantorias em grupo, mas também difundia o poema em forma escrita.

Esse tipo de manifestação cultural se desenvolveu e se difundiu, tomando características próprias, tendo por base as condições sociais de formação do Nordeste. Mário de Andrade (apud DIÉGUES JR, 1977, p.6) assinala que em outras regiões do Brasil se publicava de vez em quando um ou outro folheto ou cantiga, mas acrescentou “no geral coisa lírica, de pura fantasia, sem nenhum valor técnico”. A literatura de cordel surgiu de condições sociais e culturais peculiares do Nordeste, assumindo, hoje, características próprias da fisionomia cultural da região os fatores de formação social que contribuíram para isso, são:

[...] a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (DIÉGUES JR, 1977, p.6)

Porém além dos centros de produção há que se discutir a difusão dos cordéis e entre estes destacam-se São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Belém do Pará, esta com uma casa editora para toda a Amazônia, Rondônia, Brasília. Esta difusão nacional se deu em grande parte, devido ao processo de migração de nordestinos para outras regiões em busca de condições melhores de vida, levando em sua bagagem a chamada literatura de cordel.

Dessa forma, notamos a importância da literatura de cordel, sobretudo o seu papel social no ambiente onde se destaca tradições nordestinas, sendo ressaltado de forma a sua importância sobre uma sociedade semi-analfabeta, na sua grande maioria, e que o livro nem sempre é disponível, ou seja, a literatura de cordel, quando lida pelos alfabetizados, ajudava a transmitir conhecimento aos analfabetos. Outra função social do cordel já bastante discutida é de possibilidade de alfabetização, a própria Meyer (1980) as pessoas podem aprender a ler e a escrever por meio dos folhetos de cordéis.

No passado mais enfaticamente, a população analfabeta se deliciava com as narrativas tradicionais, os romances herdados da tradição histórica ou novelística que eram transferidos da prosa para a poesia, assim se enriqueciam de erudição. Por isso, cantadores analfabetos exibiam seus conhecimentos por meio de cantorias, o que revelava o caráter mnemônico da ação. A literatura de cordel se tornou um instrumento de comunicação que divulgava os acontecimentos para a população, numa época em que os meios de comunicação modernos eram de difícil acesso, assim: “Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem aos conhecimentos de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares, em parte como ainda hoje sucede”. (DIÉGUES JR, 1977, p. 21).

A memória popular preserva e transmite velhas narrativas e acontecimentos recentes que fica carregada pelo espírito da sociedade. Portanto, a literatura de cordel corresponde a um meio de comunicação, um elemento capaz de interligar a sociedade. Data por volta dos fins do século XIX o aparecimento dessa literatura impressa, antes disso, a divulgação era oral, veja o trecho a seguir:

Transmitia-se oralmente a poesia dos cantadores, que estes sempre os houve; difundia-se, pelos cegos da feira, pelos cantadores em festas públicas, a poesia registradora dos fatos acontecidos. Depois começa a difusão escrita; e como no século XIX e quando começa também a quebrar-se o analfabetismo da população [...] também nesta época deve ter começado a difundir-se a literatura de cordel (DIÉGUES JR, 1977, p. 22).

Ao que tudo indica antes de se fazer impressa como hoje, a divulgação era manuscrita, em folhas soltas ou cadernos de papel, registrando os versos a tinta ou a lápis e circulando de uma área a outra. Esses manuscritos dariam origem à literatura de cordel contemporânea.

O homem se identifica como indivíduo pertencente a um grupo a partir de marcas culturais. As formas de expressão artístico-culturais de um determinado grupo somam-se às variadas expressões culturais disponíveis em um determinado contexto, pelas quais as sociedades dão sentido e refletem suas experiências. Dentro da conflitante multiplicidade de sentidos que são intrínsecas ao termo cultura, ou seja, estudar cultura é problematizar a compreensão do que é culturalmente humano e propõem novos olhares e conceitos das transformações socioculturais, enfatizando, dentre outros aspectos, os processos identificatórios. A característica marcante de todo esse processo de mudanças na forma de produzir e ver a arte como expressão cultural é que a sociedade se evidencia por uma soma de elementos identificatórios, os quais foram construídos mediante processos histórico-culturais. Isso implica dizer que tais elementos refletem diretamente na constituição da identidade, ou seja, nas marcas e traços que forjam a cultura de um indivíduo e de um povo.

Sendo a cultura a representação das formas de expressão, costumes e crenças de um grupo de indivíduos pertencentes a um determinado território, ou que se pode classificar como povo, conseqüentemente, dentro do âmbito dos estudos literários, a cultura popular apresenta-se como um forte recurso capaz de desvelar a representação, de forma abrangente e valorativa, de certa sociedade. Neste sentido, a Literatura de Cordel, no Brasil, revela-se como uma expressão literária de transmissão da cultura de um povo. A literatura de cordel que, em sua tradição ibérica, estava ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas da memória popular, foi conservando e transmitindo os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de guerras, de viagens ou conquistas marítimas. Mas, paralelamente, começou a surgir no mesmo tipo de poesia, a descrição de acontecimentos sociais recentes que detinham a atenção da população. Em pouco tempo, essa literatura era considerada a principal fonte de informações antes da chegada do jornal.

### **3.2 A relação do cordel com a geopoesia**

Os estudos humanistas e culturais em Geografia, desenvolvidos, sobretudo a partir da década de 1970, têm trazido à tona outras abordagens para a ciência geográfica. Os geógrafos vêm tentando incorporar outras formas de saber às suas análises, como a religião, a arte, a literatura e a percepção das pessoas. Esta Geografia é mais antropocêntrica no sentido de procurar descrever o envolvimento do homem com o seu lugar, numa relação orgânica que nos constitui enquanto seres humanos.

A ideia de aproximação entre poesia e Geografia representa um desafio, o de encontrar nos textos poéticos elementos que contribuam com o estudo geográfico em suas inúmeras vertentes de investigação e análise, bem como à reflexão teórica da própria ciência, seus objetos, e categorias analíticas. Segundo Haesbaert (2002, p. 143) “por estar intimamente ligada a uma manifestação interior e até mesmo simbólica do ser humano, esse tipo de correlação expõe-se a críticas e arrisca até mesmo a ser acusada de irracional.” O autor procura traçar essa via de comunicação entre a linguagem da Geografia e do geógrafo e a linguagem poética.

Por mais que possa parecer simples, conceituar poesia torna-se tarefa difícil quando passamos a observar inúmeras visões a respeito da mesma, às quais não vamos aqui evidenciar, por tratar-se de uma análise mais restrita à relação poesia e geografia.

Como nos coloca Lyra:

A poesia é ora situada de um modo problemático em dois grupos conceituais: ora como uma pura e complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poeta e da linguagem, e que apenas se concretiza em palavras como conteúdo do poema, mediante a atividade humana; ora é condição indefinida e absorve atividade humana, o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras. (1986, p. 6-7)

Visando a articulação entre a Geografia e a Arte – em especial àquelas pautadas na poesia – na prática do ensino de Geografia no ensino fundamental e médio, partimos da premissa de experimentar a utilização de um conjunto de atividades enfocadas no estudo da paisagem geográfica, nas noções básicas conceituais e sua percepção, utilizando reproduções de quadros de pintores, poesia, dramatização, música, tentando identificar a influência que essas expressões artísticas recebem da literatura de cordel e/ou a semelhança existente entre ambos. Assim sendo, explorar a transversalidade e a multiculturalidade evidenciadas nessas associações nas salas de aula têm demonstrado que é possível articular Arte e Geografia no estudo da paisagem geográfica, de maneira a ampliar a capacidade de percepção e apreensão dos alunos sobre as manifestações artísticas e sobre a realidade vivenciada. Além disso, essa estratégia provoca um aumento no entusiasmo, e desperta o interesse dos alunos para o processo de construção do conhecimento.

Como um artista, o poeta faz uso da criatividade e na combinação de palavras expõe sua interpretação de mundo, a partir de múltiplas visões. A poesia oferece, assim como a Geografia, uma infinidade de enfoques que acompanham as correntes literárias. Dentre elas o cordel, aqui entendido e estudado na forma popularmente conhecida como literatura de cordel.

Essa prática educativa, valorizadora da diversidade humana e pautada na arte e no caráter lúdico do processo de ensino e aprendizagem de Geografia, proporciona uma reflexão acerca das inovações educacionais que somente são possíveis em um contexto de liberdade, experimentação e de criatividade.

A literatura de cordel, aqui entendida como objeto de estudo do presente trabalho também representa um importante meio de comunicação de massa e tem grande penetração popular. Ela seduz os leitores, é um recurso de fácil acessibilidade e de baixo custo. E outro aspecto importante na utilização desse recurso é a sua proximidade com o cotidiano, pois os folhetos são geralmente encontrados em feiras e mercados, tratando temas atuais, atemporais, divertindo e marcando época. São tanto transmissores de informações quanto agentes de lazer e seu uso na escola poderá permitir aos alunos ampliarem sua capacidade de observação e de expressão, levando-os à reflexão e ao desenvolvimento de um pensamento crítico.

Esse propósito de desenvolver a reflexão, mediante uma prática educativa comprometida com a realidade social, é fundamentada por Milton Santos, ao dizer que:

Desse modo que se podem formar cidadãos conscientes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. Por isso, longe da ambição, É que, aliás, escapa à nossa competência de fornecer um formulário de técnicas de ensino ou um programa pedagógico acabado, preferimos, empreender uma tentativa de reconhecimento dos aspectos principais de nossa época, alinhando fatos e problemas que a caracterizam e que, por isso mesmo, devem fazer parte de um plano de estudos que leve em conta a modernidade, sua realidade concreta e sua existência sistêmica. (1997, p. 121).

Entendemos que a abordagem dos conteúdos de Geografia insere-se numa perspectiva de questionamentos da realidade no seu conjunto, pois o espaço é dinâmico e sofre alterações em função da ação do homem, e este, por sua vez, é um sujeito que faz parte do processo histórico. Portanto, o aluno deve ser orientado no sentido de perceber-se como elemento ativo do seu processo histórico.

Paisagens, regiões e lugares frequentemente são expressões utilizadas em poemas enquanto conceitos cotidianos e não necessariamente científicos. Essas palavras que tem grande peso para a Geografia por serem suas categorias fundantes, elas podem ser vistas como uma parte da inspiração que move o poeta a construir e materializar ideias e sensações. Sentimentos regionalistas são manifestados, expressões que até mesmo se confundem. Um poema em si não tem lugar específico, a combinação de palavras é universal. Como nos coloca Linhares (1976, p. 165): “A identidade do indivíduo é buscada e encontrada na poesia.” Como exemplo de que o conceito de lugar sob uma visão psicológica bem próxima àquela da corrente de pensamento humanística na geografia é encontrada nesse trecho de Testamento de Manuel Bandeira:

“Vi terras de minha terra.  
Por outras terras andei  
Mas o que ficou marcado  
No meu olhar fatigado  
Foram as terras que inventei”

Enquanto educadores devemos atuar no processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da construção do conhecimento, refletindo sobre a realidade vivida pelo aluno, respeitando e considerando a sua história de vida e contribuindo para que ele entenda seu papel na sociedade: o de cidadão.

Diante dos desafios e das dificuldades em transformar as aulas de Geografia num instrumento capaz de despertar o senso crítico dos alunos, um caminho a ser tomado pode ser o da superação do formalismo dominante no ensino, permitindo ao professor uma atitude

docente de ajuda pedagógica aos alunos na construção de seu próprio raciocínio, para além da mera transmissão de conhecimento. Considerando que o espaço de vivência dos alunos, na sociedade atual, é bastante complexo, para compreendê-lo em suas múltiplas relações, em sua dinâmica e diversidade necessita-se contextualizá-lo, essa possibilidade pode ser através de diferentes modos de experimentar o mundo, seja em um filme, nas palavras de uma poesia, na leitura de charge ou cartum, nas letras de músicas. Capazes de estimular a construção do conhecimento sem que se prendam apenas às linguagens convencionais dos livros didáticos, estes recursos poderão permitir ao aluno expor sua opinião, dialogar e refletir criticamente sobre o seu espaço de vivência, colaborando para uma análise e compreensão dos fatos e fenômenos geográficos.

A professora Lana Cavalcanti comenta que a escola deve fazer uso de outras linguagens e de outras formas de expressão para procurar se aproximar da realidade dos alunos.

Desse modo, há que se destacar sua potencialidade para levar o aluno a perceber, por exemplo, a geografia no cotidiano, para fazer a ponte entre seu conhecimento cotidiano e o científico, para problematizar o conteúdo escolar e partir de outras linguagens e de outras formas de expressão (CAVALCANTI, 2002, p.83).

A busca pela apreensão da complexidade do mundo, mediado por diferentes linguagens, pode ser um facilitador da aprendizagem e ajuda, significativamente, na construção de uma geografia mais envolvente. A aprendizagem permeada pelo prazer, pela criatividade, pela criticidade e pela riqueza de análise, encontrados nas charges, nos quadrinhos, na música, cuja compreensão inclui imagem e texto, estimulam o conhecimento, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade, como podemos ver em Cristovam e Nascimento:

Interpretar é atribuir, explicar sentido, ao passo que compreender é saber como produzir sentido, é perceber as intenções. Ao considerarmos o sujeito inserido em formações discursivas que são determinadas sóciohistoricamente, entendemos que sujeito e sentido se constituem reciprocamente. Assim, para interpretar e compreender, acionamos outros discursos, buscamos outras vozes, contamos com outros textos, mobilizamos diferentes posições ideológicas, conhecemos diferentes gêneros textuais. O que estamos defendendo é que ler não se resume a decodificar e buscar informações. (2006, p. 45)

Uma das formas mais completas de expressão do homem é a poesia. Se a Geografia, para aprofundar seus conhecimentos tem, necessariamente, que entender, analisar e

compreender a relação homem-natureza, a poesia torna-se, assim, um meio eficaz de entender o homem e a sua concepção de mundo.

Esta pode ser uma função do poeta, demonstrar a relação do homem com a natureza, sendo que o homem não é diferente dessa, mas parte integrante e que deve viver em plena harmonia, celebrando o ser e todos os outros entes que nos formam. A poesia proporciona a emancipação do homem diante da necessidade de maneira sutil de contrapor a produção tecnológica e o seu impiedoso consumo da alma.

Com a diversificação da linguagem e com o exercício da imaginação, podemos ilustrar conteúdos escolares específicos, de acordo com os objetivos educacionais que queiramos alcançar. Como exemplo dessa diversificação poético-literária, que permite ilustrar a utilização da poesia na sala de aula associada aos temas de geografia, podemos citar para trabalhar ou contextualizar o tema: A economia Mundial e a Globalização, a poesia:

*Eu, Etiqueta:*

Em minha calça está grudado um nome  
Que não é meu de batismo ou de cartório  
Um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nessa vida,  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produtos  
Que nunca experimentei  
Mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente,  
Meu copo, minha xícara,  
Minha toalha de banho e sabonete,  
Meu isso, meu aquilo.  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, permência,  
Indispensabilidade,  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
Escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.  
É duro andar na moda, ainda que a moda  
Seja negar minha identidade,  
Trocá-la por mil, açambarcando  
Todas as marcas registradas,

Todos os logotipos do mercado.  
 Com que inocência demito-me de ser  
 Eu que antes era e me sabia  
 Tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
 Ser pensante sentinte e solitário  
 Com outros seres diversos e conscientes  
 De sua humana, invencível condição.  
 Agora sou anúncio  
 Ora vulgar ora bizarro.  
 Em língua nacional ou em qualquer língua  
 (Qualquer principalmente.)  
 E nisto me comparo, tiro glória  
 De minha anulação.  
 Não sou - vê lá - anúncio contratado.  
 Eu é que mimosamente pago  
 Para anunciar, para vender  
 Em bares festas praias pérgulas piscinas,  
 E bem à vista exhibo esta etiqueta  
 Global no corpo que desiste  
 De ser veste e sandália de uma essência  
 Tão viva, independente,  
 Que moda ou suborno algum a compromete.  
 Onde terei jogado fora  
 Meu gosto e capacidade de escolher,  
 Minhas idiossincrasias tão pessoais,  
 Tão minhas que no rosto se espelhavam  
 E cada gesto, cada olhar  
 Cada vinco da roupa  
 Sou gravado de forma universal,  
 Saio da estamparia, não de casa,  
 Da vitrine me tiram, recolocam,  
 Objeto pulsante mas objeto  
 Que se oferece como signo dos outros  
 Objetos estáticos, tarifados.  
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
 De ser não eu, mas artigo industrial,  
 Peço que meu nome retifiquem.  
 Já não me convém o título de homem.  
 Meu nome novo é Coisa.  
 Eu sou a Coisa, coisamente.

(Carlos Drummond de Andrade, O corpo. Rio de Janeiro, Record, 1984, p. 85-87.)

A poesia de Drummond é muito rica em detalhes do cotidiano vivido pelos alunos, desperta grande interesse e é fonte de elementos detonadores para a discussão sobre o poder de alienação das massas consumidoras que as empresas multinacionais ou transnacionais podem exercer sobre os alunos enquanto multiplicadores de opinião. A partir daí pode-se entender o processo de globalização utilizando conteúdos institucionalizados nos recursos didáticos oficiais, dentre os quais o livro didático, documentários audiovisuais, dentre outros.

Identificamos na poesia referências e representações do ambiente cultural, social, político e econômico em que foram concebidas. Estas referências são diretas ou indiretas, passando a fazer parte tanto do cenário político-econômico quanto do cenário artístico-cultural. Em vista disso, através das manifestações culturais, podemos identificar aspectos da realidade do mundo, entre elas, as que se manifestam no espaço cotidiano.

Tanto a poesia quanto o cordel nos convida a compreender as categorias contrastantes das forças imaginantes da nossa mente - o impulso da novidade e o impulso ao primitivo e eterno, tendo em vista que ambos transcendem o real e o racional ora aceitando-os; ora rejeitando-os ou transformando-os. Esse diálogo constante na vida e na obra do poeta nos leva a identificar duas imaginações: a imaginação formal e a imaginação material. Nesse entrelace está o estudo filosófico completo da criação poética. Apostando em uma iconoclastia<sup>13</sup>, propõe-se assim à tarefa de tentar encontrar por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam. As raízes das forças imaginantes. Em um projeto de pensamento dialético lança luzes nessa dialógica: uma meditação da matéria educando uma imaginação aberta; a substância e a forma; o estudo das relações da causalidade material com a causalidade formal. Em um mundo de estéticas, do poeta e do escultor aponta para o valor essencial da matéria. Essa associação entre cordel e poesia é fundamental, já que seu caminho é o da determinação das imagens poéticas e das adequações das formas às matérias fundamentais.

O estilo de narrativa presente nos cordéis também influencia ou assemelha-se ao gênero textual de alguns famosos poetas brasileiros, dentre eles João Cabral de Melo Neto, considerado um dos maiores poetas que em suas obras retrataram, como o cordel, o espaço geográfico, o modo de vida e o cotidiano do Nordeste. Exemplo disso é o poema “De São Lourenço à Ponte de Prata” em que o mesmo descreve com riqueza de detalhes a questão relativa à ocupação da região Nordeste, bem como sua organização socioeconômica, expondo temas, tais como: as relações de trabalho, o êxodo rural, a marginalização do trabalhador, a concentração de renda e as lutas das classes menos favorecidas da sociedade canavieira.

Vou pensando no mar  
que daqui ainda estou vendo;  
em toda aquela gente  
numa terra tão viva morrendo.  
Através deste mar  
vou chegando a São Lourenço,

---

<sup>13</sup>Significa destruição dos ícones, ou seja, uma pessoa iconoclasta é aquela que desmascara heróis e nomes consagrados. Um grande exemplo de iconoclastia foi a [semana de arte moderna](#) de 1922.

que de longe é como ilha  
 no horizonte de cana aparecendo;  
 através deste mar,  
 como um barco na corrente,  
 mesmo sendo eu o rio,  
 que vou navegando parece.  
 Navegando Este mar,  
 até o Recife irei,  
 que as ondas deste mar  
 somente lá se detêm.

Ao entrar no Recife,  
 não pensem que entro só.  
 Entra comigo a gente  
 que comigo baixou  
 por essa velha estrada  
 que vem do interior;  
 entram comigo rios  
 a quem o mar chamou,  
 entra comigo a gente  
 que com o mar sonhou,  
 e também retirantes  
 em que só o suor não secou;  
 e entra essa gente triste,  
 a mais triste que já baixou,  
 a gente que a usina,  
 depois de mastigar, largou.

Entra a gente que a usina  
 depois de mastigar largou;  
 entra aquele usineiro  
 que outro maior devorou;  
 entra esse bangüezeiro  
 reduzido a fornecedor;  
 entra detrás um destes,  
 que agora é um simples morador;  
 detrás, o morador  
 que nova safra já não fundou;  
 entra, como cassaco,  
 esse antigo morador;  
 entra enfim o cassaco  
 que por todas aquelas bocas passou.  
 Detrás de cada boca,  
 ele vê que há uma boca maior.<sup>14</sup>

Conteúdos geográficos contidos nos cordéis tanto são encontrados no bojo de produções literárias e poéticas, quanto em outras manifestações artísticas, tais como: a música, o teatro e o cinema. Já nos idos de 1950, quando se observa a entronização do

---

<sup>14</sup> João Cabral de Melo neto, apud José Castello, *João Cabral de Melo Neto: O homem sem alma & Diário de tudo* (Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006)

cangaceiro pelo cinema e o cangaço figura na história oficial como um fato superado, opera-se no cordel uma visível mudança de foco no que diz respeito à temática em questão. Tomemos como exemplo disso o romance *Lampeão, o rei do cangaço* (Prelúdio, 1ª ed.1959), de Antônio Teodoro dos Santos. Nesse cordel, particularmente, ressalta a complexidade da elaboração poética que repõe pela evocação lírica a memória oral do cangaço. O romance resulta do cruzamento de estilos e vozes discursivas diversas, iniciando-se com a transcrição de uma toada sertaneja do ciclo de Lampião, seguida da fala do narrador:

Canto de Guerra  
 “O fuzil de Lampeão  
 É coberto de metá  
 A bala que sai de dentro  
 Cantano “Mulé Rendá”  
 “Olé, mulé rendera...  
 Olé mulé rendá...”  
 Chorou por mim num fica  
 Saluçou vai no borná!”  
 Nestes versos sertanejos  
 Escritos por minha mão  
 Baseado nas memórias  
 Do cangaço no sertão  
 Vou descrever o destino  
 Do capitão Virgulino  
 Que se chama Lampeão.  
 Cada pessoa, no mundo  
 Tem de cumprir seu destino:  
 Um é rico e sossegado  
 Outro pobre e peregrino  
 Erra outro passo a passo  
 Igual ao rei do cangaço  
 O capitão Virgulino!  
 (...)

Lembremos, a propósito, do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto (Vera Cruz, 1953), considerado o marco zero do “*nordestern*”<sup>15</sup>. Configura-se nesse arranjo o contraste entre o registro lingüístico regional, representado nas quadrinhas tradicionais que permeiam a narrativa, e o discurso do narrador, mais próximo do registro lingüístico padrão. Tal escolha estética evidencia o processo de atualização por que passou a narrativa tradicional, sobretudo, a partir da década de 1950, quando a indústria da cultura coloca em cena novos paradigmas a serem deglutidos e repostos no âmbito popular. Quanto a isso, importa assinalar a estrutura intertextual da composição, em que o lírico se articula com o épico e o dramático,

<sup>15</sup>Cf. ver CAETANO, Maria do Rosário (org.), 2005. (expressão referente ao tratamento épico dado à temática nordestina por certa tendência da cinematografia brasileira desenvolvida nos anos de 1960).

estabelecendo-se uma conexão com a memória poética do cangaço a partir da técnica da montagem.

Outra semelhança da música nordestina com o cordel no tocante a existência de conteúdos geográficos característicos da região presente em ambos pode ser exemplificado na música *Nordeste independente* (Imagine o Brasil) de composição de Ivanildo Vilanova e Bráulio Tavares interpretada por Elba Ramalho, Zé Ramalho, entre outros. Esta traz em sua autoria grande influência cordelista, tendo em vista que um de seus compositores é também um renomado repentista, a letra é um bem-humorado e utópico manifesto contra a discriminação sofrida pelo nordeste. Objetivando deixar mais claro a relação da música com o cordel apresentamos o cordel “Não precisa separar nós do Brasil”, de autoria de Batista Alves, que se propõe a fazer oposição à referida música. Ao apresentar os contrastes evidentes no pensamento de ambos, encontramos também semelhanças nos sentido de crítica social, elementos econômicos, sociais, naturais e culturais do Nordeste, que estão sempre presentes no cotidiano dos cordelistas.

#### NORDESTE INDEPENDENTE

(Imagine o Brasil)

(Ivanildo Vilanova e Bráulio Tavares)

Já que existe no Sul este conceito  
que o Nordeste é ruim, seco e ingrato,  
já que existe a separação de fato  
é preciso torná-la de direito.  
Quando um dia qualquer isso for feito  
todos dois vão lucrar imensamente  
começando uma vida diferente  
da que a gente até hoje tem vivido:  
imagine o Brasil ser dividido  
e o Nordeste ficar independente.

Dividindo a partir de Salvador  
o Nordeste seria outro país:  
vigoroso, leal, rico e feliz,  
sem dever a ninguém no exterior.  
Jangadeiro seria o senador  
o cassaco de roça era o suplente  
cantador de viola o presidente  
e o vaqueiro era o líder do partido.  
Imagine o Brasil ser dividido  
e o Nordeste ficar independente.

Em Recife o distrito industrial  
o idioma ia ser "nordestinense"  
a bandeira de renda cearense  
“Asa Branca” era o hino nacional  
o folheto era o símbolo oficial

a moeda, o tostão de antigamente  
 Conselheiro seria o Inconfidente  
 Lampião o herói esquecido:  
 imagine o Brasil ser dividido  
 e o Nordeste ficar independente.

O Brasil ia ter de importar  
 do Nordeste algodão, cana, caju,  
 carnaúba, laranja, babaçu,  
 abacaxi e o sal de cozinhar.  
 O arroz e o agave do lugar  
 a cebola, o petróleo, o aguardente;  
 o Nordeste é auto-suficiente  
 nosso lucro seria garantido  
 imagine o Brasil ser dividido  
 e o Nordeste ficar independente.

Se isso aí se tornar realidade  
 e alguém do Brasil nos visitar  
 neste nosso país vai encontrar  
 confiança, respeito e amizade  
 tem o pão repartido na metade  
 tem o prato na mesa, a cama quente:  
 brasileiro será irmão da gente  
 venha cá, que será bem recebido...  
 imagine o Brasil ser dividido  
 e o Nordeste ficar independente.

Eu não quero com isso que vocês  
 imaginem que eu tento ser grosseiro  
 pois se lembrem que o povo brasileiro  
 é amigo do povo português.  
 Se um dia a separação se fez  
 todos dois se respeitam no presente  
 se isso aí já deu certo antigamente  
 nesse exemplo concreto e conhecido,  
 imagine o Brasil ser dividido  
 e o Nordeste ficar independente.<sup>16</sup>

#### NÃO PRECISA SEPARAR NÓS DO BRASIL (Batista Alves)

Só precisa trazer água para gente  
 Aguar a terra pra brotar semente  
 Irrigar o nordeste com o rio  
 Não existe igual tamanho feitio  
 Pra matar a seca desse torrão  
 Traga a água, mate a sede do sertão

<sup>16</sup>A música "Nordeste Independente" gerou polêmicas no início dos anos 80. A música foi composta pelo escritor, compositor e roteirista, Bráulio Tavares e por Ivanildo Vilanova, um dos poetas repentistas mais conhecidos e respeitados do Brasil. A obra foi gravada por Elba Ramalho na década de 80, que aproveitou apenas seis, das, pelo menos, 15 estrofes escritas pelos poetas.

Deixa a água correr incessantemente  
 Pro nordeste ficar independente  
 Só precisa fazer a transposição

Se os políticos Nordestino Brasileiro  
 Querem mesmo desenvolver o Nordeste  
 Faça juz ao nome cabra da peste  
 Traga a água pra esse povo ordeiro  
 Não estrague os recursos financeiros  
 Nas gastanças em véspera de eleição  
 Traga a obra fiscalize a execução  
 E depois conte com o voto da gente  
 Pro Nordeste Ficar Independente  
 Só precisa fazer a Transposição

Deixe a água desaguar por nossas serras  
 Pra tu ver vir o desenvolvimento  
 As indústrias não vão ter mais argumento  
 Pra não vir se estalar em nossa terra  
 Os sulistas vão ficar com muita inveja  
 Pois daqui não vão, mas ver migração  
 Nordestino convivendo como irmãos  
 Nosso povo pra sulista vira gente  
 Pro Nordeste Ficar Independente  
 Só precisa fazer a Transposição

Presidente, Deputados e Senadores  
 Deixe a água desaguar no meu nordeste  
 Bote água do eixo norte ao leste  
 Peço esse favor para os senhores  
 Mate a sede dos nossos trabalhadores  
 Que já fez muito por essa nação  
 O poder só esta em suas mãos  
 Pra fazer o nordeste ir para frente  
 Pro Nordeste Ficar Independente  
 Só precisa fazer a Transposição<sup>17</sup>

Embora ambas as composições, tanto a música quanto o cordel, foram escritos por artistas nordestinos, ambos demonstram sentimentos conflitantes em relação ao Nordeste. Enquanto na música os autores evocam desde o preconceito gerado pelo estereótipo criado sobre o Nordeste, citando tanto suas riquezas econômicas, políticas, sociais e culturais, até a relação de poder administrativo na organização do território; no cordel a ênfase principal é a necessidade de uma política mais justa e igualitária para a redução das desigualdades sociais

---

<sup>17</sup>Cordel de autoria do cordelista paraibano Batista Alves em resposta a musica Nordeste Independente de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova. Disponível em:  
<http://batistaalves.blogspot.com/2010/05/cordel-em-resposta-musica-nordeste.html>

regionais. O autor elenca como problema principal a questão da falta de água na região para que essa possa, efetivamente, revelar para o país o seu potencial produtivo.

Portanto, tanto a música quanto o cordel podem ser utilizados como recurso didático introdutório ou complementar para subsidiar as aulas de geografia. Eis o sentido da poesia na geografia: provocar a discussão, o debate. Abrir a nossa ciência ao diálogo com a literatura poética. Instigar a mesma paixão, a emoção do poema, ao estudo geográfico. A poesia é ponto de partida, por possibilitar aos estudiosos da geografia uma infinidade de temas a serem rediscutidos. Em se tratando de uma discussão nova dentro da Geografia, torna-se necessário enfatizar a aproximação entre ambas. Muitos trabalhos podem surgir a respeito dessa relação, sendo que cada qual adotará sua forma de aproximação, encontrando pontos comuns que merecem ser explorados.

#### 4. O CORDEL NA SALA DE AULA

A didática do cordel

Nessas sextilhas que têm  
Métrica, rima e oração  
Vamos falar do cordel  
Poesia do sertão  
Já que virou ferramenta  
Usada na educação

A poesia reflete  
Em um divino painel  
Nós que somos cordelistas  
Usando tinta e papel  
Vamos falar do que existe  
Na didática do cordel

É preciso seguir regras  
Para escrever folhetos  
Bem diferentes daquelas  
Usadas pelos sonetos  
Que é sempre dividido  
Em quartetos e tercetos<sup>18</sup>  
(Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana)

Com uma linguagem de fácil entendimento, rimas e estruturas diferenciadas dos tradicionais textos de literatura, o cordel vem ganhando espaço dentro das salas de aula, como forma de incentivar a leitura e escrita dos alunos. Embora, isso venha acontecendo com mais frequência na educação superior, do que na educação básica, onde a potencialidade desse recurso didático poderia ser bem melhor explorada e, conseqüentemente, tornar mais fácil o processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Prova disso foi à indicação do livro “Cordel em Arte e Verso”, de Moreira de Acopiara, pelo MEC, para compor o Programa Nacional de Bibliotecas da Escola. Para o cordelista, a vivência das crianças com esse gênero poético incentiva o hábito da leitura, iniciando de forma simples e lúdica. Em anos iniciais, a criação pode ser estimulada por meio dos textos populares e os alunos podem produzir os próprios cordéis.

O ensino-aprendizagem constitui-se de um processo, pelo qual o aluno se apropria das experiências do seu cotidiano. Acreditamos que o professor, bem como os outros sujeitos da

---

<sup>18</sup> O folheto “A didática do cordel”, de autoria dos poetas Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, publicado em março de 2006, aqui foram utilizadas as estrofes de 1 a 3, que compõem o folheto: a didática do cordel, p. 1.

escola devem estar aptos a captarem a melhor forma de ensinar, se responsabilizando para a melhoria da qualidade do ensino, conforme asseverou Freire (1985, p.77) quando afirma “Queremos ter uma escola viva , em que se viva a cidadania e não uma escola onde um dia se sonhe em ser cidadão. A infância já cidadã, é ser vivo já, é ser social já”.

A educação no pensamento freireano envolve experiências e sentidos, conhecimento da vida e é uma prática social:

A educação freireana apresenta um caráter libertador, porque pressupõe a libertação do ser humano, como sujeito, da adaptação, da alienação em relação ao conhecimento e à história, sendo capaz de problematizar e teorizar sobre a realidade social vivida e de posicionar-se criticamente perante as contradições de classe social, integrando-se à sociedade (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

A introdução do cordel no campo de estudo pedagógico pode, efetivamente, tornar-se um recurso didático a partir do qual os professores terão subsídios – didáticos para trabalhar vários tipos de conteúdos, pois estes podem ser adotados aos objetivos que forem traçados. Ao mesmo tempo é uma oportunidade para que este ramo da literatura popular tenha uma chance de aceitação e valorização, fazendo despertar entre as pessoas o gosto pela preservação dos nossos artistas e da cultura nordestina nas escolas.

A importância de adolescentes entrarem em contato com essa literatura é justamente atentarem para o fato do multiculturalismo e não ficarem presos a formas literárias, bem como conhecerem um pouco do seu país e de sua cultura, não ficando submissos a estereótipos literários que fazem sobre nossa cultura. Outro expoente maior é dá continuidade ao processo de resgate da Literatura de Cordel que enfraqueceu no nordeste nas últimas décadas, sobretudo devido ao uso de novas tecnologias pela população que tirou um papel importante do cordel que era de informar o homem do campo, o qual só tinha acesso à informação, mídia, e educação por meio do cordel nas feiras populares do interior. Evidente que a tecnologia trouxe uma nova perspectiva educacional para a região em questão e de forma alguma fica a repreensão ao seu uso, entretanto, devido a outros fatores também, seu uso contribuiu ao longo do tempo para a perda do caráter informativo do Cordel nas feiras populares, tornando essa arte mais um meio de expressão, de opinião. de literatura popular.

Levar o cordel para a sala de aula é contextualizar o aluno no meio social e fazer discurso com outras disciplinas como história e artes, é reafirmar a Literatura de Cordel como identidade não somente do povo nordestino, mas do povo brasileiro.

Devido à intensa divulgação e utilização do cordel na educação superior, nos últimos anos, fato já abordado anteriormente, verificamos que este passa a assumir um papel relevante

no fazer pedagógico. Prova disso é que, atualmente, o cordel está sendo utilizado, inclusive, como referência bibliográfica em vestibulares, ao lado de obras consagradas, da literatura brasileira, tais como “A cidade e as Serras”, de Eça de Queiroz, “Capitães da areia”, de Jorge Amado, entre outras. Fato este, constatado nas indicações de leituras para o vestibular 2012 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA, conforme reportagem veiculada no Jornal do Commercio de 20/08/2011:

O cordel “Um passeio na terrinha”, do caruaruense Luciano Dionísio, está entre as indicações de leitura propostas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) para o vestibular 2012. [...] O tema do cordel que será utilizado no vestibular da FAFICA é a cidade, que, na seleção da faculdade estará presente também em várias disciplinas. De acordo com a direção da faculdade, a decisão de colocar a literatura de cordel como indicação de leitura para o vestibular concretiza uma aproximação do conhecimento acadêmico com o saber popular.<sup>19</sup>

Este fato é um exemplo de como o cordel, enquanto instrumento didático-pedagógico, vem sendo utilizado no ensino superior, ou pelo menos para o ingresso no ensino superior, já que o vestibular não é necessariamente um curso superior. Diante do exposto, podemos afirmar que este recurso didático vem sendo utilizado com mais ênfase na academia do que na educação básica. Embora haja projetos em andamento, com resultados positivos, sendo desenvolvidos junto a algumas escolas de ensino fundamental e médio, em várias cidades – em especial na região Nordeste – porém esta iniciativa ainda se mostra tímida quando se observa o quadro de escola nacionalmente.<sup>20</sup>

O cordel na escola seria uma ótima alternativa para que os alunos conhecessem de perto os valores que dispõe essa cultura, além de levar entretenimento à sala de aula os poetas podem demonstrar seus conhecimentos através de versos e prosas em suas declamações descrevendo diversos assuntos que de maneira propensa e de uma forma divertida proporcionariam uma aula prática sobre temas variados, conforme constatamos em entrevista com alunos de Garanhuns – PE:

Não conhecia o cordel como forma de estudar outras disciplinas. Nem nas aulas de português, onde geralmente trabalhamos com textos, nenhum dos quais já foram trabalhados pela professora tem um linguajar alegre e divertido como os contidos nos cordéis. Fiquei surpresa em perceber que um cordel pudesse nos fornecer condições para entender um conteúdo de

<sup>19</sup>Fragmento de reportagem veiculada no Jornal do Commercio, 20/08/2011, ano: 93, nº 232, Caderno Cidades, p. 4.

<sup>20</sup> Como exemplo, pode-se citar a experiência vivida através do Projeto “O Cordel no Palco” desenvolvido com alunos do Lyceu Paraibano em João Pessoa/ PB; projeto *O Maior Cordel do Mundo*, desenvolvido na escola de ensino fundamental Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Caic) em Caruaru/PE; PROJETO CORDEL NA ESCOLA que foi desenvolvido durante o ano letivo de 2010 na EEFM Padre Luis Filgueiras, orientado por professores da área de Linguagens e códigos e envolveu todos os alunos regularmente matriculados no Ensino Fundamental e Médio, Nova Olinda CE.

geografia e ao mesmo tempo, pode também ser usado em Ciências com o tema de ecologia e preservação ambiental, presente no cordel “O grito da Terra” trabalhado na palestra do senhor Gonzaga de Garanhuns.<sup>21</sup>

O depoimento de uma aluna participante da pesquisa/palestra aqui identificada como aluna 1, demonstra que um dos maiores problemas enfrentado por professores e alunos é a falta de uma diversidade metodológica no processo de ensino-aprendizagem, em especial na seleção de recursos que possam despertar o interesse dos alunos para as situações didáticas que subsidiam o cotidiano da sala de aula.

Ao ser perguntado sobre o que acha da utilização do Cordel no processo de ensino-aprendizagem nas escolas, o Cordelista Luiz Gonzaga Lima afirmou em entrevista a nós concedida que é “Excelente, este método faz com que os alunos valorizem a cultura popular ao mesmo tempo em que aprendem à disciplina aplicada. Em outros estados como Paraíba e Ceará, já existem projetos como esse”.<sup>22</sup> Quando perguntado se já havia encontrado algum tipo de dificuldade ou preconceito na realização deste trabalho em escolas, o mesmo respondeu: “Nenhum preconceito, sempre fui bem aceito em meio a sociedade literária, principalmente nos dias de hoje, pois a literatura de cordel é um tema muito abordado por grandes escritores”.<sup>23</sup> A imagem a seguir mostra a grande participação dos alunos na palestra do cordelista Luiz Gonzaga Lima (Gonzaga de Garanhuns), realizada no dia 11 de Agosto de 2009 na Escola Professora Elisa Coelho, na cidade de Garanhuns, em Pernambuco.



Figura 21 –palestra/oficina realizada pelo cordelista Gonzaga de Garanhuns, realizada na Escola Professora Elisa Coelho em 11/08/2009.

<sup>21</sup> Depoimento da aluna 1, matriculada na 7ª série do ensino fundamental da Escola Professora Elisa Coelho, participante da palestra/oficina realizada pelo cordelista Gonzaga de Garanhuns em 11/08/2009.

<sup>22</sup> Fragmento de entrevista realizada com o cordelista Luiz Gonzaga Lima (Gonzaga de Garanhuns) em 11/08/2009 na Escola Professora Elisa Coelho, Garanhuns-PE.

<sup>23</sup> Fragmento de entrevista realizada com o cordelista Luiz Gonzaga Lima (Gonzaga de Garanhuns) em 11/08/2009 na Escola Professora Elisa Coelho, Garanhuns-PE.

Nos últimos anos, identifica-se a utilização de novos métodos e técnicas para o ensino, parte delas pautadas em diversas tecnologias, sejam elas contemporâneas ou tradicionais outras recorrem mesmos a recursos didáticos mais alternativos e que independem de arsenal tecnológico. Ou seja, o uso de linguagens alternativas e novas formas de apresentar conteúdos podem ainda ter eficiência quando do processo de ensino e aprendizagem. Entre elas, destacamos aqui, a literatura de cordel, como linguagem alternativa para promover um ensino significativo. Atreladas ao processo de ensino e aprendizagem, elas têm por objetivo alterar a ênfase tradicional dada aos recursos didáticos, que muitas vezes, se restringem ao livro didático. Diante desse quadro, a inserção das linguagens alternativas como suporte didático representa uma mudança no enfoque dado aos conteúdos e a inclusão de novos métodos e técnicas de ensino. Isto é, a inserção de formas contemporâneas de produção de efeitos de sentidos.

Nessa perspectiva de inserção das linguagens alternativas como suporte didático - dentre elas o cordel - pode ser considerada como o resultado da utilização do cordel no ensino superior, o que o leva, ainda que timidamente, para a escola básica, onde ainda é forte a resistência a adoção de novas metodologias, o cordel já começa a aparecer até mesmo em alguns livros didáticos.

Estar presente em livros didáticos - Projeto Radix, Geografia, 7º ano, de autoria de Valquiria Pires & Beluce Bellucci, São Paulo: Scipione, 2009, p.159, citando o cordel “O ABC do Nordeste fragelado” de Patativa do Assaré; Projeto Araribá, Geografia, 7º ano, Editora Moderna(Org). São Paulo: Moderna, 2007. p. 120“ O Rio São Francisco” do cordelista Madeiros Braga - é uma realidade que o Cordel só conseguiu recentemente já que era considerado uma literatura popular, portanto considerada de menor importância no contexto cultural *elitizado* do Brasil que considera Literatura somente os clássicos e os consagrados seja pela mídia ou por críticos, mas nunca os escritos consagrados pelo povo.

Como o cordel se diversificou em outras vertentes –conforme tratamos anteriormente , coisa que para alguns estudiosos só podemos chamar de cordel o que se prende unicamente a escrita, é relevante mostrar essa arte aos alunos do ensino fundamental e médio nos seus diversos tipos, tais como: escrita literária, música e repente. A escrita literária do cordel, já é estudada em escolas fora do Nordeste devido ao fato de estudiosos começarem a teorizar o assunto, ganhando um lugar de destaque no cenário nacional literário, entretanto, a oralidade ainda continua marginalizada.

A importância de adolescentes entrarem em contato com essa literatura é justamente atentarem para o fato do multiculturalismo e não ficarem presos a formas literárias, bem como

conhecerem um pouco do seu país e de sua cultura, não ficando submissos a estereótipos literários que fazem sobre nossa cultura. Outro expoente maior é dar continuidade ao processo de valorização da literatura de cordel, advindo da união entre cultura popular e as novas tecnologias é uma parceria vital para dinamizar e divulgar a nossa literatura de cordel e outras vertentes culturais-literárias. Antes da Internet era comum se ouvir falar na morte do cordel em jornais, revistas, cursos e seminários acadêmicos. Felizmente com a revolução digital e com a linguagem virtual dos computadores, a literatura de cordel ganhou dimensão jornalística e conquistou uma inesperada autonomia e uma boa divulgação no universo virtual. Ganhou gás e agora tem respiração própria. Hoje temos centenas de cordelistas internautas no Nordeste, em São Paulo, no Rio, em Brasília e por todos os estados do Brasil. Não só na internet, mas também na televisão e no cinema, o cordel passou a ser fonte de inspiração. Essas novas formas de tecnologia, também presentes na escola, trouxeram uma nova perspectiva educacional para a região em questão e de forma alguma fica a repreensão ao seu uso.

#### **4.1 As potencialidades da utilização do cordel como instrumento didático nas aulas de Geografia**

A ideia de aproximação entre cordel e Geografia representa um desafio, o de encontrar nos folhetos elementos que contribuam para o estudo geográfico em suas inúmeras vertentes de investigação e análise. Tendo a região Nordeste como recorte temático, buscamos identificar no cordel, características próprias da região, que venham aproximar o conteúdo geográfico com a realidade do educando. Inúmeros são os cordéis que podem ser observados e/ou utilizados sob a ótica geográfica, seja pelo seu conteúdo explicitamente geográfico, que pode incluir descrição de paisagens, por exemplo, seja pela análise crítica que fazem da sociedade – espacialmente organizada – ou de modo subjetivo como veículo de reflexão conceitual e teórica de objetos e categorias. Desse modo, ao fazer uso do cordel em sala de aula, o profissional pode ir além do caráter meramente ilustrativo, potencializando o valor estético e sua beleza. Entretanto, essa riqueza de informações contidas em um texto extraído total ou parcialmente pode fornecer elementos para uma discussão mais ampla, sobre várias temáticas geográficas.

Por estar intimamente ligada a uma manifestação interior e até mesmo simbólica do ser humano, a produção cordelista traduz épocas, define lugares, critica e denuncia, enfim, tem expressão geográfica que na maioria das vezes não é percebida.

Trechos de poemas podem enriquecer estudos geográficos, não apenas no sentido meramente ilustrativo, mas como fonte de interpretações. Esse tipo de perspectiva é em muito trabalhada na área da geografia cultural que abrange análises dos objetos do cotidiano, representações da natureza na arte e em filmes até o estudo do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares (MCDOWELL, 1996, p. 159).

No cordel o poeta faz uso de atributos do ser, manifestados concretamente no texto. Assim questões temporais (duração, novidade ou antiguidade), de magnitude (grandeza ou pequenez), e de aparência (beleza ou feiura), passam a fazer parte como ponto positivo ou negativo na narrativa cordelística. Ao utilizar uma linguagem popular, o cordel consegue romper o tradicionalismo dos conteúdos meramente científicos, tornando-os acessíveis à compreensão do aluno, à medida que poderá envolvê-lo na situação exposta metodologicamente em sala de aula.

Sabe-se que a escola é o caminho para transformação educacional. Analisando o dia-a-dia do educando, percebe-se a ausência de auto-identificação com sua realidade regional, não sabendo ele, o valor de preservar suas raízes, através de suas experiências diárias, levando seu conhecimento para a sala de aula, compartilhando seus pontos do saber e do interpretar a vida utilizando os materiais didáticos, para-didáticos e tecnológicos que a escola oferecer como ferramenta de aprendizagem diferenciada. Podem-se induzir nossos alunos para uma prática de leitura, através da literatura de cordel, que trata de assuntos reais da sua formação diária, sendo ela uma leitura fácil, rápida e de simples interpretação.

A Geografia vista de dentro, por quem trabalha com pesquisa e ensino, da educação básica à universidade, pode se apresentar como uma disciplina extrema e perigosamente ideológica por ela manifestar uma determinada concepção de homem, de sociedade e de mundo. Nesse sentido, o professor de Geografia precisa refletir sobre o caráter contraditório da educação e relacionar dialeticamente a sua teoria com a sua prática cotidiana, pois como coloca Freire (1982, p. 17) “toda prática contém uma teoria, ambas são indissociáveis e se constroem reciprocamente”. É mister explicitar, portanto, a teoria praticada para que se possa buscar sua compreensão e a sua essência. Se essa intencionalidade for assumida pelo professor no âmbito escolar poderá constituir-se em ações concretas para uma prática educativa autêntica, pois é o professor quem vivencia o dia-a-dia do processo ensino-

aprendizagem e é só através da relação desse com os alunos que se pode construir uma base sólida nesse sentido.

Entretanto, mudar a concepção de processo metodológico, enraizado no cotidiano escolar, caracterizado, na maioria das vezes, por planejamentos técnicos pré-determinados que, retiram do professor a autonomia necessária à adequação dos conteúdos e metodologias é o grande desafio posto institucionalmente para o professor. O depoimento da professora C, obtido em entrevista durante a realização da palestra/oficina realizada na Escola Professora Elisa Coelho em 11/08/2009, traduz claramente esse sentimento de impotência, frente às exigências burocráticas da instituição.

Ensino Geografia no ensino fundamental e médio nesta escola há 12 anos. Sempre busquei enriquecer minha prática pedagógica usando recursos didáticos diferenciados que pudessem, efetivamente, despertar o interesse dos educandos para as aulas de Geografia. Entretanto, passei por várias situações de preconceito e discriminação quanto ao meu fazer pedagógico, como, por exemplo, receber reclamações de pais e da direção por não estar usando sequencialmente o livro didático, sendo acusada de não trabalhar os conteúdos previstos, simplesmente pelo fato de que ao trabalhar certos conteúdos, utilizei outros recursos complementando e/ou substituindo o texto contido no livro didático. Apesar da pressão recebida, sou consciente do meu papel de educadora e mesmo me sentindo remando contra a maré, não abri mão de minha autonomia em determinar o que e como ensinar, visto que as situações didáticas das quais me utilizo, sempre são condizentes com a capacidade de compreensão dos meus alunos.<sup>24</sup>

A angústia, revelada no depoimento da citada professora, é recorrente no meio docente. Felizmente no final de sua fala, ela demonstra que não foi vencida pelo conservadorismo implícito na escola. Entretanto esse fato é uma exceção no universo educacional, quando em sua fala ela diz “mesmo me sentindo remando contra a maré”, não é a postura de muitos educadores, que se deixam vencer e passam a ser apenas figurantes no processo de ensino-aprendizagem, fazendo de si mesmo e dos seus educandos agentes passivos do processo de construção do conhecimento à medida que desempenham o papel de meros reprodutores de conhecimentos pré-estabelecidos.

Não podemos dar continuidade à arbitrariedade dominante de pensar o aluno como um ser passivo, meramente receptor de conteúdos científicos, preparando-o, assim, para o mundo do trabalho. Concebido desta forma o processo educacional como sendo linear e mecânico, pois o ato educativo é mais complexo, marcado por profundas contradições e inevitáveis resistências individuais e coletivas.

---

<sup>24</sup> Depoimento da professora de Geografia identificada como professora C, da Escola Professora Elisa Coelho, participante da palestra/oficina realizada pelo cordelista Gonzaga de Garanhuns em 11/08/2009.

Ao fazer referências às formas de resistência para uma educação voltada para a cidadania Giroux (1986, p. 261) nos lembra que:

Essa resistência aparece em sala de aula, na escola e na vida social mais ampla, de diversas formas, que se não forem bem entendidas, e mesmo noutra perspectiva de educação, passam a ser consideradas mau comportamento. Em geral se expressam na linguagem, no vestuário, na resistência a fazer em sala de aula o que o professor propõe. Ao contrário de subestimá-la ou desconsiderá-la, cabe a escola preocupada em educar para a cidadania conseguir transformar esta ação muitas vezes isolada dos procedimentos habituais em uma força e ação ampliada para uma forma de resistência mais politizada. Esta consciência social representa o primeiro passo para que os estudantes atuem como cidadão engajados, dispostos a questionar e confrontar a base estrutural e a natureza da ordem social.

Essas contradições, disfunções e tensões existem na sociedade mais próxima, na família e na escola, e devem ser conhecidas e analisadas para que o aluno se perceba como um indivíduo que faz parte do processo e, portanto, tem voz ativa. É interessante reconhecer que o estudo da Geografia deve ser consequente para os alunos, suas experiências concretas deverão ligação e coerência com o que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no seu espaço cotidiano.

Ao pensar a escola em suas múltiplas dimensões, deve-se levar em consideração que educar não é transmitir conhecimento, nem acumular informações, mas permitir que através do ato educativo o educando tenha uma experiência significativa de aprendizagem. O ato educando passar a dar sentido ao que aprendeu.

Ao utilizar o cordel como recurso didático nas aulas de Geografia, além de proporcionar uma forma diferenciada de explicar a temática a ser trabalhada, chama-se a atenção dos alunos pelo fato de explorar temáticas vivenciadas pelos mesmos em seu cotidiano, fazendo uso também de uma linguagem mais dinâmica e acessível. Como recurso de aprendizagem o cordel aborda diferentes nuances da realidade nordestina e, na educação escolar poderá propiciar uma interação entre o que é ensinado e o que é vivido, especialmente pelo aluno.

De acordo com Freire (1996, p. 127), a educação participativa, para o aluno, é aquela que é:

[...] democrática, coerente, competente, que testemunhas seu gosto de vida, sua esperança num mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.

No momento em que o aluno tiver a liberdade de expressar seu conhecimento por meio da criação de cordéis, poderá passar de agente passivo, receptor de conteúdos, para agente ativo, criador de conhecimento, o que pode atrair sua atenção para a temática abordada na aula, pelo simples fato de participar, expressando sua visão sobre o assunto trabalhado, e proporcionando uma dinâmica diferente para as aulas de Geografia.

Vejo a utilização do cordel nas escolas como um instrumento significativo e veículo de expressivo valor. O cordel deve ser inserido, imediatamente em todas as salas de aula, em todos os níveis de ensino, envolvendo todas as faixas etárias. Se a literatura de cordel tiver seu conteúdo instrutivo, salutar, bem redigido e aproveitável, necessita ser incluído como uma forma pedagógica de apoio, edificando um método para incentivar o hábito da leitura, seja nos jovens, nas criancinhas, nos adultos e nas pessoas ociosas com a terrível indisposição para ler um livro extenso. [...] O cordel está na alma, nos valores da nossa identidade regional (JOÃO BATISTA CAMPOS DE FARIAS, 2006).<sup>25</sup>

De acordo com o cordelista, é no ambiente escolar que o cordel poderá abrir espaço para estimular a criatividade e o desenvolvimento cognitivo do educando. Esse conhecimento que é construído na vivência escolar poderá representar a inserção social dos educandos, à medida que estes passam a ter contato com o conhecimento do local, da comunidade, da sociedade, da região em que vive e do mundo do qual fazem parte.

Como o cordel é uma das raízes do povo brasileiro, principalmente nordestino, é importante que este instrumento seja incluído na educação e a partir de um processo de interatividade, onde predomine a troca, ou seja, tanto a escola valorize o cordel, como a literatura de cordel discuta e aprofunde os temas referentes à educação; assim, o cordel poderá tornar a educação mais atraente e compatível com as manifestações do povo brasileiro. Como diz Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (JOSÉ ROGACIANO SIQUEIRA OLIVEIRA).<sup>26</sup>

Como podemos observar na fala dos cordelistas citados, é recorrente a todos que o cordel pode e deve ser inserido na escola como recurso didático pedagógico, por ser possível utilizar os conteúdos abordados nos mesmos como temáticas norteadoras da discussão dialógica entre educador e educando, viabilizando, assim, a construção do conhecimento de forma participativa. Tornando, assim, o processo de ensino-aprendizagem eficiente e atraente para os agentes do processo educacional.

---

<sup>25</sup> Depoimento do cordelista João Batista Campos de Farias, em entrevista concedida em 2006, In: ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de saberes**. Tese (doutorado em educação) Universidade Federal da Paraíba – Centro de educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

<sup>26</sup> Depoimento do poeta e cordelista José Rogaciano Siqueira Oliveira In: ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de saberes**. Tese (doutorado em educação) Universidade Federal da Paraíba – Centro de educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

## **4.2 Projetos educacionais que usam os cordéis em sala de aula: algumas experiências em andamento**

Sem a pretensão de afirmar a eficácia do cordel na escola, como sendo um fato indiscutível, mas ao contrário, objetivando evidenciar a viabilidade deste como recurso didático pedagógico, compreendemos ser necessário levar ao conhecimento do leitor uma breve análise de projetos educacionais em execução, que contemplem o cordel no uso didático. Para tanto, passamos a descrever: objetivos, ações e resultados de alguns desses projetos, que foram, durante a pesquisa de campo, objeto de investigação.

### **4.2.1 Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula**

O Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula propõe, há dez anos a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos, e também nas classes de Ensino Fundamental e Ensino Médio. O projeto tem como idealizador o cordelista Arievaldo Lima Viana, que passou a divulgar, através de oficinas e palestras em diversas cidades, em especial, nas escolas públicas, a utilização do cordel como instrumento didático-metodológico. O projeto utiliza um *kit* que é composto por uma caixa contendo doze obras de diferentes autores acompanhadas de um livro (espécie de manual do professor) e de um CD com dez poemas e canções interpretadas pelo autor e pelos cantadores Mestre Azulão, Geraldo Amâncio, Zé Maria de Fortaleza e Judivan Macêdo.

O livro traz informações sobre as origens da literatura de cordel, suas regras e modalidades, bem como um curso prático de literatura de cordel com inúmeras dicas para os educadores, acerca da utilização dos folhetos na sala de aula. Com o desenvolvimento do projeto, acresceu-se um capítulo intitulado “Como produzir um folheto de cordel em classe – passo a passo”.

Por ser um relato de experiências amplamente divulgado em nível nacional, o projeto tornou-se uma referência quanto à utilização do cordel, despertando o interesse de vários educadores, de diversas regiões do Brasil. Desde o ano de 2000, o projeto passou a ser divulgado nas escolas através de aulas, oficinas, palestras, simpósios e estudos a partir da linguagem e informações diversas contidas nos folhetos.

Além de estimular o hábito da leitura, estudantes de qualquer faixa etária poderão entrar em contato com uma expressão da cultura popular brasileira, visto que as doze obras e

que fazem parte do *kit* foram selecionadas de forma a colocar o leitor em contato com cordéis que representam a evolução de várias épocas e estilos da poesia de cordel. As obras constantes da caixa de cordéis que fazem parte do kit são: 1- A didática do cordel: Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza; 2- Quirino, o vaqueiro que não mentia: Arievaldo Viana; 3- A gramática em cordel: Zé Maria de Fortaleza; 4- Iracema: Stélio Torquato Lima; 5- Romance do Pavão Misterioso: José Camelo de Melo; 6- O Justiceiro do Norte: Rouxinol do Rinaré; 7- A Sorte do Preguiçoso e o Peixe Encantado: Antônio Francisco; 8- História da Moura Torta: Marco Haurélio; 9- História da Donzela Teodora: Leandro Gomes de Barros; 10- O Rapaz que Encheu um Saco de Mentiras: Luiz Antonio; 11- A Intriga do Cachorro como Gato: José Pacheco da Rocha; 12- O Príncipe das Sete Capas: Arievaldo Viana e Vidal Santos. Entretanto, selecionamos dentre as obras citadas, três das doze capas, que são apresentadas a seguir e foram reeditadas em co-edição por Tupynanquim Editora, Fortaleza:Ceará, 2000; Editora Queima-Bucha, Mossoró:Rio Grande do Norte, 2000. Mostramos também a ilustração da capa do livro base do projeto Acorda Cordel na Sala de Aula.

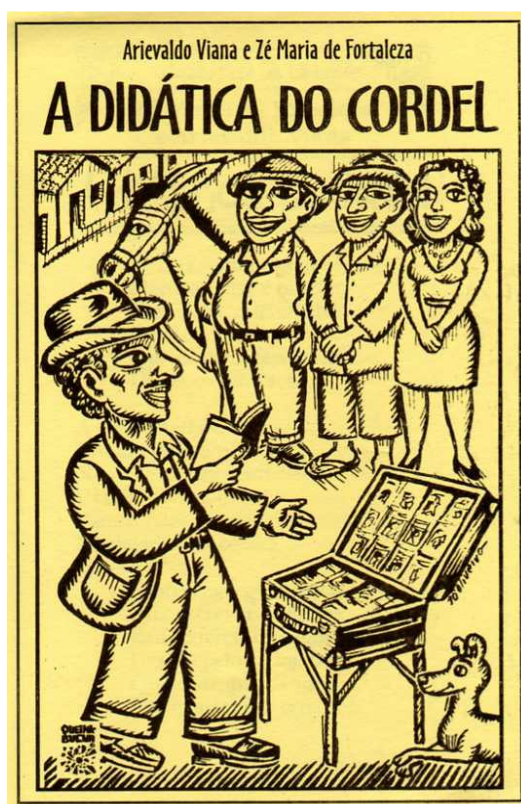






Figura 22 – capas do folhetos “a didática do cordel” (de autoria de Ariovaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza); “Quirino, o vaqueiro que não mentia” (de autoria de Arievaldo Viana); “Romance do pavão misterioso” (de autoria de José Camelo de Melo) e “a gramática do cordel”.

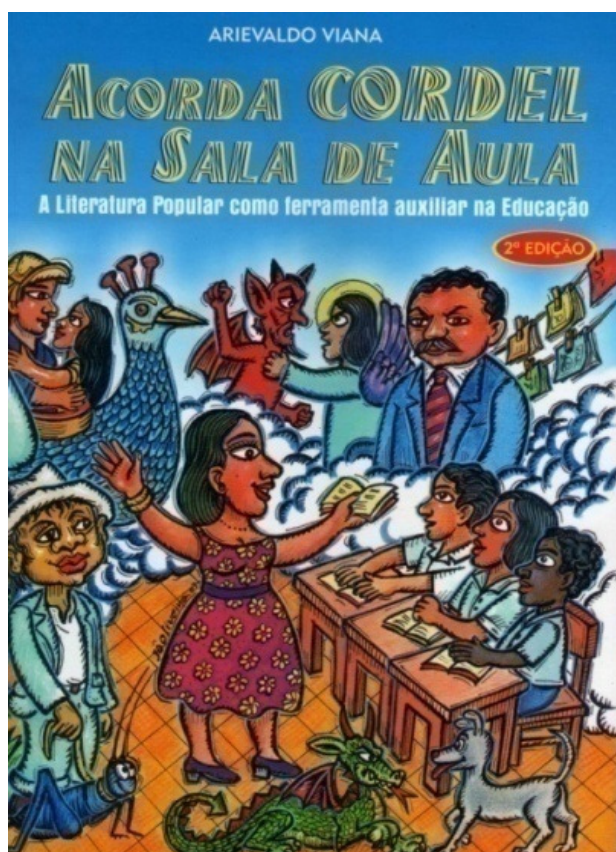


Figura 23 – Capa do livro do Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula

#### 4.2.2 Projeto O Maior Cordel do Mundo



Figura 24 – Alunos do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Caic) em Caruaru/PE produzindo cordéis.  
 FONTE: Jornal do Commercio, 20/08/2011, ano: 93, nº 232, Caderno Cidades, p. 4.

Em uma iniciativa inédita a rede municipal de ensino de Caruaru/PE, em parceria com a Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, vem desenvolvendo o projeto *O Maior Cordel do Mundo*, utilizando a literatura de cordel como instrumento didático-pedagógico. As diretrizes que norteiam o projeto têm como público alvo os estudantes das escolas municipais, que através do cordel inserido como suporte pedagógico nas disciplinas História, Geografia e Língua Portuguesa, aprende noções de métrica e rima e escrevem suas próprias poesias. O objetivo do projeto é desenvolver a leitura e a escrita, bem como o resgate das tradições regionais através da caracterização histórica e geográfica da região.

O projeto conta com a participação de seis cordelistas integrantes da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, que atuam como arte-educadores nas atividades desenvolvidas no Caic, que têm a participação de cerca de duzentos estudantes. Como nos afirma Nerisvaldo Alves, fundador da ACLC, “Trabalhamos a rima, a métrica e a oração dentro da poesia. Para que os alunos possam aprender a escrever e declamar poesia, usamos técnicas de teatro e a música”.<sup>27</sup>

O projeto começou em 2004 e já se transformou em livro e DVD, com apresentações teatrais de alunos. De acordo com o professor Nerisvaldo Alves, no momento está sendo feita uma coletânea de poemas dos alunos que integram o projeto, com o objetivo de publicação de um livro. Em junho de 2010 a Academia Caruaruense de Literatura de Cordel em parceria com a FUNDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco), Secretaria Municipal de Educação e Governo do Estado de Pernambuco, promoveram um

<sup>27</sup> Trecho de entrevista com Nerisvaldo Alves, fundador da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, e um dos coordenadores do projeto O Maior Cordel do Mundo.

concurso intitulado “O Maior Cordel do Mundo”, entre alunos participantes do projeto com o tema: “O Nordeste: Aqui é Meu Lugar”, realizado no povoado do Alto do Moura, zona rural do município de Caruaru/PE, e também considerado pela UNESCO o maior centro de artes figurativas da América Latina, na categoria mirim, resultando na premiação do primeiro ao terceiro lugar.

O objetivo deste concurso foi incentivar os alunos participantes do projeto que, ao verem os colegas tendo seus trabalhos reconhecidos, passarem a se dedicar com mais afinco nas atividades desenvolvidas no projeto. Do ponto de vista educacional, é visível a melhoria no rendimento escolar dos alunos que participam do projeto, por tratar-se também de uma forma de reforço escolar, tendo em vista que os alunos, necessariamente, trabalham diretamente com conteúdos de Língua Portuguesa, História e Geografia.

O cordel que evidenciamos abaixo, como vencedor do concurso O Maior Cordel do Mundo, categoria mirim, é de autoria de José Antônio da Silva Júnior, pseudônimo: Terlebibi, 11 anos, aluno do 6º ano do Ensino Fundamental, do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Caic) em Caruaru/PE.

De acordo com o que afirma Arievaldo Viana (2010, p. 14):

Além de estimular o hábito da leitura, estudantes de qualquer faixa etária estão em contato com uma legítima expressão da cultura popular brasileira. [...] Nos autorizam a afirmar que a receptividade entre os alunos é excelente, sobretudo em atividades como leitura em grupo e até mesmo a elaboração de novos folhetos entre os próprios estudantes.



Figura 25– Capa do folheto que contém os três cordéis vencedores do concurso.

### **Categoria mirim**

#### **Quem pensar que o nordeste é só pobreza nunca veio aqui nos visitar**

Autor: José Antônio da Silva Júnior. ( 1 LUGAR)

Pseudônimo: Terlebibi

Pra falar deste solo nordestino,  
Peço a Deus que me dê inspiração,  
Pois por este lugar sinto paixão,  
E aqui eu cativo meu destino.  
Sei que eu, por ainda ser menino,  
Pouca coisa eu posso lhe passar,  
Porém quero do meu lugar falar  
Porque ele contém muita riqueza,  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

O nordeste é lugar interessante:  
Suas praias são belas e cativas,  
Suas terras são boas, produtivas,  
Seu contexto é deveras importante.  
Sua música é mais que fascinante,  
E é linda a cultura popular,  
É gostoso a gente apreciar  
O Nordeste que tem tanta beleza,  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

01

O Nordeste é lugar de alegria  
Pois contém em celeiro de artistas,  
Teatralógicos, poetas repentistas,  
Que dão nome e valor à poesia.  
É a terra de aboio e cantoria,  
Do forró que é gostoso de dançar,  
Tem o frevo pra quem só que pular,  
Tudo isso eu adoto (com certeza!)  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

Pernambuco, Sergipe, Maranhão,  
Alagoas, Bahia e Piauí,  
Ceará, Paraíba está aqui,  
Rio Grande do Norte, meu irmão.  
Nove estados compõem a região  
Que mais brilho possui em seu luar,  
Eu direi a você sem hesitar:  
Só aqui se consegue essa proeza!  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

Quem pensar que o nordeste é tão-somente  
O lugar de matuto e de roceiro,  
De humorista, coquista e de vaqueiro,  
Com certeza não é inteligente.  
Foi aqui que nasceu o presidente  
Que o Brasil hoje esta a governar.  
Nordestino não para de lutar,  
Nunca cede, mantém sempre firmeza,  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

02

O Nordeste é lugar muito importante,  
Chão natal de Catulo da paixão,  
Do pequeno e grande Azulão,  
De Olegário e de Lúcio Cavalcanti,  
De Zagalo e de Lula militante,  
João Pessoa e Arraés de Alencar,  
Padre Cícero ensinou o verbo amar  
Com sinônimo de luz e de franqueza,  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

O Nordeste é lugar de Marcolino  
E também do famoso Lampião,  
É Lugar de Luiz, Rei do Baião,  
Dos Condés e também de Vitalino,  
De Barbalho escritor, Mestre Galdino,  
Zé da Luz, um poeta exemplar,  
Ariano eu não vou nem comparar,  
Vilanova aos versos traz grandeza  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

Vejo a fauna e a flora Nordestina,  
Rodeada de espinho de facheiro,  
De alaistrado, jurema e juazeiro,  
Nela encontro o galo de Campina,  
Sabiá, a rolinha e a cravina  
E o tatu que gosta de cavar,  
Cascavel com veneno pra matar  
Com apenas um bote a sua presa,  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

03

No Nordeste tem jegue e tem carneiro,  
Tem teju e também camaleão,  
Jabutí, o timbu e o pavão,  
E galinha no meio do terreiro,  
Nele encontro também pai-de-chiqueiro,  
Tem cavalo pra quem quer cavalgar,  
Tem açude pra gente se banhar,  
É imenso em sua natureza  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

Quando a seca nos prova, é triste teste,  
Eu bem sei que a coisa não é boa,  
Porém quando o Bom Deus nos abençoa  
Com a chuva que vai de leste a oeste,  
Fica bem mais feliz todo o Nordeste  
E o homem a terra vai arar,  
E em seguida à aragem vai plantar  
Pra depois ir colher, mas que beleza!  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

É assim, de maneira bem sutil  
Que retrato o Nordeste em que eu vivo,  
Pois a este lugar eu sou cativo  
E a nota que dou é nota mil.  
Uma parte gigante do Brasil  
Que devemos cuidar e preservar,  
O Nordeste pra sempre irei amar,  
E vou louvá-lo com minha singeleza,  
**Quem pensar que o Nordeste é só pobreza,  
Nunca veio aqui nos visitar.**

04

Figura 26– Cordel vencedor do concurso. Título: “Quem pensa que o nordeste é só pobreza nunca veio aqui nos visitar”  
autor: José Antônio da Silva Júnior, pseudônimo: Terlebibi, 11 anos.

### **4.3 Os conteúdos e/ou conhecimentos geográficos sobre o Nordeste nos cordéis**

É muito rica e diversificada a produção cultural de um povo; mas, no meio educacional, essa cultura, muitas vezes deixa de ser valorizada e explorada didaticamente. Ou seja, talvez o nosso maior problema seja a não valorização daquilo que temos. Isto demonstra que, para alguns professores, na maioria das vezes, é mais cômodo aceitar o que a mídia propõe do que explorar o que está em nosso dia-a-dia, enquanto que para outros, que são comprometidos com uma educação de qualidade, a luta é constante para superar as barreiras impostas tanto pela organização interna da escola, quanto pelos agentes externos, para utilizarem em suas situações didáticas metodologias inovadoras, não apenas ficando nas aulas expositivas, em que o aluno atua apenas como agente receptor de um conhecimento predeterminado.

Ao propormos a utilização do cordel como recurso didático-metodológico em sala de aula, pretendemos oferecer ao professor uma alternativa de recurso que lhe poderá ajudar no preenchimento de lacunas e no enfrentamento de dificuldades impostas pela resumida oferta de recursos didáticos disponíveis no sistema educacional, em especial, na disciplina Geografia, nas escolas de educação básica, facilitando assim, o processo de ensino-aprendizagem. A utilização do cordel na contextualização dos conteúdos geográficos sobre a região nordeste, aqui delimitado como recorte espacial, objetiva facilitar a aprendizagem, explorando a produção textual, a leitura, a escrita, a linguagem não verbal (na análise da xilogravura), apreciação artístico-literária e um universo capaz de promover a socialização e a cidadania, principalmente, no campo da Geografia. Apresentar o cordel como um recurso didático-pedagógico em que os professores terão subsídios didáticos para trabalhar vários tipos de conteúdos, pois estes podem ser adaptados aos objetivos que forem traçados. Ao mesmo tempo é uma oportunidade para que este ramo da literatura popular tenha uma chance de aceitação e valorização; fazendo despertar entre as pessoas o gosto pela preservação dos nossos artistas e da cultura nordestina nas escolas.

Passamos, a partir desse ponto, a destacar os cordéis analisados na sua totalidade ou em partes, que demonstrem possibilidades de utilização na contextualização de conteúdos geográficos da região Nordeste, possíveis de serem trabalhados em situações didáticas nas salas de aula da educação básica. Não é pretensão nossa indicar fórmulas acabadas e/ou metodologias as serem aplicadas; mas oferecer ao leitor uma alternativa didático-pedagógica que possa ser adaptada às mais variadas situações de ensino-aprendizagem.

Destacamos nos cordéis os conteúdos geográficos objetivando incentivar os educadores à diversificar a abordagem dos conteúdos geográficos, partindo de uma situação de identificação do conteúdo geográfico com o educando, podendo ser um texto, um cordel, uma poesia, uma xilogravura, ou até mesmo um conto, que possa efetivamente ser compreendido e assimilado pelo educando como algo que faça parte do seu cotidiano ou de seu conhecimento pré-existente.

O primeiro cordel que analisaremos denomina-se “Região Nordeste! de Gilvânio Correia de Oliveira. Itanhem – BA. s/d.

### **Região Nordeste**

Do meio-norte ao agreste  
Da zona da mata ao sertão  
Essas subdivisões  
Formam a minha região.

Formada por nove estados  
Digo com imensa alegria  
O Maranhão, lá no norte  
E ao sul, a nossa Bahia.

Limitando-se com o Maranhão  
Temos o estado do Piauí  
Seguido pelo Ceará  
De Chico Anísio e Didi.

E o Rio Grande do Norte  
Ao lado do Ceará,  
Tendo a Paraíba ao sul  
Com Pernambuco a limitar.

Tem o pequeno Sergipe  
Ao sul de Alagoas  
Em todos, a vida persiste  
Povoados por gentes boas.

A chapada das Mangabeiras  
Situada nessa região  
Com 804 metros  
É orgulho do Maranhão.

Sua capital é São Luís  
Em 1912 foi fundado.  
Se orgulha do Rio Tocantins  
E de um povo animado.

Como esquecer do Piauí!  
De bandeira verde-amarela  
Com sua estrela branca  
De Serra Grande tão bela.

Seus terrenos arenosos  
Próximos ao litoral  
Ao centro, vários rios  
Paranaíba e São Nicolau.

O Estado do Ceará  
De capital Fortaleza  
Mostrando que cultura  
É sinônimo de riqueza.

Ao norte, Jericoacoara;  
Ao sul, Juazeiro do Norte,  
Do padim pade ciço  
E povo de fé e sorte.

De planícies litorâneas  
Rio Grande do Norte está ali.  
Com a Serra do Coqueiro  
De rios Mossoró e Apodi.

O Porto Paramirim  
De transporte naval  
Situado em Natal  
Sua exuberante Capital.

O Estado da Paraíba  
Também nome de rio  
Com os mangues do litoral  
Enriquecendo este Brasil.

Lá o Sol nasce primeiro  
Na praia da Ponta do Seixas  
É o ponto extremo-leste  
América do Sul não se queixa.

O Estado de Pernambuco  
Localizado no centro-leste,  
Tem zona da mata e caatinga  
Sertão e também agreste.

O Estado de Alagoas  
Situado no meio-sul,  
Tem a Serra Santa Cruz  
É banhado por Mundaú.

O Estado de Sergipe  
Por cinco rios é banhado.  
Cada um está na bandeira  
Por uma estrela representado.

Banhado pelo “Velho Chico”  
Também por Vaza-Barris  
Fazendo dos sergipanos  
Um povo muito feliz.

O Estado da Bahia  
De Jorge Amado e Caetano  
Foi uma das Capitânicas  
É hospitaleiro o povo baiano.

Salvador foi capital do país  
 Hoje, só do estado.  
 Tem o elevador Lacerda  
 Cartão-Postal do Estado.

Na moqueca: o peixe é brasileiro  
 O dendê veio da África,  
 Mas a técnica é portuguesa,  
 E a cebola é asiática.

De Chapada Diamantina  
 E Rio Paraguaçu  
 Tem a cidade de Itanhém,  
 Localizada no extremo-sul.

Itanhém é pedra oca  
 Na língua Tupi-Guarani.  
 Tem o Rio Água Preta  
 Feliz poetizei aqui.

Falei alegremente  
 Da minha região  
 De mangues e litorais  
 Orgulho da nação.

Com seus nove estados  
 Num deles surgiu o Brasil.  
 Que diziam ser descoberto,  
 Mas que alguém nos invadiu.

Sou feliz por ser brasileiro  
 Não sei o meu destino.  
 Não tenho vergonha de habitar  
 Em território nordestino.

Em toda parte do mundo  
 Há progressos e dificuldades  
 O Nordeste tem riquezas  
 Em suas diversidades.

Sua cultura é riquíssima  
 Música, Folclores e Literatura,  
 É um povo inteligente  
 No artesanato e na pintura.<sup>28</sup>

Sob a ótica geográfica o cordel acima nos fornece elementos sobre a região Nordeste, que dificilmente poderiam ser encontrados nos livros didáticos. Entretanto, no cordel, além de estarem presentes elementos que caracterizam a região Nordeste de forma geral, tais como: limites, divisão política, regionalização, aspectos físicos, econômicos, culturais e sociais. Também traz elementos peculiares, que ajudam a entender melhor a região e suas subdivisões. À medida que o cordel destaca elementos da paisagem, tais como: relevo, hidrografia,

---

<sup>28</sup> Endereço eletrônico: [itanhemninja@hotmail.com](mailto:itanhemninja@hotmail.com)

ocupação territorial, manifestações culturais, entre outros, fazendo a correlação com cada estado de forma específica, ajuda o educando a contextualizar esses conceitos geográficos uma vez que estes recursos lhes permitem a associação entre conteúdos trabalhados e espaço vivido. Essa identificação com seu território, associada à relação de pertencimento, poderá facilitar o processo de ensino aprendizagem. Não podemos esquecer que esse conteúdo geográfico geralmente, é trabalhado na 6ª série / 7º Ano do ensino fundamental, em uma faixa etária em que o educando depara-se com a necessidade de aplicar os conceitos geográficos básicos, vivenciados na série/ ano anterior. Portanto, já estará formando uma consciência crítico-reflexiva no processo de construção do conhecimento.

No ensino médio, esses mesmos elementos poderão ajudar os educandos a entender melhor a região Nordeste em abordagem geoeconômica, diferenciando-a da abordagem geopolítica.

O segundo cordel a ser analisado denomina-se “ABC do Nordeste Flagelado”. De autoria de Antônio Gonçalves da Silva, dito Patativa do Assaré, s/d

ABC do Nordeste Flagelado( Patativa do Assaré)

Lamento desconsolado  
o coitado camponês  
porque tanto esforço fez,  
mas não lucrou seu roçado.  
Num banco velho, sentado,  
olhando o filho inocente  
e a mulher bem paciente,  
cozinha lá no fogão  
o derradeiro feijão  
que ele guardou pra semente.

Minha boa companheira,  
diz ele, vamos embora,  
e depressa, sem demora  
vende a sua cartucheira.  
Vende a faca, a roçadeira,  
machado, foice e facão;  
vende a pobre habitação,  
galinha, cabra e suíno  
e viajam sem destino  
em cima de um caminhão.

Naquele duro transporte  
sai aquela pobre gente,  
agüentando paciente  
o rigor da triste sorte.  
Levando a saudade forte

de seu povo e seu lugar,  
sem um nem outro falar,  
vão pensando em sua vida,  
deixando a terra querida,  
para nunca mais voltar.<sup>29</sup>

Nos trechos selecionados do cordel “ABC do Nordeste flagelado, de autoria de Patativa do Assaré, é possível identificar elementos que possibilitam ao professor, trabalhar do ponto de vista geográfico, o fenômeno da seca, o modo de produção do trabalhador rural e sua dependência das condições climáticas, bem como, o fenômeno dos movimentos migratórios, em especial o êxodo rural e regional, possibilitando, também subsidiar a discussão sobre a formação e evolução da população tanto do Nordeste, quanto do país.

O terceiro cordel que analisaremos denomina-se “Plantas da caatinga”. Autor: Ernando Carvalho. Recife, Dezembro/2006.

#### Plantas da Caatinga (Ernando Carvalho)

De plantas da caatinga  
Neste cordel falarei  
Para dar conhecimento  
Daquilo que pesquisei  
Nos livros de ecologia  
Sobre os quais me debrucei

Mas eu também vou falar  
Com muita satisfação  
È dos nomes que aprendi  
Conversando no sertão  
Com o povo sertanejo  
Que tem pouca instrução

Embora sem ser doutor  
Ele tem sabedoria  
Aprendida com os velhos  
Na lida do dia-a-dia

Pois este conhecimento  
É de muita serventia

A caatinga é um bioma  
Próprio do meu sertão  
Possuindo rica flora  
Resistente à sequidão  
Que castiga todo ano  
Essa pobre região



Figura 27– Capa do cordel “Plantas da caatinga”. Autor: Ernando Carvalho. Recife, Dezembro/2006.

<sup>29</sup> Três estrofes retiradas do cordel “ABC do Nordeste Flagelado” composto por 23 estrofes. O autor — Antônio Gonçalves da Silva, dito Patativa do Assaré, nasceu a 5 de março de 1909 na Serra de Santana, pequena propriedade rural, no município de Assaré, no Sul do Ceará.

Bioma vou lhe dizer  
De modo simplificado  
Compreende os seres vivos  
De um espaço limitado  
Abarcando planta e bicho  
E todo ser animado

Essa palavra caatinga  
Conforme vou lhe explicar  
Tem raiz na língua indígena  
Querendo significar  
A mata ou floresta branca  
Eu posso lhe assegurar

Todo sertão tem caatinga  
Formando a vegetação  
Que sobe desenvolver  
Processo de adaptação  
Pra resistir ao calor  
Do mais temido verão  
Nossa caatinga se estende  
Formando um vasto mundão  
Por quase todo Nordeste  
Exceto no Maranhão  
Nas terras quentes e secas  
Da região do sertão

A caatinga tem belezas  
E riquezas naturais  
Que aquele que não conhece  
Não imagina jamais  
Que seus animais e plantas  
São seres especiais

As plantas lá da caatinga  
São de grande utilidade  
Para quem mora no campo  
Ou que vive na cidade  
Porque delas fazem uso  
Pra sua comodidade

Servem para cercar mangas  
(Pra prender a criação)  
Fornecem boa madeira  
(Para armar a construção)  
E cozinhar comida  
Com lenha ou feito carvão

Se fazem boas estacas  
Com madeira do pereiro  
Ripas pra cobrir telhados  
Extraídas do facheiro  
E varas pra fazer cercas  
Tiradas do marmeleiro  
Panta de todo tamanho

Pequena, grande, rasteira,  
 Erva pra fazer meizinha  
 E tronco para fogueira  
 A caatinga lhe fornece  
 Todas elas de primeira

Uma curta relação  
 Feita agora, de momento.  
 Com nomes de algumas plantas  
 Da caatinga lhe apresento  
 Completando o meu cordel  
 E pra seu conhecimento.

Angico, pau-d'arco-roxo,  
 Macambira, juazeiro,  
 Aroeira, Barriguda,  
 Bananinha, marmeleiro,  
 Imburana de cambão,  
 Papaconha e imbuzeiro.

Braúna, mandacaru,  
 Murta, mucunã, quipá,  
 Freijorge, jurema-branca,  
 Catingueira, manacá,  
 Croata, jurema-preta,  
 Macambira e caroá

Oiticica, mulungu,  
 Pereiro, cedro, jucá,  
 Pinhão bravo, Mororó,  
 Feijão-bravo, jatobá,  
 Aveloz, tipi, tingui,  
 Ingazeira e trapíá.  
 Quina-quina, xiquexique,  
 Catolezeiro, facheiro,  
 Canafístula, cipó,  
 Quebra-faca, faveleiro,  
 Coroa-de-frade, iço,  
 Ouricuri e espinheiro.

No sertão não se conhece  
 Outono nem primavera  
 Se chove se diz inverno  
 E dele muito se espera  
 Mas quando não se tem chuva  
 O verão é a besta fera

No verão sofrem as plantas  
 Debaixo de sol feroz  
 E somente algumas delas  
 Entre as quais o aveloz  
 E também o juazeiro  
 Suportam a seca atroz

No tempo de grande seca  
De verão impiedoso  
Os seres vivos padecem  
Num sofrimento penoso  
E a caatinga ressecada  
Tem aspecto tenebroso

A terra seca, estéril,  
Esturricada, rachada,  
Os animais e as plantas  
Com a saúde abalada.  
Mostram o triste cenário  
De uma terra devastada

Os animais da caatinga  
Na seca sofrem também  
Pois o pasto vira palha  
Água pra beber não tem  
E depois de poucos dias  
Muitos se vão pro além

Mas nessa luta constante  
Entre viver e morrer  
A caatinga desenvolve  
Um modo eficaz de ser  
Que apesar do sofrimento  
Consegue sobreviver

Pra se defender da seca  
Do sol quente do verão  
A caatinga sertaneja  
Sabidamente lança mão  
Daquilo que a natureza  
Ensinou como lição

Perdendo sua folhagem  
E seu verde exuberante  
Se veste de cinza-escuro  
Neste jogo cambiante  
Pra se proteger assim  
Da luz do sol escaldante

É para dificultar  
A grande evaporação  
Que ocorre todo ano  
Durante o quente verão  
Que nas plantas se produz  
A dita transformação

No tempo de bom inverno  
Quando chove no sertão  
Os animais da caatinga  
Tem farta alimentação  
Comendo soltos no campo  
Longe da confinção

Com as primeiras chuvas  
 Chamadas de trovoadas  
 As ervas e os arbustos  
 E plantas avantajadas  
 Refazem seu manto verde  
 Como se ressuscitadas

Muitas outras planta tem  
 A caatinga do sertão  
 Que não deu para botar  
 Nesta minha relação  
 Mais outra publicarei  
 Se houver ocasião

Ao terminar meu cordel  
 Eu quero denunciar  
 A grande devastação  
 Que se pode constatar  
 Na caatinga sertaneja  
 Sem ninguém a protestar  
 Muita planta centenária  
 Está virando carvão  
 Ante os olhos dos governos  
 Que nunca dão solução  
 Se tornando coniventes  
 Com essa devastação

Este cordel, que descreve com riqueza de detalhes a vegetação do Nordeste e sua relação com o clima, poderá ser útil tanto para subsidiar situações didáticas nas aulas de Geografia, quanto de Biologia (ensino médio) ou Ciências (ensino fundamental). Entretanto, como o foco desta pesquisa é revelar conteúdos geográficos, podemos destacar elementos que ajudam na compreensão e entendimento de conteúdos como: relevo, biomas, domínios morfoclimáticos, características da vegetação (caatinga, fauna e flora), uso e ocupação da terra, atividades exploratórias e extrativistas (aspectos econômicos) da região Nordeste. Ao abordar em uma linguagem simples e aproximar o conteúdo do espaço vivido cotidianamente pelo aluno da região, torna-se um meio de contextualizar esses conteúdos em sala de aula.

Como exemplos de sugestões didáticas podemos sugerir que o professor de Geografia solicite aos alunos, que realizem uma pesquisa encontrando significado das palavras-chaves contidas no cordel; pesquisar o nome científico da vegetação aqui citada na linguagem popular, aproximando dessa forma o conhecimento científico do saber popular; listar as plantas conhecidas por eles, presentes no seu meio e no entorno.

O quarto cordel que analisaremos denomina-se “A Saga de Conselheiro nos Sertões” e foi escrito por Gustavo Dourado, s/d.

A Saga de Conselheiro nos Sertões (Gustavo Dourado)

Retorno ao longo do tempo  
Para poder recordar  
Dos Sertões de Conselheiro  
Com Euclides a narrar  
A Epopéia de Canudos  
Vou aqui rememorar ...

Mestre Euclides da Cunha  
Jornalista e engenheiro  
Escritor de obra-prima  
E lida no mundo inteiro...  
Os Sertões é grande clássico  
Do pensamento brasileiro...

Euclides era rigoroso  
Na elaboração textual  
Militar e engenheiro  
Jornalista social  
Da epopéia de Canudos:  
Fez registro magistral...

O levante popular  
De Antônio Conselheiro  
Deu-se pelo descaso  
Do Governo Brasiliro.  
Ignorância e miséria:  
Tomam conta do terreiro...

Chacina sem precedentes  
Sob comando estatal...  
Todo um povo massacrado  
Pela República tão brutal...  
Por uma elite opressora  
Corrupta e anti-social ...

O massacre de Canudos  
Retratou com evidência  
O Estado que assassina...  
Desgoverno sem consciência...  
Os canhões contra os civis:  
É barbárie e truculência...

Os Sertões é obra-prima:  
Monumento nacional...  
Retrata um episódio  
Histórico e crucial...  
O Estado contra o Povo:  
Um escândalo sem igual...

A batalha foi sangrenta  
O povo contra o poder  
A República sanguinária  
Fez a História perverter  
Botou fogo e jogou água  
Para o crime esconder...

Gemem as almas das crianças  
No local abandonado...  
Velhos e moribundos  
Todos vítimas do Estado  
Deu-se o bárbaro Holocausto  
De um povo martirizado...

Ré...República criminosa  
Hecatombe no Sertão...  
Milhares exterminados  
Pelas mãos da repressão  
Do Estado que tortura  
E castra a Revolução...

Continua o mesmo drama  
No Brasil de Sul a Norte  
A miséria em todo canto  
Exploração em grande porte  
Fome, morte, espoliação:  
Paus-de-arara no transporte...

Sertanejo sempre bravo  
Corajoso...combatente...  
Enfrentou com garra e fé  
O veneno da \$erpente  
O Estado autoritário  
Que massacra a sua gente...

Canudos é um exemplo  
De um povo bem valente  
Forte por natureza...  
Sempre foi um resistente  
Contra as agruras da vida:  
De uma elite que só... mente...

O Estado tudo fez  
Para a História esconder...  
Inundaram o local  
Para o fato perecer  
Mas a seca de repente:  
Faz tudo aparecer...

Os massacres continuam  
Contra o povo sofredor  
Um povo que não se curva  
À miséria e a dor.. .

Que quer novo Coneselho:  
 Para ser seu Redentor...  
 Povo que não quer esmola  
 Quer saúde e educação  
 Quer crédito para o plantio  
 De arroz, milho e feijão...  
 É um povo que só recebe:  
 Imposto, fome, exploração...

Um povo que não se verga  
 À tirania do Estado...  
 Que vive no sofrimento  
 Faminto e espoliado:  
 Um povo que não agüenta:  
 A mísera vida de gado...

É um povo sonhador  
 Que quer o essencial  
 Terra, amor, casa e comida  
 Emprego e vida normal ...  
 Que quer paz e equilíbrio  
 Sem miséria no quintal...

A Insurreição Sertaneja  
 Em Os Sertões é retratada  
 Tudo está tão desigual  
 Sofrimento na jornada...  
 Um povo que passa fome  
 Sem escola, sem mais nada...

Euclides ecoou o Grito...  
 Do sertanejo, o degredo  
 Resgate-se nossa História  
 Desenrole-se o enredo...  
 Enalteça-se o Conselheiro:  
 Um brasileiro sem medo...

Os Sertões e sua gente  
 Euclides nos demonstrou  
 "O sertanejo é um forte"  
 O mestre salientou...  
 Foi além do científico:  
 Ao sertanejo: humanizou...

Mandacarus, xiquexiques...  
 Gravatás, surucucu...  
 Cactáceas e xerófitas  
 Cascavel, jaracuçu...  
 Cabeças de frade ao vento:  
 As sombras dos pés de Umbú...

O vaqueiro na paisagem  
 Na caatinga: imperador...  
 Espora e gibão de couro  
 Gigante desbrava-a-dor

No sertão tem seu destaque:  
Nos versos do cantador...

Crianças abandonadas  
Sertanejos destemidos...  
O Estado sempre ausente  
Naqueles mundos perdidos...  
Um homem a resistir:  
Lá nos sertões esquecidos...

Tudo continua igual  
Pelas bandas do Sertão. ..  
O Povo a passar fome:  
Não recebe educação...  
Na espreita os Conselheiros:  
Pra nova rebelião...<sup>30</sup>

O cordel em análise nos revela uma visão crítica da história oficial de Antônio Conselheiro e sua atuação na Guerra de Canudos. Diferentemente do que é divulgado nos documentos oficiais, Antônio Conselheiro, na visão do cordelista não é o marginal descrito pela história oficial. No citado cordel, o povoado de Canudos nada mais foi do que uma forma de associação de pessoas desprovidas de qualquer meio de subsistência, que encontraram na solidariedade e organização coletiva uma forma alternativa para enfrentar as dificuldades impostas tanto pelas condições naturais adversas, quanto pelo domínio exercido pelos coronéis e governantes. Vista por essa ótica Canudos não foi nada mais do que um exemplo de resistência do povo oprimido por uma condição socioeconômica perversa a eles imposta.

Dessa forma, Antônio Conselheiro apresenta-se como herói para uns e bandido para outros, pelo fato de ter tornado-se um líder nordestino como tantos outros, a exemplo de Virgulino Ferreira (Lampião). Este enfoque permite ao educador abordar assuntos relativos à região Nordeste, tais como: coronelismo, estrutura fundiária, concentração de renda e relação de poder entre o povo trabalhador e a elite dominante.

Dando sequência analisaremos o cordel denominado "O sertão de alma lavada" que foi escrito por Abdias Campos, s/d, 2ª ed. Recife/PE

---

<sup>30</sup> Cordel "A Saga de Conselheiro nos Sertões" de Gustavo Dourado, disponível *online* em: <http://www.gustavodourado.com.br/cordel/A%20Saga%20de%20Conselheiro%20nos%20Sert%F5es.htm>

## O SERTÃO DE ALMA LAVADA

Abdias Campos

Meu coração se encheu  
De motivada alegria  
Porque Deus me ofereceu  
O norte da poesia  
Encaminhou-me a cantar  
As coisas do meu lugar  
Este sertão altaneiro  
Pedaço do meu Brasil  
Onde o Nordeste pariu  
A verve do violeiro

O sertão em carne e osso  
De alma lavada vem  
Tapar a boca do fosso  
Que mal lhe falava sem  
Dar ouvido a esta voz

Da terra do avelós  
Que tanta beleza canta  
E em seu mais belo papel  
O poeta de cordel  
O seu tempo decanta

## OS BICHOS

Faz a formiga-de-roça  
Uma trilha pra passar  
Não tem barreira que possa  
A ela interceptar  
Picota a palha do milho  
Num imaginário trilho  
Desce o buraco da grei  
Levando alimentação  
É assim todo verão  
Digo porque observei

Canta o poeta a natura  
Do sertão em cantoria  
Numa mesma partitura  
A serenata da jia  
Chamando o sapo à lagoa  
Veja só que coisa boa  
Que rito mais refrescante!  
Esses bichos do sertão  
Fazem para o coração  
Sob o luar deslumbrante



Figura 28 - Capa do cordel "O sertão de alma lavada" (Abdias Campos)  
Xilogravura de Mestre Dila

O preá cruza o caminho  
 Pra se esconder no capim  
 Enquanto dorme sozinho  
 O pequeno guaxinim  
 A seriema elegante  
 Não vê um lugar distante  
 Que ela não possa alcançar  
 Metido no matagal  
 Encontra-se o bacurau  
 Que à noite sai pra caçar

Juriti, xexéu, nambu  
 Aves do céu do sertão  
 Cutia, peba, tatu  
 Os que vivem pelo chão  
 Do riquíssimo celeiro  
 Desse solo brasileiro  
 Que alguém fala sem saber  
 Que só há dor, sofrimento  
 Porque nunca viu o vento  
 Batendo no muçambê

Fogo – pagou, a rolinha  
 Arrulhando ao sol nascer  
 Às vezes anda sozinha  
 Ciscando para comer  
 O salta-caminho vai  
 Buscando o que lhe atrai  
 A cada pulo que dá  
 E arribação à tardinha  
 Pousa numa capelinha  
 Para poder descansar

A cigarra ao meio-dia  
 Aguça o canto que tem  
 Se contrapondo à poesia  
 Do ritmado vem-vem  
 O anum-preto dolente  
 Dá um grito diferente  
 De dor ou felicidade  
 Procurando companhia  
 A que lhe traga alegria  
 E que lhe leve a saudade

Andando a pé no sertão  
 Ouve-se o sertão cantar  
 Canta o pássaro carão  
 O gavião, carcará  
 E o galo-de-campina  
 Que a crista vermelha inclina  
 Olhando pra todo lado  
 Pois ele tem certeza  
 Que por conta da beleza  
 Vive sendo observado

O ferreiro quando canta  
 Acorda a caatinga inteira  
 Nenhum pássaro suplanta  
 Sua garganta guerreira  
 Uma corneta afinada  
 Que deixa a mata acordada  
 Com seus gritos estridentes  
 Mostrando que a cantoria  
 No sertão tem harmonia  
 De acordes diferentes

### **AS PESSOAS**

Eita parcela de gente  
 Do contingente de Deus  
 Arremessando contente  
 Os melhores versos seus  
 Em diferentes estilos  
 Ninguém poderá medi-los  
 Em sua profundidade  
 Pois tal qual um cacimbão  
 Eles têm no coração  
 Águas da fertilidade

Fazendeiro truculento  
 Não resiste à poesia  
 Em algum dado momento  
 Ao ouvi-la se arrepiava  
 Algum chora comovido  
 Como que arrependido  
 Dobra-se ao dom de Deus  
 Pra que a vida não lhe fuja  
 Ele lava a parte suja  
 Com os mandamentos Seus

De manhã o camponês  
 Vai ao curral tirar leite  
 Escolhe a primeira rês  
 Para o seu próprio deleite  
 Assovia uma cantiga  
 Lança a sua mão amiga  
 No peito da vaca e traz  
 Produto e matéria-prima  
 Independente do clima  
 É assim que o Sertão faz

Depois que volta da feira  
 Numa panela de barro  
 A cabocla cozinheira  
 Vendo que chegou um carro  
 Aumenta mais o feijão  
 Do arroz, outra porção  
 E com guisado de bode  
 Quem ali se achegar  
 Só sai depois que almoçar  
 Sem se alimentar não pode

O roceiro acostumado  
A madrugar todo dia  
Já se levanta abraçado  
Com a ferramentaria  
Bota o machado na mão  
E na cintura um facão  
Nas costas leva a enxada  
Em mais um dia de luta  
Ele pega a terra bruta  
Depois a deixa lavrada

A cabocla abre a porteira  
Trazendo uma lata d'água  
Vem ainda mais faceira  
Num tem besteira nem mágoa  
Pela porta da cozinha  
Entra aquela caboclinha  
Ofegante, esbaforida  
Mas não reclama, ela sabe  
Que noutro canto não cabe  
A qualidade de vida

Num grupo escolar rural  
A professora se anima  
Quando vê o pessoal  
Já escrevendo com rima  
O dom que essa gente tem  
Retrata a cultura bem  
Desde o seu primeiro passo  
Laço artístico inconteste  
Que na poesia agreste  
Arde em seu próprio mormaço

Trabalhador alugado  
A serviço do patrão  
Vai fazer novo roçado  
Esforçando a sua mão  
Broca a caatinga na serra  
E tira as pedras da terra  
Deixa a terra pra plantar  
É assim que ele faz  
Porque Deus lhe fez capaz  
De na terra trabalhar

Na primeira trovoada  
O feliz agricultor  
Por conta da invernada  
Prepara o cultivador  
O filho mais novo vai  
Ser ajudante do pai  
Puxando o boi no cultivo  
Depois da terra virada  
Ele a deixa semeada  
Assim trabalha o nativo

Cada um desses mantém  
 O costume salutar  
 De reunir-se também  
 Para poder prostrar  
 No velho balcão da venda  
 No terreiro da fazenda  
 Num dia de cantoria  
 Dizem prosas, dão risadas  
 Em noites enluaradas  
 Propícias à poesia<sup>31</sup>

Durante muito tempo, podemos dizer até que nos dias atuais, prevalece uma concepção do Nordeste como sendo uma região caracterizada pelo sofrimento, fome, miséria, seca e condições adversas. No entanto, esse estereótipo vem sendo combatido à medida que reais informações sobre o Nordeste e o modo de vida do seu povo vêm sendo divulgado. O cordel citado demonstra que o Nordeste é uma região rica em cultura, que preserva suas tradições e que vem conseguindo se desenvolver, vencendo as adversidades da natureza, característica marcante dessa região.

O cordel foi e é uma forma de contestar essa imagem distorcida do Nordeste, pois, além de contar histórias ligadas ao sofrimento do povo nordestino, também, divulga e valoriza nosso modo de viver e enaltece as belezas naturais características da região, bem como valoriza a condição endêmica do bioma da caatinga. Ao descrever com riqueza de detalhes o modo de vida do nordestino, o cordel destaca aspectos do cotidiano, o respeito às tradições e a forma com que o nordestino desenvolve suas relações socioeconômicas.

Dando sequência analisaremos o cordel denominado “Paulo Freire” de autoria do cordelista Miruh deh Olinda, s/d.

---

<sup>31</sup> Cordel “O sertão de alma lavada” de autoria do cordelista Abdias Campos, com ilustrações de Mestre Dila, s/d. Utilizado na íntegra.

**PAULO FREIRE**

Autor: Miruh deh Olinda

“Vovô viu a uva”  
 Da ditadura à lição,  
 Um método alienante  
 De alfabetização,  
 Eu era alfabetizador  
 E participei da ação.

Então, eu não conhecia  
 Paulo Freire, um exilado,  
 Um cientista importante,  
 Teve seu método aprovado.  
 Lá pelos anos setenta  
 É que foi lisonjeado.

Todo o planeta aprovou,  
 Enquanto aqui no Brasil  
 A imprensa proibida  
 De então, se preveniu;  
 Falava apenas da face  
 Da “uva que vovô viu”.

Seu pai era Joaquim Freire,  
 No ano que ele morreu  
 Paulo tinha treze anos,  
 Triste sofrimento o seu,  
 Conheço até a casinha  
 Que Paulo Freire nasceu.

Setecentos e vinte e quatro,  
 Estrada do encanamento,  
 Bairro de Casa Amarela.  
 Paulo Freire é um exemplo  
 Do ano de vinte e um,  
 Dezenove de setembro.

Sua mãe, dona Edeltrudes  
 Freire muito lutou  
 Para criar seus quatro filhos  
 Lutou muito e sustentou.  
 Com toda luta, leitor,  
 Paulo Freire se formou.

Certo dia, eu perguntei,  
 Quem lhe deu inspiração  
 Para ensinar a esse povo  
 Sua alfabetização?  
 Ele falou, giz de pau,  
 O quadro-negro era o chão,



Figura 29 - Capa do cordel "Paulo Freire"  
 (Miruh deh Olinda)

No quintal da minha casa  
Eu fui alfabetizado  
Lá na sombra das mangueiras,  
Ali eu fui ensinado  
Por pessoas do meu mundo,  
Não foi por homens formados.

Ele assim me respondeu,  
Mestre! Antes de ensinar  
O educador precisa  
A região pesquisar  
Pra ver quem é a pessoa  
Que vai alfabetizar.

Em parte da minha infância  
A fome nos afligiu,  
Ainda na adolescência  
A fome nos perseguiu,  
Da classe da gente pobre  
A fome nunca fugiu.

Depois de alfabetizado  
Fiz a continuação,  
Aluísio de Araújo,  
Diretor da região,  
Do Colégio Oswaldo Cruz  
Procurou me dar a mão.

Com o apoio desse homem,  
Em magistério formado  
Fui logo pra faculdade,  
Me formei advogado,  
Mas, da carreira jurídica  
Tive nenhum resultado.

O alfabetizando vive  
Concreta realidade  
Que o alfabetizador  
Reconhecendo a verdade,  
O tornará consciente  
À sua historicidade.

Não fuja desta questão,  
Quem ensina ao trabalhador  
Também aprende com ele,  
Seja você professor  
Ou mesmo um autodidata  
É alfabetizador.

Quando o homem aprende a ler  
Aprende a interpretar  
O que há em sua volta,  
Vai se conscientizar.  
Doravante a sua história  
Ele vai querer contar.

E é por isto, meu caro,  
Que certos politiqueiros  
Passaram cinquenta anos  
Dominando o seu chiqueiro,  
É como denominavam  
Eleitor interesseiro.

Foi revolucionário,  
Tudo que Paulo inventou  
Partiu da realidade  
De aluno a professor  
Para tornar cada aluno  
Mais um multiplicador.

Miguel Arraes de Alencar,  
O então governador  
Do Estado de Pernambuco  
Gentilmente autorizou  
A primeira experiência  
Que Freire experimentou.

Diziam que Paulo Freire  
Era um sujeito maluco,  
Porém, foi bem sucedido  
No Estado de Pernambuco,  
Ali, no setor de obras  
Foi sucesso absoluto.

João Goulart fez o programa  
De alfabetização  
A nível nacional  
Para todos cidadãos  
Com o método Paulo Freire  
Da cidade ao sertão.

Cinco milhões de pessoas  
Foram alfabetizadas.  
Logo, veio a ditadura,  
A ação foi condenada.  
Castelo mandou que fosse  
Toda luta cancelada.

Mesmo exilado no Chile,  
Paulo Freire trabalhou.  
No conselho mundial  
Da Suíça ministrou.  
E em todos continentes  
Trabalhou de consultor.

Mesmo cidadão do mundo  
 Ele esperou pela sorte  
 Para voltar ao Brasil,  
 Ele sentiu-se mais forte  
 Com a lei da Anistia,  
 No Brasil até a morte.

Vários prêmios, homenagens  
 De fundos nacionais,  
 Também recebeu lá fora  
 Prêmios internacionais,  
 Chegando a ser indicado  
 Ao prêmio Nobel da paz.

No ano noventa e setembro  
 A dois de maio faleceu,  
 Contudo, Freire venceu.  
 A uva que vovô viu,  
 Que Paulo Freire inventou  
 O mundo homenageou  
 Enquanto Freire dormiu.<sup>32</sup>

Um dos problemas crônicos da população brasileira, em especial da região Nordeste, é, sem dúvida, o analfabetismo. Levando-se em consideração ser esta uma condição que impede o desenvolvimento socioeconômico de uma determinada população, é possível utilizar o cordel citado, como exemplo de que o nordestino pode efetivamente entender seus problemas e desenvolver soluções que os resolvam e, até mesmo, possam ser utilizados em outras regiões, que apresentem os mesmos problemas.

O cordel enaltece o grande educador Paulo Freire, renomado defensor da educação de jovens e adultos, valorizando o conhecimento pré-existente e adequando a educação formal com seu conhecimento científico ao saber popular. Ao valorizar o legado cultural de um povo, Paulo Freire aponta caminhos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Bastante combatido pela elite dominante, especialmente durante o regime militar, Paulo Freire venceu os obstáculos a ele impostos e provou que o povo pode e deve ser alfabetizado com vistas a uma educação emancipadora e que permita ao educando tornar-se cidadão e exercer plenamente a sua condição de agente transformador do meio sociocultural no qual está inserido.

As considerações feitas no cordel poderão, efetivamente, ser adotadas nas aulas de Geografia para abordar a condição de atraso socioeconômico da região Nordeste, provocando

---

<sup>32</sup> O cordelista Miruh deh Olinda, fundou a Associação de Poetas e Artistas Populares do Nordeste, o cordel que levou seu nome ao arquivo da imprensa foi “A Cheia de Primeiro de Maio” citado no Diário de Pernambuco de 08/05/1977.

uma discussão sobre a semelhança entre a pobreza do homem rural e a condição de exclusão urbana da população dos grandes centros industrializados e concentradores de renda.

Na sequência, analisaremos o cordel “Um Brasil nascido no Nordeste” de autoria do cordelista Nerisvaldo Alves, s/d, Caruaru /PE.

### **UM BRASIL NASCIDO NO NORDESTE**

Nerisvaldo Alves

O território brasileiro  
Não me deixa confundido:  
26 são os estados,  
Para ser compreendido,  
Um distrito federal  
Meu país é bem legal,  
Segue assim bem dividido.

Cinco grandes regiões,  
Tem a nossa geografia,  
Tem a Norte e a Nordeste,  
Coisa linda, quem diria!  
Centro-Oeste, Sudeste  
E a Sul, mas a Nordeste  
É o cantinho da alegria

Cada grande região,  
Tem estado e município.  
Cada qual com sua história,  
Cada um com seu princípio,  
Da nordeste eu vou falar,  
Pois pretendo lhe encantar,  
Feito verbo em participio.

Dos 26 estados,  
Nove deles no Nordeste,  
A Bahia é o maior,  
No turismo muito investe  
De São Luiz a Salvador,  
Meu Nordeste tem valor,  
De alegria nos reveste.

Dos lençóis do Maranhão,  
Praias lindas em Fortaleza,  
Piauí, com sua história,  
Nos encanta com a beleza,  
E a Paraíba ainda ampara,  
O cheiro da realeza.

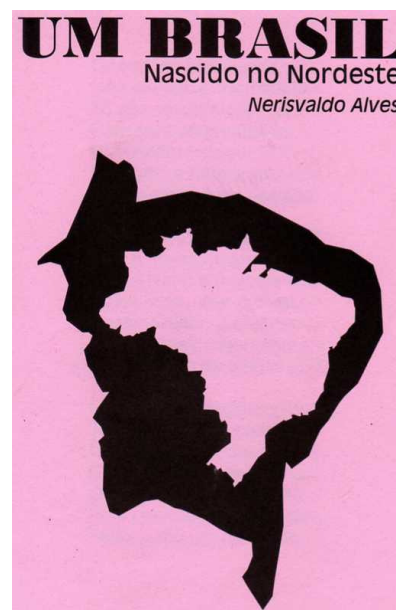


Figura 30 - Capa do cordel "Um Brasil nascido no Nordeste" (Nerisvaldo Alves)

Em Sergipe o oceano  
O São Francisco acolheu,  
Na Bahia o Pelourinho  
Castro Alves lá viveu,  
Alagoas tem o fumo,  
Pernambuco é o meu rumo  
E o Ceará também é meu.

Não podemos esquecer  
O Rio Grande do Norte  
Na extração de sal  
Para nós dá muita sorte.  
Muito mais posso falar  
Do Nordeste, o meu lugar,  
Pois é nele que sou forte.

Em várias localidades,  
Patrimônio cultural,  
Muitas delas trazem traços  
Do Nordeste original,  
Do popular ao barroco,  
Meu Nordeste traz um pouco  
Do Brasil Colonial.

Museus e antiguidades  
Para aos nossos instruir.  
Relatos da nossa história  
Pra com todos dividir.  
Do exposto à escravidão,  
Tendo em nossa região  
Não se deixa confundir.

Em Recife, Pernambuco,  
Os anos foram fiéis.  
Igrejas, museus e fortes,  
Cada qual com seus papéis.  
Da cultura registrada,  
Quatro séculos de estrada,  
Tem do centro ao convés.

Um povo sofrido e forte  
De batalha e de brasão,  
Vitorioso por natureza,  
Na conquista é campeão.  
Da vitória à convivência,  
Da revolta à convivência  
Meu Nordeste é meu torrão...

Tendo posses ou despídos,  
Pelo nosso interior,  
A nação dos nordestinos,  
Pra tudo dá seu valor.  
Com farinha ou com jabá,  
Caranguejo ou aruá,  
É de todo acolhedor.

É palco de muita fé,  
De milagre e penitência,  
De romeiro e oração,  
De promessa e vivência.  
Terra de frei Damião,  
Romaria e procissão  
No ato da obediência.

Nordeste que tem meizinha,  
Cartomante e rezadeira,  
Medicina popular,  
Curandeiro e parteira,  
Nordeste que tudo corta,  
Rico ou pobre não importa!  
Meu Nordeste é de primeira!

Caro amigo nordestino,  
Não queira ser barreirista,  
Preserve nosso rincão,  
Nosso orgulho e conquista.  
Esta beleza natural,  
É o que tem de especial,  
E nosso povo está na lista.

Povo de sinceridade,  
Mais forte que mulungu.  
Um povo que é doce e meigo,  
Feito mel de uruçú.  
Neste afirmo meu talento.  
Tive reconhecimento  
No SESC Caruaru.

Viajei pelo Nordeste,  
De sertão a litoral.  
Conheci lugares lindos  
E a diversidade cultural,  
Vestimenta e alimento,  
Gente que com talento  
Faz o mundo especial.

Vim parar em Pernambuco,  
Mas a vida não emperra.  
Na capital do forró,  
Minha viagem aqui encerra.  
Caruaru é a cidade,  
Digo com sinceridade  
Que o nordeste é minha terra!<sup>33</sup>

Este cordel nos fornece um leque imenso de possibilidades de utilização nas aulas de Geografia, para contextualizar a região Nordeste, pois traz no seu bojo uma grande quantidade

---

<sup>33</sup> Cordel “Um Brasil nascido no Nordeste” de autoria do cordelista Nerisvaldo Alves, arte-educador, poeta declamador, vice-presidente da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel. s/d.

de informações sobre o modo de vida, as belezas naturais, as manifestações culturais, as tradições, aspectos do relevo e da hidrografia, bem como traços preservados da influência aqui deixada pelo colonizador. Podendo assim, ser utilizado para contextualizar o processo de colonização regional e a importância que esta região teve para o colonizador europeu, que daqui retirou mais do que deixou.

Pretendemos, com a análise desses cordéis, oferecer ao leitor, seja ele educando ou educador, uma fonte de informações alternativas para a utilização do cordel como instrumento didático-pedagógico que possa facilitar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas de educação básica, na disciplina Geografia. Importante se faz esclarecer ao leitor que os cordéis selecionados e analisados são apenas uma amostra do material consultado como fonte bibliográfica para a presente pesquisa. Evidenciado que as possibilidades vão muito além do que foi aqui exposto.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Durante a realização desta pesquisa procuramos evidenciar as possibilidades da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico nas aulas de Geografia na educação básica. O fato de trabalharmos, no cotidiano, com alunos da Educação Básica e Superior, fez com que fosse percebido que o interesse do educando é despertado à medida que durante as situações didáticas que subsidiam as aulas de Geografia traz algo de novo, não no sentido de modernidade, mas no sentido de significados que possam, efetivamente, fazer o aporte entre o conhecimento científico, sistematizado nos conteúdos didáticos com o conhecimento informal do próprio educando.

Essa interligação entre o saber científico e o conhecimento popular, aproxima o educando e sua percepção de mundo dos conteúdos apresentados de forma sistemática, na disciplina Geografia. Ao introduzirmos situações didáticas embasadas no chamado conhecimento popular, promovemos situações inovadoras e dessa forma despertamos no educando um interesse no processo de construção do conhecimento, à medida que este se percebe parte atuante do processo de ensino-aprendizagem. Dentre estas situações inovadoras o cordel teve, em minhas experiências como professor de Geografia, uma grande aceitação por parte dos educandos. Entretanto, percebe-se que o cordel, atualmente vem conquistando espaço nas metodologias adotadas no Ensino Superior, mas não tem o mesmo reconhecimento no Ensino Fundamental e Médio. Dessa forma, objetivou-se, nessa pesquisa, investigar o porquê da não utilização do referido recurso didático por professores da Educação Básica, tendo em vista ser este uma das mais importantes formas de expressão da cultura popular, requisito essencial na contextualização do processo ensino-aprendizagem, em especial da disciplina Geografia, vem sendo deixado à margem deste processo por educadores, alunos e escola.

Os folhetos de cordel têm sua importância cultural e também educacional, é muito grande o número de pesquisadores nas ciências humanas que procuram utilizar a literatura de cordel como fonte de pesquisa em seus trabalhos. Se durante muito tempo, os folhetos de cordel serviram como “o jornal do povo”, como dizem alguns autores, que sob forma de poesia, atualizavam o povo acerca dos acontecimentos regionais e nacionais, além entreterem seu público leitor-ouvinte com histórias criativas e inventivas, hoje os folhetos de cordel circulam nas feiras, e vários locais tais como: universidades e escolas.

Neste trabalho, procuramos observar o viés educacional contido nos cordéis, que nos revelam que a educação vista através da visão dos poetas populares adquire outra dimensão,

estes discutem a educação sob o ponto de vista do conhecimento popular. Após a análise dos cordéis e a pesquisa de campo realizada junto a alunos, professores e cordelistas, bem como respaldados na opinião de renomados autores, consultados na pesquisa bibliográfica, podem constatar que o Cordel apresenta grandes possibilidades de ser utilizado como um recurso eficaz na contextualização dos conteúdos geográficos com o espaço vivido e percebido pelo educando.

A Literatura de Cordel contribui para a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos deveres e direitos dos cidadãos, de respeito à bem comum e à ordem democrática. Por natureza, é interdisciplinar; une música com a poesia, integra a praticidade das artes visuais e pode ser aplicada de forma satisfatória com os temas transversais. No entanto, é preciso que se faça um bom planejamento para aproveitar o que se tem de melhor dessa linguagem rica e expressiva.

Constatamos também que ao ser utilizado como ferramenta pedagógica, o cordel estimula a compreensão espacial pelo aluno, ensina-o a ter perspicácia na maneira de perceber as coisas, de ser um captador de detalhes e de se transformar num verdadeiro pesquisador e leitor de paisagens. Desenvolvendo a inteligência sonora e escrita o aluno é capaz de transformar textos em paródias; identificar tópicos geográficos em músicas; caracterizar e interpretar fenômenos naturais e sociais através do cordel.

Questões atuais, em discussão na mídia e na escola são retratadas de forma dinâmica e coerente, de maneira a aguçar a criticidade do leitor, entre eles: professores e alunos, que podem subsidiar situações didáticas para trabalhar os conteúdos geográficos de forma contextualizada e interdisciplinar.

Com base nos diversos autores consultados e nos cordéis analisados, foi possível avaliar como o cordel pode estar inserido no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, acreditamos ter alcançado os objetivos propostos no trabalho, visto que foi proporcionada uma maior reflexão sobre a utilização do cordel como um recurso alternativo na prática pedagógica e, principalmente, sobre o uso de novas metodologias que levam o aluno a construir seu próprio conhecimento. Nessa perspectiva destacamos a importância do papel do professor na condição de mediador entre a realidade e o saber, que surge como diferencial na atual sociedade. Além disso, nos propiciou perceber como tal recurso possibilita as práticas de interdisciplinaridade na ação docente. Nesse sentido, o uso da literatura de cordel no processo de ensino-aprendizagem de Geografia representa a inserção de ações pedagógicas voltadas à construção do conhecimento de forma crítica e atrelado à realidade.

Por manter sua tradição de literatura popular, o cordel hoje pode ser encontrado mais facilmente em redutos que preservam a cultura popular, entretanto, os referidos folhetos podem ser encontrados desde locais típicos como alguns mercados públicos como o Mercado de São José no Recife, em feiras, como a de Caruaru e em sebos (venda de livros usados), ou em espaços disponíveis para consulta, tais como bibliotecas e o Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, como também em livrarias e até mesmo na internet.

O Nordeste brasileiro é uma região de contrastes, onde as dificuldades de sobrevivência são inúmeras. Entretanto, também é solo fértil ao desenvolvimento artístico e intelectual. A necessidade de resgatar e preservar a história e a arte dos cordelistas tornou-se vital para a conservação do patrimônio imaterial do povo. O cordel como forma de expressão e comunicação de massa, enquanto instrumento didático-metodológico poderá desenvolver a conscientização para a preservação da tradição e da cultura nordestina através da educação. A escola tem um papel fundamental na formação sócio-cultural da sociedade na qual se encontra inserida.

O cordel tem mudado muito com o advento da multimídia, das novas tecnologias e da internet. Muitos autores de cordel na atualidade não são necessariamente nordestinos, pois o cordel é uma poesia universal, do Brasil e do Mundo. Autores, músicos e compositores tiveram na literatura de cordel, fontes para as suas pesquisas e desenvolvimentos de suas criações. Atualmente, artistas, pensadores, cordelistas e professores propõem uma verdadeira revolução na educação de maneira que se possam contemplar as especificidades locais. Um exemplo disso está no pensamento do cordelista Manoel Monteiro, de Campina Grande, que defende a introdução do cordel nas escolas como mecanismo de educação e valorização da cultura regional. No caso da geografia há um vasto conteúdo já publicado em cordel e que pode ser utilizados como recurso didático, temas de aulas de Geografia.

Não pretendemos, com este trabalho, esgotar a discussão acerca da importância da utilização do cordel em sala de aula, seja em Geografia ou em qualquer outra disciplina, importante mesmo é a conscientização de que ao fazer uso desse recurso, o professor e o aluno estarão, de forma direta, contribuindo para a preservação do patrimônio cultural de um povo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em Arte e Versos**. 1. ed. São Paulo, Acatu, 2008.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Um século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In. **Anais do XV Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo: AGB, 2008.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de saberes**. Tese (doutorado em educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. João Pessoa: UFPB, 2007.

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. 2ªed. tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas v. I. 7ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**, Obras Escolhidas v. III. 1ª ed. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRABANT, J. Crise da geografia, crise da escola. In. OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sobre Teias e Tramas de Aprender e Ensinar.** Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 26, 2001.

BRAY, S. C. Da técnica das palavras chaves à história do pensamento geográfico. In: **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**, v.I, 1999.

BRENNAND, E. G. G. Paulo Freire e a pedagogia do diálogo. In: BRENNAND, E. G. G. **O labirinto da educação popular.** João Pessoa: UFPB, 2003.

CAETANO, Maria do Rosário (org.). **O Nordeste no cinema brasileiro.** São Paulo: Avathar, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

CASCUDO, Luiz Câmara. **Vaqueiros e Cantadores.** Porto Alegre: Globo, 1939.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e Cantadores.** Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Edições de Ouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S/A, 1968.

\_\_\_\_\_. In: DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Literatura de Cordel.** Rio de Janeiro: FUNART, 1977.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CASTELLO, José, **João Cabral de Melo Neto: O homem sem alma & Diário de tudo.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** São Paulo: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. nº 02, 1990.

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor. 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ/ NEPEC, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995a.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. *Gêneros textuais e ensino*: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITTO, K. S. (Org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: FUNART, 1977.

FORQUIN, Jean-Claude. **Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais**. Teoria & Educação, Porto Alegre, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIROUX, H. **Escola crítica e política cultural.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Poetas e cantadores das viagens. In: **Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **Geografia da Modernidade.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HAAL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 9ª ed. São Paulo: DP & A, 2004.

\_\_\_\_\_. **A questão da identidade cultural.** Campinas: 1995. P.7-102 (Textos didáticos. Nº 18).

GOODSON, Ivor F. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. In: **Teoria e Educação**, nº 2, 1990.

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. In: HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2002.

HOBBSBAWM, Eric J. **1917 - Sobre a história.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

KELLY, Celso Otávio do Prado. **Escola nova para um tempo novo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE GOFF, J. (1924). **História e memória**. 5ª ed. Trad. Bernardo Leitão...[et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LESSA, Orígenes. **Getúlio Vargas na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora Documentários, 1973.

LINHARES, Temístocles. **Diálogo sobre a poesia brasileira**. Brasília: Melhoramentos – INL, 1976.

LOPES, Ribamar (Org. e notas). **Literatura de cordel – antologia**. Fortaleza: Banco do Nordeste S.A., 1982.

LUYTEN, J. M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é literatura popular**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LYRA, Pedro. **Conceito de Poesia**. São Paulo: Ática, 1986.

MACDOWELL, Lídia. A transformação da geografia cultural. In: SMITH, G.; GREGORY, D.; MARTIN, R. (Orgs). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MELO, Veríssimo de. Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, Ribamar. (Org.). **Literatura de Cordel: antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.

MEYER, Marlyse. **Literatura de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MITCHELL, D. **Não Existe Aquilo que Chamamos de Cultura: Para uma Reconceitualização da Idéia de Cultura em Geografia**. Espaço e Cultura, 2000a.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, B. J. de. Imaginário científico e a História da Educação. In: FONSECA, T. N. de L.; VEIGA, C. G. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PELOSO, Silvano. **O Canto e a Memória: história e utopia no imaginário brasileiro**. Trad.: Sônia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIZARRO, Ana. La emancipación del discurso. In: PIZARRO, Ana (Org.) **América Latina: palavra, literatura e cultura**. Vol. 02. Campinas: UNICAMP, 1994.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **Um guardião da utopia**. Rio de Janeiro: J.B., 1997.

SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta a sua História. In: **O Cordel: Testemunha da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

SAUER, Carl O. Geografia Cultural. In: CORRÊA. R. L.; ROSENDAHL. Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEEMANN, Jörn. Mapeando culturas e espaços: uma revisão para a geografia cultural no Brasil. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTTS, Alexandro (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

SILVA, Antônio Gonçalves da. (Patativa do Assaré). **Cante lá que eu canto cá, Filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Antologia Poética**. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

\_\_\_\_\_. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2001.

SLATER, Candace. **A vida no barbante**. A literatura de cordel no Brasil. Trad. Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira: O que é, como se faz**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

VESENTINI, J. W. (Org.) **O ensino da Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

VIANA, Arievaldo Lima. (Org.) **Acorda Cordel em Sala de Aula**. 2ª Edição, Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

XAVIER, Maria do Socorro Cardoso. **Tesouro redescoberto: a riqueza do folheto em verso**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Questionário aplicado com alunos da Escola Professora Elisa Coelho

Garanhuns, 06 de Agosto de 2009

Atividade de Pesquisa/Tema: O Cordel como instrumento didático no ensino de Geografia.

Questionário/Alunos (anterior à apresentação do cordelista e da oficina)

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

ESCOLA: \_\_\_\_\_

SÉRIE/ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ SEXO: \_\_\_\_\_

1 – Você já conhece a Literatura de Cordel?

SIM ( )                      NÃO ( )

1.1 - Em caso afirmativo, diga como e quando teve contato com a Literatura de Cordel.

---



---



---

2 – Você possui folhetos de Cordel em casa? Quantos?

---

3 – Lembra de algum folheto que já leu?

SIM ( )                      NÃO ( )

3.1 – Em caso afirmativo, qual o tema abordado?

---

4 – Algum parente ou amigo já leu folhetos em voz alta para você ouvir?

SIM ( )                      NÃO ( )

4.1 – Se isto já aconteceu o que você pensou sobre o que foi lido?

---

---

---

5 – Já assistiu alguma apresentação de cordelista?

SIM ( )

NÃO ( )

5.1 – Em caso afirmativo, onde e quando?

---

---

6 – Algum professor já utilizou ou utiliza o cordel em sala de aula?

SIM ( )

NÃO ( )

6.1 – Se sua resposta for afirmativa, cite o(s) nome(s) da(s) disciplina/matéria(s).

---

---

## APÊNDICE B – Questionário aplicado com alunos da Escola Professora Elisa Coelho

Garanhuns, 13 de Agosto de 2009

Atividade de Pesquisa/Tema: O Cordel como instrumento didático no ensino de Geografia.

Questionário/Alunos (após à apresentação do cordelista e da oficina)

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

ESCOLA: \_\_\_\_\_

SÉRIE/ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

1 – Você gostou da apresentação do cordelista?

SIM ( )

NÃO ( )

Justifique:

---

---

---

2 – Quais foram os assuntos/conteúdos abordados pelo cordelista? Você os compreendeu?

---

---

---

---

3 – Você seria capaz de produzir/elaborar algo semelhante com assuntos do cotidiano que chamem sua atenção?

SIM ( )

NÃO ( )

4 - Qual ou quais o(s) tema(s) que você gostaria que fossem trabalhados em forma de Literatura de Cordel?

---

---

---

---

---

5 – Além das aulas de Geografia, acredita que seria viável a utilização do Cordel em outras Disciplinas? Por quê?

---

---

---

---

---

## APÊNDICE C – Questionário aplicado com professores da Escola Professora Elisa Coelho

Garanhuns, 06 de Agosto de 2009

Atividade de Pesquisa/Tema: O Cordel como instrumento didático no ensino de Geografia.

Questionário/Professores (anterior à apresentação do cordelista e da oficina)

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ FORMAÇÃO: \_\_\_\_\_

DISCIPLINA QUE LECIONA: \_\_\_\_\_

1 – Já utilizou o Cordel como recurso didático?

SIM ( )

NÃO ( )

2 – Se já utilizou, relate sua experiência. Caso não tenha vivido esta experiência, acredita que seja viável sua utilização? Justifique.

---

---

---

---

---

3 – Você conhece algum cordelista e algumas de suas obras?

---

---

---

4 – Durante o processo de sua formação acadêmica/profissional, a Literatura de Cordel foi abordada como instrumento didático/metodológico?

SIM ( )

NÃO ( )

5 – Acredita que a prática da Literatura de Cordel auxilia professores e alunos no processo ensino-aprendizagem? Justifique.

---

---

## APÊNDICE D – Questionário aplicado com professores da Escola Professora Elisa Coelho

Garanhuns, 13 de Agosto de 2009

Atividade de Pesquisa/Tema: O Cordel como instrumento didático no ensino de Geografia.

Questionário/Professores (após à apresentação do cordelista e da oficina)

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ FORMAÇÃO: \_\_\_\_\_

DISCIPLINA QUE LECIONA: \_\_\_\_\_

1 – Você já conhecia o cordelista? Qual sua opinião sobre sua apresentação?

---

---

---

2 – Esse recurso metodológico, ou seja, Literatura de Cordel poderia/deveria ser utilizado em outras disciplinas/matérias? Por quê?

---

---

---

3 – O que você achou da participação e aprendizagem dos alunos?

---

---

4 – Seria interessante o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar no qual se utilizasse a Literatura de Cordel? Justifique.

---

---

---

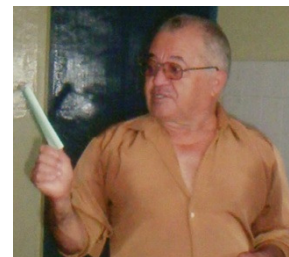
---

---

## APÊNDICE E – Entrevista com Cordelista

ENTREVISTA COM O CORDELISTA LUIZ GONZAGA DE LIMA (GONZAGA DE GARANHUNS). 11/08/2009

**Pesquisador:** O que o motivou a desenvolver esse tipo de atividade?



**Sr. Gonzaga:** Sempre tive o hábito de ler e escrever muito, desde criança, na adolescência escrevia poesias para minhas namoradas, porém, o cordel só aflorou quando li em jornais da década de 70 que citavam a existência dessa literatura em outras cidades como Caruaru, então decidi que a cidade de Garanhuns também necessitava desse reconhecimento à cultura popular.

**Pesquisador:** Há quanto tempo escreve a Literatura de Cordel?

**Sr. Gonzaga:** Desde 1973 comecei a escrever o Cordel, sempre ressaltando temas que enriqueçam nossa cidade, hoje, 34 anos depois, escrevo sobre vários assuntos desde o popular à ficção.

**Pesquisador:** Que tipo de dificuldade ou preconceito encontra na realização deste trabalho?

**Sr. Gonzaga:** Nenhum preconceito, sempre fui bem aceito em meio a sociedade literária, principalmente nos dias de hoje, pois a Literatura de Cordel é um tema muito abordado por grandes escritores.

**Pesquisador:** Tem a Literatura de Cordel apenas como hobby ou como fonte de renda?

**Sr. Gonzaga:** Mais como lazer, pois não dedico meu tempo integralmente à produção de textos, mas os faço quando é solicitado ou por encomendas cobrando uma taxa pelo trabalho.

**Pesquisador:** Quais os critérios utilizados para escolha dos temas?

**Sr. Gonzaga:** Os temas, como já foi citado, podem ser atuais, realidade ou ficção, porém os mais trabalhados são: o cangaço, a religião, história, encantamentos, gracejos, personalidades e a cidade de Garanhuns.

**Pesquisador:** O que acha da utilização do Cordel no processo de ensino-aprendizagem nas escolas?

**Sr. Gonzaga:** Excelente, este método faz com que os alunos valorizem a cultura popular ao mesmo tempo em que aprendem à disciplina aplicada. Em outros estados como Paraíba e Ceará, já existem projetos como esse.

APÊNDICE F – Atividade desenvolvida com professores e alunos da Escola Professora Elisa Coelho durante palestra do cordelista Luiz Gonzaga de Lima (Gonzaga de Garanhuns)

Garanhuns, 12 de Agosto de 2009

Atividade da Oficina

1 – A estrofe a seguir é uma sextilha composta no sistema XAXAXA. Ou seja, apenas os versos pares rimam entre si. Leia a sextilha e depois tente colocar a rima que falta no último verso da estrofe seguinte (observe que as rimas estão em letras maiúsculas).

( X ) Meu sertão tem futebol

( A ) Tem sombra, tem FARINHADA

( X ) Leilão, reisado e novena

( A ) Mas nada disso me AGRADA

( X ) Meu fraco é cavalo e gado

( A ) Cantoria e VAQUEJADA

(Corrida de Mourão – Pedro Bandeira de Caldas)

Os nossos antepassados

Eram muito PREVENIDOS;

Diziam: — Mato tem olhos

E paredes têm OUVIDOS,

Os crimes são descobertos

Por mais que sejam...

(O Cachorro dos Mortos – Leandro Gomes de Barros)

Assinale a palavra que deverá complementar/rimar nesta sextilha:

( ) OCULTOS

( ) DISFARÇADOS

( ) ESCONDIDOS

2 – Observe o exemplo abaixo, trata-se de uma SEXTILHA tradicional (estrofe de 6 versos), onde apenas os VERSOS PARES rimam entre si. Segundo o exemplo anterior, identifique uma palavra que seja adequada para completar a sextilha, com sentido.

Depois do poder de Deus

O dinheiro é o SEGUNDO

Uma vez, disse-me um velho

De saber muito PROFUNDO

Dinheiro e mulher bonita

É quem governa esse \_\_\_\_\_!

3 – Lembrando que apenas os versos pares rimam entre si, siga os exemplos anteriores e tente elaborar uma sextilha. Use sua imaginação. O tema é livre.

- 1 - \_\_\_\_\_
- 2 - \_\_\_\_\_
- 3 - \_\_\_\_\_
- 4 - \_\_\_\_\_
- 5 - \_\_\_\_\_
- 6 - \_\_\_\_\_

4 – Continue utilizando sua imaginação. Elabore mais uma sextilha. Mas dessa vez, escolha um dos conteúdos de Geografia, trabalhado em suas aulas.

- 1 - \_\_\_\_\_
- 2 - \_\_\_\_\_
- 3 - \_\_\_\_\_
- 4 - \_\_\_\_\_
- 5 - \_\_\_\_\_
- 6 - \_\_\_\_\_

APÊNDICE G – Lista de Cordéis Analisados e/ou citados

ACOPIARA, Moreira de. **O problema somos nós**. Cordel. In: O sertão é o meu lugar, São Paulo: Duna Duetto, 2011.

ALVES, Batista. Não precisa separar nós do Brasil. Cordel. Campina Grande, s/d. Disponível em: <http://batistaalves.blogspot.com/2010/05/cordel-em-resposta-musica-nordeste.html>

ALVES, Nerisvaldo. **Um Brasil nascido no Nordeste**. Cordel. Caruaru /PE, s/d.

ASSARÉ, Patativa do. Cordel. **Cordel aos poetas clássicos**, In: Ispinho e Fulô. Antonio Gonçalves da Silva, São Paulo: Hedra, 2005.

\_\_\_\_\_. Cordel. **Eu e meu Campina**, In: Ispinho e Fulô. Antonio Gonçalves da Silva, São Paulo: Hedra, 2005.

ATAYDE, João Martins de. História do Valente Vilela. Cordel, São Paulo, Editora Luzeiro limitada, 1989 reeditado.

BARROS, Leandro Gomes de. **Vida e testamento de canção de fogo**. Cordel, s/d, ed. Queima-Bucha, Mossoró: Rio Grande do Norte.

\_\_\_\_\_. **A história da Donzela Teodora**. Cordel. Mossoró, 2007. Reeditado pela editora Luzeiro Ltda. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

CAMPOS, Abdias. **O sertão de alma lavada**. Cordel, s/d, 2ª ed. Recife/PE.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **O Encontro de Canção de Fogo com José do Telhado**. Cordel. Reeditado pela Editora Luzeiro Ltda. São Paulo 2008.

CARVALHO, Ernando. **Plantas da caatinga**. Cordel. Recife, 2006.

DIONÍSIO, Luciano. **Um passeio na terrinha**. Cordel, s/d, Caruaru/PE.

DOURADO, Gustavo. **A Saga de Conselheiro nos Sertões**. s/d. disponível *online* em: <http://www.gustavodourado.com.br/cordel/A%20Saga%20de%20Conselheiro%20nos%20Sertoes.htm>

FORTALEZA, Zé Maria de. **A gramática em cordel**. Cordel. s/d. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

FRANCISCO, Antônio. **A Sorte do Preguiçoso e o Peixe Encantado**. Cordel. s/d. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

HAURÉLIO, Marco. **História da Moura Torta**. Cordel. s/d. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

LIMA, Stélio Torquato. **Iracema**. Cordel. s/d. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

MELO, José Camelo de. **Romance do Pavão Misterioso**. Cordel. s/d. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

OLINDA, Miruh deh. **Paulo Freire**. Cordel. Olinda/PE, s/d.

OLIVEIRA, Gilvânio Correia de. **Região Nordeste!** Cordel. Itanhem – BA. s/d.

RINARÉ, Rouxinou do. **O Justiceiro do Norte**. Cordel. 4ª edição, Mossoró, 2009. Projeto Acorda cordel em sala de aula)

SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Lampeão, o rei do cangaço**. Cordel, Prelúdio, 1ª ed.1959.

SILVA JÚNIOR, José Antônio da. (pseudônimo: Terlebibi). **Quem pensa que o nordeste é só pobreza nunca veio aqui nos visitar**. Projeto o maior cordel do mundo, Caruaru/PE, 2010.

VIANA, Arievaldo. **Quirino, o vaqueiro que não mentia**. Cordel. Mossoró/RN, 2010. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

VIANA, Arievaldo; FORTALEZA, Zé Maria de. **A didática do cordel**. Cordel. Canindé, 2006. (Projeto Acorda cordel em sala de aula)

## APÊNDICE H – Lista de Cordelistas Entrevistados

- 1 - Gonzaga de Garanhuns
- 2 - João Batista Campos de Farias
- 3 - José Rogaciano Siqueira Oliveira
- 4 - Manuel Monteiro
- 5 - Nerisvaldo Alves